

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

THAÍS REGINA DE ANDRADE CORRÊA

**A VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ NA COMUNIDADE DE PRÁTICAS DA
UFS: MOBILIDADE E INTEGRAÇÃO**

São Cristóvão/SE

2019

THAÍS REGINA DE ANDRADE CORRÊA

**A VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ NA COMUNIDADE DE PRÁTICAS DA
UFS: MOBILIDADE E INTEGRAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Análise e Usos linguísticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Meister Ko. Freitag

São Cristóvão /SE

2019

VERSO DA FOLHA DE ROSTO

THAÍS REGINA DE ANDRADE CORRÊA

**A VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ NA COMUNIDADE DE PRÁTICAS DA
UFS: MOBILIDADE E INTEGRAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Análise e Usos linguísticos.

Dissertação Aprovada em 22/02/2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente (Orientadora)

Profa. Dra. Livia Oushiro -- UNICAMP
Universidade de Campinas
1ª Examinadora (Externa)

Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo - UFS
Universidade Federal de Sergipe
2ª Examinador (Interno)

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo - UEFS
Universidade Estadual de Feira de Santana
3ª Examinadora (Externa)

Ao meu bom Deus, a quem sou grata por tudo que sou e que tenho;

Ao meu esposo, Rodney;

A minha mãe, Cristóvina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por tudo, pois sem Ele seria impossível trilhar esse caminho e superar as pedras e espinhos que surgiram ao longo da estrada. A caminhada rumo ao título de Mestre não foi fácil, mas graças a Ele consegui chegar até o fim.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, pelas oportunidades de crescimento acadêmico que me propiciou ao longo do percurso, pelo incentivo, pela dedicação, pela compreensão e pela orientação. Foi ela que despertou em mim o gosto por fazer ciência e pelo mundo acadêmico (desde a graduação, na Iniciação científica).

Agradeço aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Livia Oushiro, Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo e Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, por terem aceitado o convite de participar das bancas de qualificação e defesa, pelas valiosas contribuições e reflexões ao presente estudo, pela leitura atenta e cuidadosa e por serem tão solícitos.

Agradeço ao Prof. Dr. Héctor Julian Tejada Herrera, por ter sido tão prestativo e paciente para comigo quando precisei.

Agradeço aos informantes do banco de dados *Deslocamentos*, que disponibilizaram o seu tempo para contribuir com essa pesquisa, sem eles este estudo não seria possível.

Agradeço à CAPES, pelo subsídio financeiro.

Agradeço aos meus colegas do grupo de pesquisa GELINS, pelas trocas de experiências, pelas parcerias e pelo apoio.

Agradeço à minha mãe, Cristóvina, por todo amor, carinho, compreensão, dedicação e por tudo. Ela sempre acreditou em mim, até mesmo quando eu não acreditava que fosse possível chegar até aqui, uma das minhas maiores incentivadoras e apoiadoras. À minha avó, Albertina, pelo carinho, apoio, e incentivo. Aos meus irmãos Vinícius, Lucas, Vitória e Bianca por sempre torcerem por mim, por compreenderem a minha ausência e pelo incentivo.

Agradeço ao meu esposo, Rodney, pelo companheirismo de todos os momentos, por ter compreendido a minha ausência em muitas ocasiões, por me amar, me incentivar e sempre acreditar em mim.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de pesquisa, Rebeca Santana, Flávia Evangelista, Cristiane Santana e José Junior Sá, por estarem ao meu lado em todos os momentos, fossem eles bons ou ruins. Ao lado deles, eu chorei, ri, dividi dores e alegrias, cansamos de passar noites em claro para ter trabalhos concluídos, trocamos experiências, dentre tantas outras coisas que compartilhamos tanto no percurso acadêmico quanto na vida.

Agradeço à Josilene Mendonça e Andréia Araujo, amigas que conheci ao longo do percurso acadêmico, pelos bons conselhos, pelo incentivo, atenção e apoio durante essa jornada.

Agradeço a todos os meus irmãos da Igreja de Cristo em São Cristóvão, que oraram por mim, me apoiaram e que compreenderam as minhas faltas em alguns momentos.

Agradeço à minha amiga Tainara, pelas ligações, abraços, encorajamento, conselhos e por sempre me colocar em suas orações.

Agradeço à minha sogra, Isabel, à minha cunhada, Raquel, à minha tia Adriana, pelo carinho, pelas palavras incentivadoras e por sempre estarem ao meu lado.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos, que não foram referenciados, mas que, de alguma forma, contribuíram para a realização dessa etapa em minha vida.

RESUMO

A dinâmica promovida pela expansão da educação superior no Brasil devido a políticas públicas implantadas, que modificaram a forma de ingresso, possibilitou que alunos de diferentes estratos sociais e de diferentes variedades dialetais ingressassem em um curso de graduação. Neste estudo, observamos a variação entre a realização oclusiva *versus* a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ em ambiente regressivo na fala de estudantes da comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mais avançada ou quase implantada em outras regiões, a variação na realização de /t/ e /d/ é um fenômeno incipiente que vem ganhando espaço na comunidade de fala sergipana. Estudos anteriores de produção (SOUZA NETO, 2008; SOUZA, 2016) e de percepção (FREITAG; SANTOS, 2016; CORRÊA; RIBEIRO, 2018) apontam para a direção da mudança da capital para o interior, neutralidade em relação à variante oclusiva e valorização positiva para a variante palatal. Para identificar a direção e a força da mudança linguística, seguindo a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]; 1994; 2001), descrevemos a variação na realização de /t/ e /d/ em uma amostra constituída na comunidade de práticas UFS, considerando os efeitos do deslocamento dos estudantes e do tempo de curso e a sua integração. Como método, realizamos a documentação sociolinguística da comunidade com a gravação de 64 entrevistas com estudantes da UFS, estratificados quanto a seus deslocamentos: (i) moradores da grande Aracaju (nascidos e criados); (ii) moradores do interior (nascidos e criados) do estado que se deslocam no movimento pendular para a Universidade; (iii) nascidos e criados no interior, mas que vieram morar na capital por causa da Universidade; (iv) nascidos e criados em outros estados, mas que vieram morar em Aracaju por causa da UFS, sexo/gênero e o tempo de curso (início e fim). Por meio da ficha social, estabelecemos os parâmetros individuais de cada estudante quanto à integração (mobilidade, área do curso, período, vulnerabilidade, onde almoça, ocupação, com quem mora e inserção acadêmica). Foram selecionados 200 contextos de ocorrência do fenômeno (100 do início e 100 do final da entrevista) de cada entrevista, totalizando 12.800 dados, cotejados aos fatores internos e externos. A realização oclusiva equivale a 73% do total, sendo a mais frequente na comunidade de práticas UFS. A realização palatal, variante inovadora na comunidade, está associada ao vozeamento, em posição postônica não final, seguida por glide, em contexto anterior de fricativas alveolares [s, z], seguindo o mesmo padrão de condicionamento encontrado em outros estudos sobre o fenômeno, em outras regiões do Brasil. Quanto aos fatores externos, a variante palatal é mais recorrente na fala de estudantes do final do curso, do sexo/gênero masculino. Na tabulação cruzada entre sexo/gênero e tempo de curso, embora homens e mulheres tenham aumentado a frequência de uso da variante palatal no final do curso, o aumento foi proporcionalmente maior na fala das mulheres. Quanto ao fator geográfico, a variante palatal ocorreu com maior frequência no deslocamento IV, constituído pelos estudantes que vêm de outros estados; na tabulação cruzada entre o deslocamento e o tempo de curso, há aumento no uso da variante palatal nos deslocamentos I, II e IV no final do curso. Tais resultados sinalizam para o efeito da comunidade na dinamização da mudança. O maior tempo de inserção dentro de uma comunidade de práticas permite que o falante apresente maior engajamento e maiores chances de participação em eventos comunicativos, o que se reflete, neste estudo, no incremento da frequência de uso da variante palatal.

Palavras-chave: Variação na realização de /t/ e /d/; comunidades de práticas; mudança linguística; Sociolinguística; Mobilidade; Contato dialetal.

ABSTRACT

The dynamics promoted by the expansion of higher education in Brazil due to public policies implemented, which modified the way of entry, made it possible for students from different social strata and different dialectal varieties to enter an undergraduate course. In this study, we observed the variation between occlusive versus palatal realization of the consonants / t / and / d / in a regressive environment in the speech of students from the practice community of the Federal University of Sergipe (UFS). More advanced or almost implanted in other regions, the variation in the realization of / t / and / d / is an incipient phenomenon that has been gaining space in the Sergipe speech community. In this paper, we will focus on the evolution of the capital to the interior, neutrality in relation to the occlusive variant, and valuation (FREITAG, SANTOS 2016, CORRÊA, RIBEIRO, 2018) positive for the palatal variant. In order to identify the direction and the force of linguistic change, assuming as theoretical basis the Theory of Variation and Linguistic Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; 1994; 2001) aims to describe the variation in the usage of / t / and / d / in a sample constituted in the UFS community of practices, considering the effects of student displacement and course time and their integration. As a method, we performed the sociolinguistic documentation of the community with the recording of 64 interviews with UFS students, stratified as to their displacements: (i) Aracaju residents (born and raised); (ii) residents of the interior (born and raised) of the state who move in the pendular movement to the University; (iii) born and raised in the interior, but who came to live in the capital because of the University; (iv) born and raised in other states, but who came to live in Aracaju because of UFS, sex / gender, and course time (beginning and end). By means of the social card, we establish the individual parameters of each student regarding the integration (mobility, area of the course, period, vulnerability, where lunch, occupation, with whom he lives and academic insertion). We selected 200 contexts of occurrence of the phenomenon (100 from the beginning and 100 from the end of the interview), totaling 12,800 data, compared to internal and external factors. The occlusive realization is equivalent to 73% of the total, being the most frequent in the UFS practice community. Palatal realization, an innovative variant in the community, is associated with voicing, in a non-final posttonic position, followed by glide, in the anterior context of alveolar fricatives [s, z], following the same pattern of conditioning found in other studies on the phenomenon, in other regions of Brazil. As for the external factors, the palatal variant is more recurrent in the speech of students at the end of the course, of male gender. In the cross-tabulation between sex / gender and time, although men and women increased the frequency of use of the palatal variant at the end of the course, the increase was higher in women's speech. As for the geographic factor, the palatal variant occurred more frequently in the IV displacement, constituted by students who come from other states; in the cross tabulation between displacement and stroke time, there is an increase of the palatal variant in displacements I, II and IV at the end of the course. These results point to the effect of the community in dynamising change. The longer insertion time within a community of practices allows the speaker to present greater engagement and greater chances of participating in communicative events, which is reflected, in this study, in increasing the frequency of use of the palatal variant.

Keywords: Variation in the realization of / t / e / d /; communities of practice; linguistic change; Sociolinguística; Mobility; Dialectal contact.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Distribuição dos Campi da UFS no Estado de Sergipe	22
Figura 2: Distribuição de /t/ e /d/ palatal em ambiente regressivo nas capitais brasileiras.....	46
Figura 3: Desenho da coleta de dados quanto aos tipos de deslocamentos, banco de dados Falares Sergipanos, amostra Deslocamentos.....	59
Figura 4: Distribuição dos informantes dos deslocamentos I, II e III.....	64
Figura 5: Distribuição dos informantes dos deslocamentos IV	65
Gráfico 1: Distribuição de frequência das consoantes /t/ e /d/ quanto à realização	80
Gráfico 2: Realização de /t/ e /d/ quanto à natureza do segmento vocálico (N total 12.800)	82
Gráfico 3: Realização de /t/ e /d/ quanto à posição da sílaba tônica (N = 12.800)	84
Gráfico 4: Realização de /t/ e /d/ quanto à sonoridade da consoante (N total = 12.800)	85
Gráfico 5: Realização de /t/ e /d/ por contexto anterior (N total = 12.800)	87
Gráfico 6: Realização de /t/ e /d/ quanto ao contexto posterior (N total = 12.800)	89
Gráfico 7: Realização das consoantes /t/ e /d/ quanto ao tempo de curso (N total = 12.800).....	91
Gráfico 8: Realização das consoantes /t/ e /d/ por deslocamento	92
Gráfico 9: Realização de /t/ e /d/ por falante no deslocamento IV (N total = 3.200)	94
Gráfico 10: Realização quanto ao sexo/gênero do falante.....	96
Gráfico 11: Cruzamento entre sexo/gênero e o tempo de curso (N total = 3.304)	97
Gráfico 12: Cruzamento entre os fatores tempo de curso e deslocamento (N palatal 3.404)	98
Gráfico 13: Realização quanto a com quem mora	101
Gráfico 14: Realização quanto à ocupação.....	103
Gráfico 15: Realização em relação a onde almoça	104
Gráfico 16: Realização quanto à participação em projetos.....	105
Gráfico 17: Realização das consoantes /t/ e /d/ quanto vulnerabilidade do estudante	106
Gráfico 18: Índice de integração, deslocamento.....	108
Quadro 1: Distribuição de cursos por unidade/cidade (UFS em números 2015/2016).....	23
Quadro 2: Auxílios e Bolsas ofertadas para estudantes da UFS	24
Quadro 3: Realizações oclusivas alveolares e africadas alveopalatais das consoantes /t/ e /d/	42
Quadro 4: Variáveis extralinguísticas e linguísticas que favorecem a palatalização	46
Quadro 5: Sistematização dos resultados de estudos sobre a palatalização de /t, d/ em Sergipe.....	50
Quadro 8: Fatores controlados no índice, critério e a pontuação.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 MUDANÇAS	18
1.1 MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL	18
1.1.1 Universidade Federal de Sergipe	21
1.1.2 Deslocamentos geográficos	25
1.1.3 Bairro Rosa Elze.....	27
1.2 MUDANÇA LINGÜÍSTICA	28
1.2.1 Teoria da variação e da mudança	29
1.2.2 Comunidade de Fala e Comunidade de Práticas	33
1.2.3 Variedades de prestígio e de estigma	38
2 O FENÔMENO DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS /T/ E /D/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	41
2.1 O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO	41
2.2 PALATALIZAÇÃO EM SERGIPE	48
2.2.1 Souza Neto (2014[2008])	49
2.2.2 Souza (2016).....	49
2.2.3 Resultados dos estudos	50
2.3 PALATALIZAÇÃO NA COMUNIDADE DE PRÁTICAS UFS.....	53
2.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE PRÁTICAS UFS.....	56
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	58
3.1.1 Perfil social dos participantes	60
3.2 VARIÁVEIS CONTROLADAS	65
3.2.1 Variável Dependente	66
3.2.2 Variáveis independentes	66
3.2.3 Variáveis Linguística	67
3.2.3.1 Contexto anterior.....	67
3.2.3.2 Contexto posterior	67
3.2.3.3 Tipo de vogal	68
3.2.3.4 Tonicidade da sílaba alvo.....	69
3.2.3.5 Sonoridade	69
3.2.4 Variáveis extralingüísticas	70
3.2.4.1 Sexo/Gênero.....	70
3.2.4.2 Deslocamento Geográfico	71
3.2.4.3 Tempo de curso (tempo de inserção na comunidade)	72
3.3 ÍNDICE DE INTEGRAÇÃO À UFS	73
3.3.1 Vulnerabilidade	74
3.3.2 Com quem mora	74
3.3.3 Onde almoça.....	75
3.3.4 Faz parte projeto de pesquisa, extensão ou monitoria (Inserção acadêmica)	75
3.3.5 Ocupação.....	75
3.4 TRATAMENTO DOS DADOS	76
4 RESULTADOS	80
4.1 RESULTADOS GERAIS	80
4.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	81
4.2.1 Tipo de Vogal	82
4.2.2 Tonicidade da sílaba	83
4.2.2.1 Sonoridade das consoantes /t/ e d/.....	85
4.2.3 Contexto anterior.....	86
4.2.4 Contexto posterior	88
4.3 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS	90
4.3.1 Tempo de Curso.....	90

4.3.2	<i>Variável geográfica deslocamento</i>	92
4.3.3	<i>A variável social sexo/gênero</i>	95
4.3.4	<i>A variável tempo de curso em relação a variável sexo/gênero</i>	96
4.3.5	<i>A variável tempo de curso em relação a variável deslocamento</i>	98
4.4	FATORES DINAMIZADORES: A INTEGRAÇÃO À COMUNIDADE UFS	100
4.4.1	<i>Com quem mora</i>	100
4.4.2	<i>Ocupação</i>	103
4.4.3	<i>Onde almoça</i>	104
4.4.4	<i>Inserção acadêmica</i>	105
4.4.5	<i>Vulnerabilidade</i>	106
4.4.6	<i>Análise do índice de integração à UFS</i>	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS		109
REFERÊNCIAS		113
ANEXOS		119
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA		119
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO		120
ANEXO C – FICHA SOCIAL DO PARTICIPANTE		121
ANEXO D – ALINHAMENTO ELAN		122

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) passou por mudanças devido às políticas públicas implantadas que modificaram a forma de ingresso, possibilitando que alunos de diferentes estratos sociais e de diferentes variedades dialetais ingressassem no ensino superior em maior quantidade. E essas transformações acarretaram mudanças tanto sociais quanto linguísticas na comunidade acadêmica.

Nesse cenário, temos como foco o fenômeno da palatalização das consoantes /t/ e /d/, que se configura no português brasileiro como um marcador dialetal e social que permite que falantes identifiquem diferentes falares (CRISTÓFARO-SILVA et al, 2012). A palatalização de /t/ e /d/, em ambiente fônico regressivo, em palavras como /tia~tʃia/, /dia~dʒia/, é a realização categórica na maior parte do Brasil; no entanto, na maior parte dos estados do nordeste do Brasil predomina a realização oclusiva alveolar (CARDOSO et al, 2014). No estado de Sergipe, estudos realizados por Souza Neto (2014[2008]) e Souza (2016) apontam que as variantes /t/ e /d/ estão em variação e que o uso da variante palatal é mais frequente na fala dos falantes mais jovens, com maior nível de escolarização, e mais adiantado na capital do estado (FREITAG, 2016), o que sugere que a comunidade está passando por um processo de mudança, seguindo a mesma tendência de outras comunidades de fala em que a variação na realização das consoantes /t/ e /d/ também ocorre.

Tendo em vista que a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ apresenta frequência de uso variada a depender da variedade dialetal e considerando a dinâmica promovida pela expansão da UFS e o processo de mudança linguística pelo qual o estado de Sergipe está passando em relação ao uso da variante palatal, nesta pesquisa, nos propomos a responder a seguinte questão: o tempo de inserção dos estudantes universitários na comunidade de práticas UFS (e a consequente integração do estudante) influencia na frequência de uso das realizações de /t/ e /d/?

Temos por hipótese que o tempo de inserção na comunidade de práticas UFS influencia a realização das consoantes /t/ e /d/, de modo que quanto maior é o tempo que o estudante está inserido e integrado na comunidade maior a frequência de uso da

realização palatal das consoantes /t/ e /d/ , pelo maior tempo de contato que os membros desta comunidade têm com diferentes variedades do português – inclusive aquelas em que o uso das variantes palatalizadas /tʃ/ e /dʒ/ é quase categórico – decorrente da mobilidade do acesso à educação superior, e por ser uma variante prestigiada na comunidade (FREITAG; SANTOS , 2016; CORRÊA; RIBEIRO, 2018).

Nesta pesquisa, temos por objetivo observar a variação entre a realização oclusiva alveolar *versus* a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal fonológica /i/ (alternativa ~ alternatíva, dizer ~ dizer), vogal fonética [I] derivada de /e/ em posição átona elevada (nordeste ~ nordesti, desfazer ~ dizerfazer) ou semivogal /y/ (comédia ~ comédia, sítio ~ síti) na fala de estudantes da comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Temos como objetivos específicos:

- i) Verificar os efeitos dos condicionadores internos à língua que atuam no fenômeno da palatalização de /t/ e /d/;
- ii) Realizar uma análise em tempo aparente entre os estudantes do início e do final do curso de graduação para ver efeitos na frequência de uso da variante palatal quanto ao tempo que o falante está inserido na comunidade;
- iii) Comparar a frequência de uso das variantes de /t/ e /d/ na fala de estudantes quanto aos diferentes deslocamentos geográficos e em relação ao tempo de curso;
- iv) Comparar a frequência de uso das variantes entre homens e mulheres em relação ao tempo de curso;
- v) Comparar a frequência de uso das variantes /t/ e /d/ quanto à integração dos estudantes à comunidade UFS.

No presente estudo, assumimos como base teórica a Teoria da Variação e Mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]; LABOV, 1994; 2001), investigando a variação por meio de fatores sociais e linguísticos.

A documentação linguística que subsidia as análises foi realizada em parceria com Cristiane Conceição de Santana Ribeiro, que desenvolve a pesquisa Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições locativas em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe (RIBEIRO, 2019). Os procedimentos éticos para a atividade de documentação foram realizados coletivamente

por meio do processo CAAE 0386.0.107.000-11, e as amostras, após documentação e tratamento, passarão a integrar o Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013, 2017).

Apresentados os objetivos deste trabalho, apresentamos como ficou estruturada esta dissertação. No primeiro capítulo, apresentamos as mudanças que ocorreram nas universidades federais brasileiras, por meio das políticas públicas e como essas mudanças refletiram no cenário social da Universidade de Federal de Sergipe; tratamos da abordagem da teoria de variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]; LABOV, 2001), que preconiza que as mudanças na estrutura social refletem em mudanças linguísticas e que foi utilizada como base para o presente trabalho; os conceitos de comunidade de fala e de comunidade de práticas trazidos por Labov (2008[1972]; 2001) e Eckert (2006), respectivamente, bem como as noções de norma culta propostas por Lucchesi (2015) e por Faraco (2008).

No segundo capítulo, tratamos do fenômeno da palatalização das oclusivas /t/ e /d/ no português brasileiro, mostrando quais são as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o fenômeno com base em estudos já realizados no Brasil; falamos da palatalização no estado de Sergipe com base nos estudos realizados por Souza Neto (2014[2008]) e Souza (2016), mostrando os fatores sociais e linguísticos que estão conduzindo o processo de variação e mudança no estado; abordamos o fenômeno da palatalização na UFS.

No terceiro capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa: a constituição da amostra, os métodos utilizados, a descrição das variáveis linguísticas e sociais controladas, a constituição do índice de integração, e os métodos de tratamento e análise dos dados.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados obtidos por meio da análise da variação entre a realização oclusiva alveolar versus a palatal das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal fonológica /i/, vogal fonética [I] derivada de /e/ em posição átona elevada e semivogal /y/, expondo discussões relativas a fatores internos e externos a língua. A análise realizada evidencia que realização palatal das consoantes /t/ e /d/ é a

variante inovadora na comunidade de práticas UFS e fatores como o tempo de inserção na comunidade, os efeitos de deslocamento e a integração exercem influência quanto ao uso da variante palatal.

1 MUDANÇAS

Nesta seção, trataremos das mudanças que ocorreram nas universidades federais brasileiras nos últimos anos, por meio das políticas públicas, e de como essas mudanças refletiram no cenário social da Universidade de Federal de Sergipe. Em seguida, apresentamos a teoria de variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]; LABOV, 2001), que preconiza que as mudanças na estrutura social refletem em mudanças linguísticas, e que foi utilizada como base para o presente trabalho; abordaremos os conceitos de comunidade de fala e de comunidade de práticas de Labov (2008[1972]) e Eckert (2006), respectivamente, bem como as noções de norma culta propostas por Lucchesi (2015) e por Faraco (2008), relacionando-as à questão da variação.

1.1 MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL

Nas últimas duas décadas, as universidades federais do Brasil passaram por diversas mudanças em sua estrutura social em função das políticas para democratizar o acesso à educação superior e combater as desigualdades regionais e espaciais existentes em nosso país. Conforme Andrade (2018, p. 3), “o processo histórico do Brasil mostra a inexistência de um acesso democrático, uma vez que desde a instituição dos primeiros cursos de nível superior, a oferta esteve voltada para as elites”, significando que o acesso à universidade era para poucos. Além disso, as universidades federais estavam majoritariamente concentradas nas capitais e centros urbanos, especialmente nas regiões Sul e Sudeste.

Políticas públicas, como o programa de Expansão com Interiorização de Universidade Pública (EXPANDIR), criado em 2005, e o programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), foram implementadas com o objetivo de reduzir assimetrias, especialmente as desigualdades regionais e espaciais na oferta da educação superior pública no Brasil.

Os programas EXPANDIR e REUNI levaram à criação de 18 novas universidades federais, das quais 6 foram no Nordeste, além da criação de 182 *campi*

universitários (relatório *A democratização e expansão da educação superior no país 2003 - 2014*¹, 2015). Segundo Freitag (no prelo), o cenário da educação pública em nível superior no Nordeste do Brasil mudou sensivelmente entre 2003 e 2010, com as políticas públicas de expansão e interiorização das universidades públicas, levando não só a uma ampliação no número de vagas na educação superior, como também à interiorização da educação superior pública, contribuindo para o combate a desigualdades regionais e espaciais.

Dentre as políticas públicas para a democratização do acesso à educação superior públicas, destacam-se o Plano Nacional de Assistência Estudantil, a Lei nº 12.711/2012, o Programa de Bolsa Permanência e o Sistema de Seleção Unificada (SISU).

O **Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)** foi criado em 2008 para apoiar a permanência de estudantes de baixa renda em cursos de graduação presencial, tendo como principal objetivo propiciar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes por meio de medidas que visam combater a repetência e evasão. O PNAES oferece assistência à moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte e apoio pedagógico (BRASIL, 2015).

Já a **Lei nº 12.711/2012**, conhecida como a Lei de Cotas, é aplicada às instituições públicas de ensino superior com a finalidade de combater a exclusão de grupos minoritários do acesso à educação superior. Tal lei reserva 50% das vagas das instituições para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. A reserva de vagas é dividida em quatro categorias, sendo elas: (i) pretos, pardos e indígenas com até um salário mínimo e meio de renda *per capita*; (ii) pretos, pardos e indígenas, independentemente da renda; (iii) estudantes que cursaram todo o ensino médio em escola pública, independentemente de pertencimento étnico-racial, com renda *per capita* familiar de até um salário mínimo e meio; e (iv) estudantes que cursaram todo o ensino médio em escola pública, independentemente de pertencimento étnico-racial e da renda (BRASIL, 2015).

¹ Políticas para expansão e acesso ao ensino superior e permanência também foram implementadas nos institutos tecnológicos federais e nas universidades estaduais, em todo o Brasil.

O Programa de Bolsa Permanência (PBP), por sua vez, foi criado em 2013, concede auxílio financeiro aos estudantes matriculados em situação de vulnerabilidade socioeconômica e para estudantes indígenas e quilombolas. O PBP tem por objetivo minimizar as desigualdades sociais, reduzir custos de manutenção de vagas ociosas em decorrência de evasão estudantil e promover a democratização do acesso ao ensino superior (BRASIL, 2015);

O Sistema de Seleção Unificada (SISU), que, tendo por diretriz a democratização do acesso às vagas oferecidas pelas universidades públicas, foi implementado no ano de 2010 (cf. BRASIL, 2015). Esse mecanismo de seleção permite que, com as notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), estudantes concorram a vagas em instituições das diferentes regiões do Brasil sem ter que arcar com custos de deslocamento para a realização de provas fora do seu estado, ampliando, assim, a mobilidade acadêmica.

Todas essas ações afirmativas possibilitaram o ingresso de alunos com um perfil diferente daquele considerado “clássico” na educação pública de nível superior. Para Marque e Cêpeda (2012, p.187), medidas como essas são necessárias para tornar “a educação superior como parte de um projeto de empoderamento e construção de novos atores/sujeitos sociais”. No antigo padrão de seleção, pautado no vestibular universal, o perfil de aluno que ingressava nas universidades públicas era de classe média ou níveis socioeconômicos mais altos, com alto poder aquisitivo de bens e consumo, oriundo de instituições particulares e, geralmente, residentes da zona urbana, o que reforçava um padrão sociocultural elitista. Com a implantação de políticas de ações afirmativas como as destacadas, tem-se a inserção de um novo perfil de aluno na universidade, um perfil mais heterogêneo: alunos egressos de escolas públicas, pertencentes a famílias de baixa renda, com menor poder aquisitivo, e de diferentes etnias, residentes de periferias urbanas, zona rural ou geograficamente distante, que agora também podem ter acesso à universidade de forma mais igualitária (MARQUE; CÊPEDA, 2012). Todas essas transformações ocorreram em âmbito nacional nas instituições de ensino superior, inclusive, na Universidade Federal de Sergipe, no estado de Sergipe.

A seguir, contextualizaremos a UFS, bem como as transformações pelas quais a instituição passou devido à implantação das políticas públicas. Para tanto, utilizamos como fonte dados institucionais de acesso público no Portal UFS, sob a forma dos relatórios Radar, UFS em números, Anuário estatístico UFS e Resumo executivo.

1.1.1 Universidade Federal de Sergipe

Pela junção de escolas superiores de ensino já existentes (Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Química (1948), Faculdade de Direito e Faculdade Católica de Filosofia (1950), Escola de Serviço Social (1954) e Faculdade de Ciências Médicas (1961)), foi criada uma universidade em Sergipe. No ano de 1963, a Secretaria de Educação do Estado iniciou o processo de criação da universidade, mas este só foi concretizado em 1967, pelo Decreto-Lei nº 269, e efetivado em 15 de maio de 1968. A partir dessa data, a Fundação Universidade Federal de Sergipe passou a integrar o sistema federal de ensino superior, incorporando todos os cursos superiores existentes no estado.

Em 1978, a Universidade Federal de Sergipe (UFS) passou por uma reforma administrativo-acadêmica. O Ministério da Educação (MEC) estabeleceu novas diretrizes para que a UFS reformulasse o currículo dos seus, até então, 23 cursos e os distribuisse em quatro unidades de ensino, a saber, Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). Na década de 1980, a UFS foi transferida, gradativamente para suas novas instalações no *campus* universitário, situado no bairro Rosa Elze, na cidade de São Cristóvão, região metropolitana da capital do estado. Em 1987, com a Resolução 01/87 do Conselho Universitário (CONSU), o *campus* passou a ser denominado “Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos”.

A UFS foi beneficiada por programas como o EXPANDIR e o REUNI, que possibilitaram sua ampliação e reestruturação. A implantação desses programas na instituição contribuiu para a criação de *campi* no interior do estado de Sergipe (em Itabaiana, Lagarto, Laranjeiras e Nossa Senhora da Glória (figura 1)).

Figura 1: Distribuição dos Campi da UFS no Estado de Sergipe



Fonte: TCE/SE adaptado por CORRÊA (2019)

Devido à ampliação na oferta de educação superior, a UFS, hoje, conta com sete *campi*: o campus Prof. José Aloísio de Campos (unidade sede da universidade), situado no município de São Cristóvão, região metropolitana da capital do estado; o Campus Prof. Alberto Carvalho, situado no município de Itabaiana (instalado em 2006); o Campus de Laranjeiras (instalado em 2007); o Campus Universitário Prof. Antonio Garcia Filho, situado na cidade de Lagarto (instalado em 2011); e o Campus do Sertão, situado em Nossa Senhora da Glória (instalado em 2014). Com a expansão, o número de vagas ofertadas pela instituição também foi ampliado de 2.000 para 5.720 entre o período de 2004 – 2017 (Resumo Executivo Nº 1/2017). Assim, a UFS oferta, todos os anos, 5720 vagas para cursos presenciais, distribuídos nos seus seis *campi*, conforme mostra o quadro 1.

Quadro 1: Distribuição de cursos por unidade/cidade (UFS em números 2015/2016)

	Número de cursos ofertados	Número de vagas	Modalidade de ingresso
Unidade sede – São Cristóvão/SE	78 Cursos	4010	SISU
	2 Cursos	80	Vestibular
Campus da Saúde Prof. João Cardoso Nascimento Júnior – Aracaju/SE	5 Cursos	320	SISU
Campus de Laranjeiras - Laranjeiras /SE	4 Cursos	200	SISU
Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho – Itabaiana/SE	10 Cursos	500	SISU
Campus Universitário Prof. Antonio Garcia Filho - Lagarto/ SE	8 Cursos	410	SISU
Campus do Sertão – Nossa Senhora da Glória / SE	4 Cursos	200	Vestibular
Total	111 cursos	5720 vagas	

Cabe ressaltar que das 111 opções de cursos ofertados pela UFS, 105 são via SISU e seis são por meio processo seletivo próprio (vestibular) - Libras, Música, ofertados no campus de São Cristóvão, e Agroindústria, Engenharia Agrônômica, Medicina Veterinária e Zootecnia, ofertados no Campus do Sertão.

Além das mudanças referentes aos processos de interiorização e expansão, a UFS também passou por mudanças relacionadas à forma de ingresso. Até o ano de 2011, sua forma de ingresso era por meio do processo seletivo seriado, equivalente ao vestibular. Nos dois anos subsequentes, 2012 e 2013, a instituição passou a adotar a nota do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) como base de aprovação de novos alunos. Mas foi somente em 2014 que a UFS aderiu ao Sistema de Seleção Unificada (SISU) como mecanismo de seleção para ingressar nos cursos de graduação oferecidos pela instituição. Esse sistema adotado permite que, com as notas obtidas no ENEM, estudantes de diferentes regiões do país possam disputar uma das 5.440 vagas ofertadas em 105 cursos distribuídos pelos *campi* da instituição.

Por conta do sistema de cotas implantado desde 2012, o perfil de aluno nas universidades públicas brasileiras mudou, conforme já destacado na seção anterior. A UFS passou a receber estudantes de diferentes estratos sociais e para que esses

estudantes, com o novo perfil, pudessem permanecer e se integrar na instituição até o término da graduação, a universidade, através da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proest), por meio da Coordenação de Assistência e Integração do Estudante (Codae), oferta auxílios e bolsas de assistência para seus estudantes, tais como os apresentados no quadro 2.²

Quadro 2: Auxílios e Bolsas ofertadas para estudantes da UFS

O Programa de Residência Universitária, cujo objetivo é assegurar moradia para todos os estudantes matriculados que necessitem de condições para que possam continuar na universidade. Com essa bolsa de residência, pessoas diferentes passam a conviver juntas diariamente em um ambiente semelhante ao familiar; geralmente, cada residência agrega 8 pessoas;
Bolsa alimentação, que consiste em prover despesas com alimentação para alunos que necessitem do auxílio e tem como finalidade fazer com que o estudante permaneça no curso de graduação. Os estudantes do Campus de São Cristóvão que são residentes têm isenção na taxa cobrada pelo RESUN e cada residência universitária recebe um valor mensal de R\$ 400, para despesas com alimentação no café da manhã e finais de semana.
Auxílio transporte é ofertado para os estudantes que têm necessidade de se deslocar da sua residência até a UFS por meio de transporte coletivo; o valor do auxílio é de R\$ 50,00.
Auxílio Esporte é ofertado para estudantes que tenham aptidões em modalidade esportiva, conforme a modalidade; esses estudantes treinam em equipe para participar de competições locais, regionais e nacionais. O auxílio é no valor mensal de R\$ 400,00 e o critério de seleção se dá por meio de avaliação socioeconômica.
Auxílio Cultura é ofertado a estudantes que tenham aptidões para participar de grupos musicais, teatrais ou de dança, conforme a modalidades; os estudantes se reúnem para participar de ensaios e atuações em apresentações locais, regionais e nacionais. Este auxílio oferece uma bolsa de R\$ 400,00 e tem como critério de seleção a habilidade do estudante na modalidade escolhida e a avaliação socioeconômica.
Auxílio inclusão, auxílio mensal de R\$400,00 para auxiliar estudantes com deficiência e/ou com necessidades educativas especiais que estão matriculados na UFS. O critério de seleção é feito pela avaliação socioeconômica do estudante.
O Programa Monitoria que proporciona aos estudantes de graduação experienciar práticas didático-pedagógicas auxiliadas pelo professor orientador, o qual ajudará a desenvolver habilidades relacionadas ao magistério. O valor mensal da bolsa é de 400,00.
O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX), que tem por finalidade promover a dinâmica e vivência de projetos de extensão por professores e alunos da UFS; as áreas de atuação são bastante diversificadas. O valor mensal da bolsa é de 400,00.

² Os impactos linguísticos da expansão interferem na organização acadêmica e desempenho: dificuldade com leitura e escrita é um problema recorrente apontado pelo universitário brasileiro. Esta dificuldade se tornou mais acentuada com a recente democratização do acesso à educação, o que torna necessária a promoção de políticas de permanência que possam tornar mais igualitárias as oportunidades não somente sob a perspectiva financeira, mas também pedagógica, uma vez que, recentemente, os discursos de que a educação superior é deficiente têm aumentado, levando até à indicação de que os resultados negativos no cenário educacional são em grande parcela decorrentes das novas políticas de expansão. Em sendo a língua dinâmica e modelada pelo contexto social, descrever o perfil linguístico do universitário é o primeiro passo para pensar em estratégias efetivas para atuar no problema das dificuldades em leitura e escrita, que interferem no desempenho no curso, levando à retenção e abandono. Este é um dos objetivos do projeto “Como fala, lê e escreve o universitário”, coordenado pela Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, com apoio na forma de bolsas de assistência estudantil do Edital Conjunto N° 02/2018/PROGRAD/PROEST.

Os Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e de Desenvolvimento Tecnológica e Inovação (PIBITI), que têm como objetivo fazer com que os estudantes se envolvam em pesquisa científica e inovação tecnológica, o que possibilita que o aluno permaneça mais tempo na universidade. O valor da bolsa é de 400,00.

Fonte: Proest/Codae. Resolução Nº 11/2014/CONSU, Conselho Universitário da Universidade Federal de Sergipe, 2014.

Todas essas transformações causaram impactos no cenário social da UFS, visto que a democratização de acesso ao ensino superior ocasionou um aumento no fluxo migratório de estudantes. O *campus* Prof. José Aloísio de Campos, unidade sede da instituição, que tem o maior número de cursos e atende ao maior número de alunos, passou a receber estudantes de diferentes regiões geográficas, tanto de fora do estado, quanto de diferentes localidades de Sergipe (pessoas da região metropolitana da capital e pessoas do interior, oriundas tanto da zona urbana, quanto da zona rural). E isso ocasionou um aumento no fluxo de migração interna e de movimento pendular em prol da educação em nível superior.

1.1.2 Deslocamentos geográficos

Conforme Lee (1980 *apud* OLIVEIRA, 2011), a migração interna ou externa pode ocorrer de forma permanente ou semipermanente do lugar de origem, não apresenta limitações em relação à distância do deslocamento feito e pode ser de natureza voluntária ou involuntária. Com base nos documentos orientadores do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a migração interna ocorre em níveis estadual e municipal. Já o movimento pendular, conforme afirma Jardim (2011), refere-se ao deslocamento entre o lugar do domicílio e o lugar de trabalho ou estudo, medidos em tempo e espaço, podendo variar em horas, dias, semanas e até mesmo meses, ou mudanças de residências sem retornar ao mesmo lugar. Ainda segundo Jardim (2011, p. 66),

Os movimentos pendulares relacionam-se a expansão do território metropolitano, o que possibilita, em termos social e geográfico, a criação de novas territorialidades e espaços sociais no lugar de origem e de destino (lugar do domicílio e do trabalho ou estudo, lazer, atividades culturais, entre outras); a mudança de lugar associa-se aos movimentos sociais, que influenciam as políticas urbano-metropolitanas referentes à infraestrutura urbana e social, e à política de transportes. Portanto, vinculam-se à

mobilidade residencial da população nas grandes aglomerações urbano-metropolitanas (JARDIM, 2011, p.66).

A **migração interna, permanente ou semipermanente**, realizada por estudantes, tanto de fora do estado quanto do interior do estado de Sergipe, para a UFS, ocorre nas formas seguintes:

- ✓ O deslocamento ocorre em nível interestadual: neste caso, os estudantes mudam-se do seu estado de origem para o estado de Sergipe, com a finalidade de dar continuidade aos estudos em nível superior, e ao término do curso, poderão retornar ao seu estado de origem ou não;
- ✓ O deslocamento ocorre em nível intermunicipal: neste caso, os estudantes deslocam-se do seu município de origem e passam a morar na região da grande Aracaju, e ao término do curso de graduação, podem retornar à sua cidade de origem ou permanecer no local para o qual migraram.

Já o **movimento pendular** realizado pelos estudantes da região metropolitana de Aracaju e do interior do estado de Sergipe para a UFS pode ocorrer de três formas³:

- ✓ Os estudantes da região metropolitana de Aracaju (Aracaju, São Cristóvão, Barra dos Coqueiros e Socorro) vão e voltam todos os dias para a universidade. Esse movimento, geralmente, é realizado utilizando o ônibus do sistema integrado de transporte urbano, carro próprio, moto, bicicleta, ou até mesmo a pé pelos que moram próximo à universidade.
- ✓ Os estudantes vão e voltam todos os dias para o município (zona urbana e zona rural) onde residem, geralmente, fazendo esse movimento migratório por meio de ônibus de associações ou transportes escolares disponibilizados pelas prefeituras do município;
- ✓ Os estudantes deslocam-se dos seus municípios de origem e vêm morar na região da grande Aracaju durante a semana e no final de semana e nas férias voltam para suas cidades.

Esse aumento no fluxo migratório de estudantes em busca da educação superior acarretou um aumento populacional no bairro Rosa Elze, onde fica situado o *campus* Prof. José Aloísio de Campos. Em consequência disso, o bairro passou e passa por

³ Essas informações foram sistematizadas durante o período de observação e relatos dos participantes da presente pesquisa.

muitas mudanças para tentar atender a essa população universitária que cresce a cada dia.

1.1.3 **Bairro Rosa Elze**

Nesta subseção, apresentaremos o bairro Rosa Elze e as transformações pelas quais passou em função da UFS.

O bairro Rosa Elze, situado na cidade de São Cristóvão, localiza-se a 4km de Aracaju, capital do estado, e a 14km da sede do município. A instalação da UFS em 1981, no bairro, é o marco das transformações urbanas na região, uma vez que a universidade dá início às suas “atividades e a Companhia de Habitação de Sergipe (COHAB-SE) adquire terras nas proximidades do bairro para a construção de um conjunto habitacional”; com isso a área passa a ser objeto de especulação imobiliária, conforme afirma Menezes (2011, p.3). Ainda conforme o autor, esse dinamismo do bairro Rosa Elze e adjacências atraiu a atenção de muitas pessoas, o que fez com que muitas deixassem de viver no campo para viver na cidade, aumentando o contingente demográfico e, conseqüentemente, a demanda por infraestrutura urbana.

A mudança da universidade para o bairro proporcionou grandes transformações estruturais, como a intensificação de ocupação no próprio bairro e loteamentos adjacentes, melhores condições de acesso, transporte, infraestrutura, comércio e o aumento de novos empreendimentos. Hoje, o bairro conta com um terminal de integração de transporte público que interliga Aracaju e regiões adjacentes, o que beneficia a região com a sua participação no Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Município de Aracaju – Setransp, e conta também com infraestrutura urbana com rede de esgoto e saneamento básico, ruas asfaltadas, abastecimento de água. Na região, há escolas de redes municipal, estadual, federal e da rede privada. As atividades comerciais que são desenvolvidas no bairro são representadas por pequenos negócios em virtude da proximidade que se tem com a capital (MENEZES, 2011).

As atividades comerciais e serviços que têm maior demanda pela comunidade universitária são as lanchonetes, bares, salões de beleza, restaurantes, *lan houses*, academias e copiadoras. No entanto, esse comércio local sofre com a falta de clientes

em determinados períodos do ano, quando a comunidade universitária entra em férias ou quando a universidade entra em greve, o que demonstra a integração da UFS à vida e à economia do bairro. Conforme Menezes (2011), o bairro apresenta um investimento muito grande em empreendimentos imobiliários, tendo em vista o crescente número de estudantes universitários que migram para a região por conta da universidade, indo residir no bairro Rosa Elze em imóveis alugados e em repúblicas estudantis.

Todas as mudanças que ocorreram nas universidades públicas federais não acarretaram mudanças somente na estrutura social das comunidades acadêmicas e dos bairros em que elas estão situadas; elas ocasionaram também mudanças na estrutura linguística, uma vez que as políticas públicas adotadas fizeram com que houvesse uma democratização do ensino superior, possibilitando o acesso às classes desfavorecidas socialmente, e a mobilidade acadêmica aos estudantes de diversas regiões geográficas. Esta diversidade se reflete na língua, visto que cada estudante carrega consigo valores, culturas, normas, modos de falar, repertórios e traços linguísticos típicos de seu lugar de origem. E em um espaço social como é a universidade, essa diversidade de formas se encontra e faz com que a língua mude acompanhando todas as mudanças que ocorrem no meio social.

1.2 MUDANÇA LINGUÍSTICA

Conforme Weinreich, Labov, Herzog, (2006[1968], p.114), por a língua ser uma instituição com autonomia própria, as condições gerais para o seu desenvolvimento devem ser determinadas a partir de um ponto de vista puramente linguístico; no entanto, a língua também é uma instituição social, e por esse motivo a linguística é uma ciência social. Sendo assim, podemos recorrer tanto às mudanças sociais, quanto às mudanças internas ao sistema linguístico para entender e explicar a variação e mudanças que ocorrem na língua. Nessa perspectiva, Labov (2001) afirma que o curso da mudança linguística deve ser explicado por sua interação com as forças sociais de modo que se possa identificar e mapear os grupos sociais que são os líderes de mudança nas comunidades de fala.

Conforme Labov (2008[1972]), a variação que ocorre no comportamento linguístico, por si só, não exerce grande influência sobre o desenvolvimento social, nem atinge de forma drástica as perspectivas na vida do indivíduo, muito pelo contrário, é o comportamento linguístico que muda ao passo que o falante vai mudando de posição social. E essa flexibilidade que a língua tem sustenta sua grande utilidade como uma indicadora de mudança social.

Por esse motivo, Labov (2008[1972]) afirma que, embora os fatores linguísticos sejam importantes para explicar a propagação e regularidade da mudança, tentar explicar as mudanças que ocorrem na língua por uma abordagem que considera somente as pressões estruturais é insuficiente, pois nem todas as mudanças são altamente estruturadas, tal como nenhuma mudança ocorre no vácuo social. Para Labov, não há como entender o desenvolvimento da mudança linguística se não levarmos em consideração a vida social da comunidade em que ela ocorre, pois as pressões sociais não operam em um ponto remoto no passado, mas sim continuamente sobre a língua agindo no presente vivo. Foi por este motivo que apresentamos a contextualização das mudanças na educação superior brasileira, em geral, e na UFS, em particular, a fim de construir o panorama para o tratamento da mudança linguística.

1.2.1 Teoria da variação e da mudança

A Teoria da Variação e Mudança, ou sociolinguística variacionista, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), parte da premissa de que a variação linguística é inerente às línguas naturais, sistematizada mediante descrição de regras categóricas e variáveis, as quais são regidas por um sistema linguístico heterogêneo. Esse sistema é constituído por subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes. Essa heterogeneidade possibilita o uso de formas alternativas de se dizer “a mesma coisa”. No entanto, não é porque essas formas têm o mesmo valor de verdade que elas terão a mesma significação social, já que o valor das variantes é determinado por fatores sociais, linguísticos, estilísticos, geográficos (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]).

Embora as formas variantes estejam disponíveis a todos os falantes adultos de uma dada comunidade, nem todos os membros fazem uso delas com a mesma frequência, pois existem algumas restrições em seus conhecimentos pessoais, práticas e/ou privilégios ao seu *status* social que os condicionam a fazer uso de uma forma em detrimento de outra. Bloomfield (1933 *apud* WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968]) afirma que, constantemente, os falantes estão adaptando o seu modo de falar ao seu interlocutor, no entanto, isso não quer dizer que eles estão abrindo mão das formas linguísticas que têm usado. Eles adotam novas formas e podem mudar a frequência com que elas são faladas sem deixar de lado, por inteiro, as formas velhas ou aceitar qualquer outra que seja nova para eles.

As variáveis podem ocorrer em uma ou mais palavras na fala de um ou mais falantes e podem ser introduzidas por diversos processos em que o sistema linguístico interaja. Muitas dessas variáveis ocorrem uma única vez e logo desaparecem, tal como surgiram. Outras, por sua vez, são mais recorrentes e acabam sendo reproduzidas por outros falantes com certa regularidade no sistema linguístico (LABOV, 2008[1972]).

Essas novas formas podem propagar-se por meio de um dado subgrupo específico que toma uma direção e assume o caráter de diferenciação ordenada por parte dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação numa dada comunidade linguística. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), todo esse processo de mudança acontece devido ao fato de o sistema linguístico ser heterogêneo, e a escolha entre alternativas linguísticas acarreta diferentes funções sociais e estilísticas, resultando, assim, em um sistema que muda acompanhando as mudanças no meio social.

Depois de encaixada a mudança da língua na estrutura linguística, gradativamente, ela é generalizada a outros elementos do sistema, e isso não acontece de forma repentina, e a mudança na estrutura social da comunidade, geralmente, ocorre antes mesmo que o processo se complete. Por isso, é que fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no processo da mudança na língua. O encaixamento da mudança da língua na estrutura linguística, conforme afirmam Weinreich, Labov e Herzog, (2006[1968], p.123),

não é um movimento de um sistema para o outro, mas sim um conjunto limitado de variáveis que num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro. Nesse processo de mudança as variáveis podem ser contínuas ou discretas, em qualquer um deles, a variável tem um espectro contínuo de valores, uma vez que ela inclui a frequência de ocorrência de variantes na fala estendida.

Os autores ressaltam que a estrutura linguística está diretamente encaixada no contexto mais amplo da estrutura social, de modo que as variações sociais são elementos essenciais na estrutura interna da língua. Enquanto a mudança linguística acontece, é possível alegar que as variações sociais pesam sobre o sistema como um todo e que encontramos estruturas encaixadas de forma desigual na estrutura social. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968, p.85]) explicam que nem toda variação que acontece na estrutura linguística implica em mudança, mas que toda mudança pressupõe em variabilidade e heterogeneidade linguística. Sobre a mudança que acontece no sistema linguístico, os autores afirmam que é um processo que não acontece de modo instantâneo substituindo ou adicionando “regras de nível mais alto, mas sim a apticação de uma função contínua ao espaço fonológico num nível em que valores contínuos são possíveis”.

O nível de consciência social também é um elemento importante no processo da mudança linguística e a investigação de correlatos subjetivos, que são por natureza mais categóricos, “aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p.124). Conforme os autores, a interpretação dos dados que envolvem mudança na língua é dependente da estrutura sociolinguística, o que inclui a avaliação subjetiva sistemática das variáveis e não apenas a distribuição em tempo real e aparente.

Na perspectiva de tempo, Labov (2008 [1972], p.194) afirma que a observação de duas gerações sucessivas de falantes, com características sociais comparáveis – o estudo da mudança em tempo real – fornece os dados mais simples para determinar a existência de uma mudança linguística, pois tal observação permite verificar “estágios na evolução da mesma comunidade”, como também fornece subsídios para a distinção dos efeitos da mudança linguística nas diferentes faixas etárias de uma população, o que

possibilita a realização da análise em tempo aparente que se dá por meio da observação da distribuição de formas linguísticas em diferentes faixas etárias da população atual.

Segundo Labov (2001), no início do século XX, era natural que os argumentos linguísticos se concentrassem em fatores internos à língua, visto que os linguistas estão mais bem preparados para lidar com tais fatores, enquanto os fatores sociais não apresentavam a mesma sistematização dos fatores linguísticos. O autor afirma que mesmo quando os fatores sociais começaram a ser levados em consideração no processo da mudança, eles ainda eram vistos com muita desconfiança por muitos sociolinguistas. E ainda hoje o são, pelo menos no tipo de sociolinguística que é feito no Brasil, como explica Freitag (2016).

Segundo Labov (2001), na concepção dos linguistas, quando os fatores sociais são levados em conta, muitas estratégias são criadas para minimizar a necessidade de uma análise mais detalhada. Uma delas é variação do comportamento linguístico por meio de fatores puramente mecânicos, que suprime as diversidades da vida no meio social, não levando em consideração as atitudes dos falantes e o seu posicionamento social. Outra estratégia é que o processo da mudança sonora é dirigido pelos efeitos estruturais internos de pouquíssimas interferências da estrutura social amplamente separada. No entanto, a partir da metade do século XX, estudos quantitativos de mudança linguística foram e vêm sendo realizados, concentrando-se na importância de fatores externos, como migração, sexo/gênero, faixa etária, classe social, etnia e na busca pela localização social dos líderes de mudança linguística, afirma o autor. Para Labov (2001, p. 329),

As mudanças linguísticas em progresso acabam afetando todos na comunidade de fala mais ampla, incluindo aquelas no auge da hierarquia socioeconômica, relutante, mas inevitavelmente levadas adiante pela força da maré linguística. O esforço para localizar os líderes da mudança linguística se baseará em tudo o que pudermos reunir sobre as relações sociais locais nos bairros mais avançados, mas não está imediatamente claro como essas relações locais afetarão a expansão dramática das mudanças sonoras.⁴

⁴ The linguistic changes in progress ultimately affect every-one in the wider speech community, including those at the peak of the socioeconomic hierarchy, reluctantly but inevitably carried along by the force of the linguistic tide. The effort to locate the leaders of linguistic change will draw upon everything we can

É nessa direção que o presente trabalho tende a se alinhar, considerando os efeitos sociais sobre uma mudança linguística já amplamente documentada e descrita no português brasileiro, com o é o caso da palatalização de /t,d/, mas ainda pouco elucidativa sobre como a mudança é dinamizada na comunidade.

1.2.2 Comunidade de Fala e Comunidade de Práticas

Para tentar entender a organização social da língua, os sociolinguistas usam uma estrutura básica de referência para além do falante individual, denominada de comunidade de fala, que, segundo Labov (2008[1972], p.150),

não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas. Estas normas podem ser observadas em tipos de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Conforme Labov (2001), uma amostra que represente uma comunidade de fala deve ser baseada em uma amostra aleatória em que cada um dos vários falantes que faça parte dela tenha chances iguais de ser selecionado. Esse procedimento pode se limitar a uma parte da cidade, ou pode-se construir uma amostra estratificada na qual as partes são postas em vários subgrupos. Labov afirma ainda que, para fins linguísticos, uma amostra confiável de uma cidade muito grande pode ser obtida comparativamente com poucos falantes.

No Brasil, de acordo com Freitag (2018, p. 670), a composição de uma amostra aleatória simples de uma comunidade de fala pode ser feita por meio da seleção de falantes, fazendo uso de cadastro de eleitores, estimativas do IBGE ou até mesmo de banco de dados constituídos por agentes comunitários de saúde “para fins de cadastro no Programa Saúde da Família”. Essa amostra também pode ser estratificada, levando em consideração a proporção, por exemplo, de homens e mulheres, adultos e idosos. Segundo afirma a autora, nesse tipo de amostragem “se esses grupos representam

gather about the local social relations in the most advanced neighborhoods, but it is not immediately clear how these local relations will affect the dramatic expansion of the sound changes (Labov, 2001, p.329)

adequadamente a população em relação à característica que queremos medir [...] é possível selecionar um ou mais de um desses conglomerados”.

Com base nesse modelo de comunidade de fala, muitos estudos sociolinguísticos de cunho descritivo têm sido realizados com o objetivo de demarcar as variedades do Português Brasileiro, tanto do “ponto de vista da produção, a partir da distribuição de frequências”, quanto do “ponto de vista da percepção, pela aferição de crenças e atitudes”, como afirma Freitag (no prelo, p.1), que releva a importância dos estudos de produção em comunidades de fala, que têm contribuído para a caracterização do Português Brasileiro com descrições de fenômenos variáveis nos diversos níveis linguísticos em diferentes regiões e estratos sociais.

Conforme Milroy (2003), os estudos realizados em comunidades de fala veem a heterogeneidade com base em uma população geograficamente definida e estratificada em categorias macrossociais, como sexo/gênero, classe social, etnia, faixa etária, escolaridade. Essas categorias sociais fornecem padrões sociolinguísticos consistentes por meio da amostra de fala dos indivíduos em uma situação determinada. Ainda segundo a autora, embora tais categorias apresentem consistência nos resultados, elas se relacionam de forma um tanto indireta aos comportamentos dos indivíduos na construção e categorização sociais que refletem sua análise de agrupamentos sociais localmente significativos.

Para Eckert (2006, p.1, *tradução nossa*),⁵ a noção de comunidade de práticas consiste na identificação de um agrupamento social em virtude de práticas compartilhadas, considerando que “no decorrer da atividade conjunta regular, uma comunidade de práticas desenvolve maneiras de lidar com coisas, visões, valores, relações de poder, modos de falar” e que as pessoas que participam de uma comunidade de práticas estão envolvidas em práticas em prol de objetivos em comum, por isso engajam-se nas atividades compartilhadas pelos seus membros.

As comunidades de práticas, segundo afirmam Eckert e Mcconnel-Ginet (2010 [1992], p.103), podem ser estruturadas de diversas maneiras: “podem ser grandes ou

⁵ In the course of regular joint activity, a community of practice develops ways of doing things, views, values, power relations, ways of talking (ECKERT, 2006, p.1).

pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades”. O indivíduo, por sua vez, pode participar de várias comunidades de práticas e sua identidade individual vai ser baseada nesta participação.

Eckert (2006, p.1, *tradução nossa*)⁶ explica que a noção de comunidade de práticas oferece um ponto de vista diferente do foco tradicional na comunidade de fala como um contexto explicativo para a heterogeneidade linguística, uma vez que “os participantes de uma comunidade de práticas colaboram para se posicionarem como um grupo em relação ao mundo ao seu redor. Isso inclui a interpretação comum de outras comunidades e de sua própria prática em relação àquelas comunidades”, e nessa interpretação inclui-se também a construção de um estilo, que envolve também um estilo linguístico. Para Eckert, quanto maior o tempo de engajamento dos membros na comunidade de práticas, maiores são as chances de participação em situações e eventos, proporcionando, assim, oportunidades de construção conjunta de sentido, além de arraigar “o conhecimento compartilhado e o senso de previsibilidade dos participantes” (ECKERT, 2006. p.2). Desse modo,

o construto comunidade de práticas é um método utilizado para localizar o uso da língua etnograficamente, de modo a criar um vínculo responsável entre a prática local e a participação em categorias extralocais e amplas. O que torna uma comunidade de práticas diferente de qualquer grupo de falantes (por exemplo, um grupo de crianças encontradas na rua ou um grupo de alunos de graduação reunidos para um experimento) não é a seleção dos falantes, mas sim a natureza dos critérios para esta seleção o (ECKERT, 2006, p.2, *tradução nossa*)⁷.

Outro ponto importante no conceito de comunidade de práticas é seu foco na fluidez do espaço social e na pluralidade de experiências, o que possibilita capturar a interação entre mudança social e mudança linguística (ECKERT, 2006). Segundo a

⁶ Participants in a community of practice collaborate in placing themselves as a group with respect to the world around them. This includes the common interpretation of other communities, and of their own practice with respect to those communities (ECKERT, 2006, p.1).

⁷ The construct *community of practice* is a way of locating language use ethnographically so as to create an accountable link between local practice and membership in extra-local and broad categories. What makes a community of practice different from just any group of speakers (e.g. a bunch of kids found hanging out on the street, or a group of undergraduates assembled for an experiment) is not the selection of the speakers so much as the nature of the accountability for this selection (Eckert, 2006.p.2).

autora, os padrões gerais podem ser explicados por meio da experiência, compreensão e desenvolvimento linguístico que os falantes apresentam à medida que se engajam como membros de importantes categorias amplas. No entanto, Eckert (2006) explica que um falante não desenvolve seus modos de falar diretamente das categorias mais amplas da sociedade, mas das suas experiências cotidianas que serão articuladas por sua participação e engajamento em comunidades de práticas que são inerentes ao seu lugar na ordem social, de modo que inserido em diferentes comunidades de práticas o falante desenvolverá identidades e os repertórios linguísticos para vincular essas identidades.

Assim, os constructos de comunidades de fala e comunidades de práticas apresentam focos diferenciados: enquanto uma busca mostrar a heterogeneidade linguística por meio de categorias sociais no nível macro, a outra busca entender a heterogeneidade linguística no nível micro, por meio das práticas sociais e da participação e engajamento dos indivíduos nessas práticas, como sistematiza Freitag (2015). Apesar dessas diferenças, Eckert (2006, p.3, *tradução nossa*)⁸ deixa evidente que ambos os modelos de comunidades não se excluem, pelo contrário, eles são necessários e complementares “e que o valor de cada um depende de ter as categorias abstratas certas e de encontrar as comunidades de práticas nas quais essas categorias são mais salientes”.

Definido o conceito de comunidade de práticas, adotaremos esse constructo teórico para definir a Universidade Federal de Sergipe, que agrega estudantes de diferentes comunidades de fala, os quais estão envolvidos em práticas universitárias em prol de objetivos em comum, por isso se engajam nas atividades compartilhadas pelos seus membros.⁹ Inseridos nesse construto social, os estudantes desenvolvem uma identidade, enquanto estudantes universitários, assim como um repertório linguístico que os represente enquanto membros dessa comunidade de práticas.

⁸ and that the value of each depends on having the right abstract categories and finding the communities of practice in which those categories are most salient (ECKERT, 2006, P.3)

⁹ Seguimos a mesma tendência apontada por outros trabalhos, que se alinham ao que Eckert (2012) denomina de terceira onda da Sociolinguística, envolvendo amostras linguísticas sergipanas, chancelados pelo Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG; SANTANA; ANDRADE; 2014; FREITAG, 2015b; FREITAG et al., 2016, dentre outros).

Embora a UFS não se enquadre como um modelo prototípico de comunidade de práticas, em que todos os membros que dela fazem parte se conhecem e interagem mutuamente e apresente uma hierarquia organizacional, como a que descrevemos em Freitag, Santana, Andrade (2014), ela não pode ser descaracterizada como tal, visto que todos os membros que a constituem estão engajados em empreendimentos e práticas em comuns. Por a UFS ser uma comunidade grande e difusa, necessariamente, nem todos os membros se conhecem e se comunicam diretamente, mas isso não os impede de construir uma identidade enquanto estudantes universitários, tampouco de que compartilhem de um repertório linguístico que os represente enquanto integrantes dessa comunidade. Na falta de um constructo intermediário mais apropriado para este tipo de situação, assumimos o rótulo de “comunidade de práticas”, ressalvadas estas especificidades.

Por a universidade ser um ambiente constituído por pessoas letradas, ou seja, pessoas que se submeteram a exames de avaliação que têm em sua matriz de competências o domínio daquilo que se convencionou como norma culta, adota-se, neste construto social, uma norma linguística valorizada socialmente, neste caso, a norma culta.

Segundo Faraco (2008, p. 73), a expressão “norma culta” denota um conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem regularmente no repertório linguístico dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. “Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social”.

Como já detalhado, a democratização do acesso à educação em nível superior fez com que estudantes de classes desfavorecidas (pessoas oriundas de escolas públicas, regiões geograficamente distantes, zonas rurais, bairros periféricos) pudessem ascender socialmente. E, conforme aponta Lucchesi (2015), o maior grau de letramento e o alto grau de escolaridade ampliam bastante o repertório linguístico do falante, que passa a exibir uma visão de variação estilística bem mais ampla.

1.2.3 Variedades de prestígio e de estigma

A língua viabiliza interação entre os indivíduos. Por ser heterogênea e variável, permite a sua flexibilidade em uma comunidade sociavelmente estratificada e culturalmente diversificada. Essa flexibilidade é relacionada à variação linguística, que permite que uma língua possa ser usada tanto em ambientes mais informais, como em feiras livres, grupo de amigos e familiares, quanto em ambientes mais formais, como em sessões de tribunais de justiça, entrevistas públicas, na universidade, em apresentação de seminários, dentre tantas outras situações.

As convenções normativas apresentam uma imagem idealizadora da língua e buscam sempre depurar a língua das alterações ocasionadas pelo uso. Esse fato reflete em uma visão hegemônica da sociedade, segundo a qual a língua é um sistema linguístico uniforme e único, “desenvolvida pelos melhores escritores nacionais e fixada pelos gramáticos, para todos aqueles que desejem escrever e falar bem” (LUCCHESI, 2015, p.11), de modo a propagar a ideia de que saber falar uma língua é conhecer esse sistema e empregá-lo corretamente, sendo qualquer desvio na língua visto como distorção e falta de conhecimento.

Nessa visão, o canal responsável por corrigir as distorções que o indivíduo traz na sua fala cotidiana é a escola, que zela pela língua canônica, tida como padrão. A principal função social da escola é ensinar a língua eleita como ideal pelos veículos de comunicação de massa, sobretudo, a escrita, intitulada de norma culta. Por conseguinte, tanto a própria escola quanto a sociedade preconizam uma visão categórica e discriminatória de que só existe um único modo de falar e escrever, de forma que as demais variedades são vistas como sendo danos à língua produzidos por pessoas desprovidas de conhecimento (LUCCHESI, 2015).

Nessa perspectiva, Faraco (2008, p.73) afirma que essa representação leva os falantes a acreditar que essa norma culta é a língua e que todas as demais variedades que existem “são deturpações, corrupções, degradações da língua verdadeira”. Ainda conforme o autor, isso faz com que essa norma se torne, historicamente, “um objeto privilegiado de registro, estudo e cultivo sociocultural”, produzindo “no imaginário dos

falantes, a representação dessa norma como uma variedade superior, como uma variedade melhor do que todas as demais”.

De acordo com Lucchesi (2015), existe um estigma sobre as variedades de língua das populações desfavorecidas, que atua de modo decisivo na construção de um cenário sedimentado e estritamente hierarquizado, fazendo com que as relações de dominação política e de exploração econômica sejam vistas como naturais. Por consequência, os fatores sociais agem como um importante instrumento que reforça a estratificação “dos mitos, estereótipos, dogmas e preconceitos que plasmam a visão hegemônica de língua na sociedade” (LUCCHESI, 2015, p.18). Para o autor, se a padronização linguística tem sido um mecanismo ideológico de dominação de classe, a língua, numa sociedade como a brasileira, que ainda apresenta muitas desigualdade sociais, regionais e linguísticas, não poderia deixar de assumir atributos de empoderamento.

Conforme o autor, o modelo de polarização sociolinguística do Brasil fixa pontualmente no contraste entre padrões linguísticos das classes abastardas e os padrões linguísticos das classes desfavorecidas, tendo como parâmetros de análise os da teoria da variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1972[2008]; 2001). “À medida que se passa do polo extremo da norma popular para o ápice da norma culta, cresce progressivamente o grau de urbanização e letramento, bem como o espectro da variação estilística” (LUCCHESI, 2015, p. 153).

Para Faraco (2008), a língua urbana é o marco do falar culto e o que se poderia chamar de língua culta falada tem o poder homogeneizante sobre as demais variedades do denominado português popular brasileiro. O autor argumenta que a norma culta é a manifestação de diversos segmentos sociais em dadas situações, enquanto a norma-padrão é um código abstrato que serve de referência para o uso real da língua em sociedades acentuadamente marcadas por projetos políticos de uniformização linguística. Ele defende que na perspectiva estritamente gramatical, as variedades linguísticas equivalem-se, ou seja, todas as variedades são igualmente organizadas e complexas, no entanto, socialmente o mesmo não ocorre, uma vez que, existe uma diferenciação de valores que hierarquiza as diferentes variedades. De modo que,

algumas variedades recebem avaliação social positiva, enquanto outras são desprestigiadas e até estigmatizadas. Segundo Faraco (2008, p75), “o importante é entender que tais valorações não são “naturais”, não são puramente linguísticas, mas resultam do modo como se constituem historicamente as relações entre os grupos sociais”.

Seguindo o ponto de vista de Faraco (2008), pelo fato de a UFS ser uma instituição social voltada para escolarização, há uma valorização de uma variedade mais próxima da norma tida como padrão, ou seja, é esperado que os estudantes utilizem, nesse ambiente, a variedade culta, aquela que abona os usos linguísticos que são prestigiados socialmente. Nessa perspectiva de variedades e de diferentes valorações sociais, apresentaremos, na próxima seção, o fenômeno fonológico da palatalização das oclusivas /t/ e /d/ condicionadas pelos ambientes progressivo e regressivo, com foco no ambiente regressivo, por ser uma variante que está atrelada à fala dos mais jovens e com maior nível de escolarização, conforme apontam estudos já realizados.

2 O FENÔMENO DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS /T/ E /D/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, trataremos do fenômeno da palatalização das oclusivas /t/ e /d/ no português brasileiro. Na primeira seção, trataremos do processo de palatalização, mostrando quais são as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o fenômeno da palatalização das oclusivas com base em estudos já realizados no Brasil. Na segunda seção, trataremos da palatalização no estado de Sergipe com base nos estudos realizados por Souza Neto (2014[2008]) e Souza (2016), mostrando os fatores sociais e linguísticos que estão conduzindo o processo de mudança no estado. Na terceira seção, trataremos do fenômeno da palatalização em ambiente regressivo na fala de estudantes da UFS, tendo em vista o contato linguístico que os estudantes têm com diferentes variedades dialetais, inclusive variedades em que o uso das variantes palatalizadas [ʃ] e [dʒ] em ambiente regressivo é quase categórico.

2.1 O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO

Fonema é definido com um conjunto de sons foneticamente semelhantes, os quais estão relacionados de modo que nenhum deles ocorra no mesmo ambiente que qualquer componente do mesmo fonema (CALLOU; LEITE, 2009). Para o estabelecimento dos fonemas de uma língua, dois procedimentos básicos são usados: o contraste e a distribuição complementar. No primeiro caso, nos fonemas de sons distintos, por exemplo [b] e [p], a sua ocorrência não pode ser atribuída ao ambiente fonético circunvizinho e a troca de um fonema pelo outro, em um mesmo contexto, ocasiona mudança de significado da palavra como em **h**ule: **p**ule. No segundo caso, os sons podem ser condicionados pelo ambiente circunvizinho ou estar em variação, de modo que a diferença entre os sons pode ser explicada pelo ambiente fonético em que se encontram sons em distribuição complementar (CALLOU; LEITE, 2009).

Na distribuição complementar, o fonema pode variar na sua realização e a essas diferentes realizações dá-se o nome de variantes ou alofones, que são formas diferentes de se dizer uma mesma coisa, sem que haja alteração de sentido ou significado

referencial. Eles podem ser de vários tipos: posicionais, regionais, estilísticos. Os alofones posicionais são aqueles que decorrem do próprio contexto fônico no qual são realizados (CALLOU; LEITE, 2009). Neste caso, podemos citar como exemplo os fonemas /t/ e /d/, que quando são antecedidas por *semivogal* /y/ e/ou seguidas da vogal alta /i/, vogal média /e/ átona em posição elevada [i] podem ser realizados como oclusiva dental/alveolar [t], [d], oclusiva dental/alveolar com efeito de aspiração [t^h], [d^h], africada alveolar [ts], [dz] ou africada alveopalatal [tʃ], [dʒ], sem que o sentido da palavra mude.

O processo fonológico da palatalização das consoantes /t/ e /d/ é condicionado pelo ambiente circunvizinho: quando os fonemas /t/ e /d/ são antecedidos por semivogal /y/ ou quando seguidas da vogal alta /i/, vogal média /e/ átona em posição elevada [i], vogal fonológica, da vogal fonética, respectivamente, ou da semivogal /y/, eles podem ser realizados como oclusivas [t] e [d] ou como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], conforme apresenta o quadro 3¹⁰. Nos demais casos em que os fonemas /t/ e /d/ são antecedidos ou seguidos das demais vogais, a sua realização sonora, geralmente, é oclusiva [t] e [d], como em [t]apa, [t]oalha, [t]eto, a[t]acado.

Quadro 3: Realizações oclusivas alveolares e africadas alveopalatais das consoantes /t/ e /d/

Palavra	Consoantes /t/ e /d/ realizadas como oclusivas alveolares	Consoantes /t/ e /d/ realizadas como africadas alveopalatais	Ambiente
Doido	doi[d]u	doi[dʒ]u	Antecedida por glide [y]
Oito	oi[t]u	oi[tʃ]u	Antecedida por glide [y]
Dia	[d]ia	[dʒ]ia	Seguida por vogal alta fonológica [I]
Tia	[t]ia	[tʃ]ia	Seguida por vogal alta fonológica [I]
Pote	Po[t]i	Pó[tʃ]i	Seguida por vogal fonética [I]
Pode	Po/d/i	Po/dʒ/i	Seguida por vogal fonética [I]

¹⁰ Cabe ressaltar que há uma gradiência neste processo, como mostram Freitag e Souza (2016), para o ambiente regressivo, e Souza Neto (2019), para o ambiente progressivo. Ou seja, entre a realização oclusiva e a palatal, há diferentes efeitos de constrição e de duração.

Pátio	Pa[t]iu	Pa[ʈ]iu	Seguida por semivogal [y]
Rádio	ra/d/io	ra/dʒ/io	Seguida por semivogal [y]

Historicamente, o português teria apenas consoantes oclusivas, tendo as africadas alveopalatais surgido em decorrência do processo de palatalização, processo que distingue a variedade brasileira das demais variedades do português, como apontam Cristófar-Silva et al. (2012). Segundo os autores, embora a palatalização de /t, d/ seja relativamente recente no português brasileiro, já tem sido caracterizada “com um caso bastante rico e multifacetado para o estudo da variação e mudança sonora” (CRISTÓFARO-SILVA et al., 2012, p.61).

Cristófar-Silva et al (2012) destacam, ainda, quatro fatos relevantes sobre o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/, sendo eles:

- I. A africada é um som complexo, que envolve a articulação de um silêncio próprio das oclusivas seguido da fricção que configura as sibilantes e é constituída de oclusiva+sibilante. Os autores sugerem que existe semelhança fonética entre oclusivas e africadas, de modo que as africadas devam ter surgido a partir de uma oclusiva que passou por alterações articulatórias específicas;
- II. Esse fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ configura-se como um importante marcador dialetal e social, o qual permite que falantes identifiquem características de diferentes falares;
- III. No Brasil há dialetos em que a palatalização das oclusivas já se consolidou como mudança sonora. Em outras variedades brasileiras a palatalização não ocorre ou apresenta baixos índices de aplicação e nessas variedades, observa-se, em alguns casos, a ocorrência de uma africada seguida de [i] e, em outros casos, de uma oclusiva seguida de [i]. E no Brasil há também variedades consideradas como não palatalizantes, nas quais não é esperado encontrar realizações africadas das consoantes /t/ e /d/;
- IV. A palatalização das oclusivas /t/ e /d/ também interage com outros casos de variação sonora, como a epêntese, que cria o contexto para que a palatalização ocorra, como nas palavras ad[i]vogado, at[i]mosfera. Conforme os autores, “a interação da palatalização com outros fenômenos de variação sonora contribui para a criação de padrões sonoros inovadores que reorganizam a gramática fonológica do português brasileiro” (CRISTÓFARO-SILVA et al., 2012, p.62).

No quarto e último ponto, podemos citar outros contextos que também podem condicionar a palatalização das consoantes: i) quando a semivogal /y/ de um ditongo decrescente antecede as consoantes /t/ e /d/ em ambiente progressivo, como em *deitar/deytar~deytʃar/*, *peidar /peydar~peydʒar/*; ii) quando a semivogal /y/ de um ditongo crescente segue /t/ e /d/ no ambiente fônico regressivo, como em *ódio/odyo~odʒyu/*, *sítio/sityu~sitʃyu/*. Nesses casos, seja no ambiente que antecede os fonemas /t/ e /d/ ou no que segue, pode haver interação do fenômeno de palatalização com outros fenômenos, como o apagamento do *glide* palatal do ditongo decrescente ou crescente como em *peito /peytu~peytʃu ~petʃu/*, *rádio /radyu~radʒyu~radʒu/*, respectivamente.

A palatalização das consoantes /t/ e /d/ pode ser condicionada pelos ambientes fônicos progressivo, quando são antecedidas por semivogal /y/, ou regressivo, quando seguidas por [i] ou semivogal /y/. Neste processo fonológico, o fator geográfico exerce forte condicionamento, pois mesmo que os contextos linguísticos sejam propícios à realização das variantes palatalizadas, como apresentado no quadro 3, a sua ocorrência não apresenta distribuição regular em todos os dialetos.

Quanto ao uso das variantes palatalizadas das consoantes /t/ e /d/ em ambiente regressivo, Abaurre e Pagotto (2013)¹¹ analisaram-no em cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Porto Alegre e São Paulo. Conforme apresentado na tabela 1, abaixo, os autores observaram que a distribuição das variantes palatais [tʃ] e [dʒ] tem um forte indício de natureza dialetal. As cidades do Rio de Janeiro e Recife apresentam resultados muito distantes: enquanto no Rio de Janeiro o uso das variantes palatalizadas de /t/ e /d/ foi categórico, em Recife a frequência de uso foi baixíssima.

Tabela 1: Distribuição de frequência de uso das africadas em relação aos dialetos

Cidades	Frequência	Percentual
Recife	66/949	7%
Salvador	642/755	85%
Rio de Janeiro	841/844	100%
São Paulo	543/747	73%
Porto Alegre	304/759	40%

¹¹ Os dados dessas pesquisas foram coletados em 1970 na fala de pessoas com nível superior e fazem parte do banco de dados do NURC (Norma Urbana Culta). O *corpus* para análise foi composto por 30 (trinta) inquéritos, dos quais dez minutos de cada inquérito foram extraídos para análise das variantes das oclusivas alveolares.

Fonte: Dados extraídos do estudo de Abaurre e Pagotto (2013, p. 199)

Nessa mesma perspectiva, o estudo de Mota (2008) mostrou que na região nordeste¹², nas capitais: Aracaju (SE), João Pessoa (PB), Maceió (AL), Recife (PE), Salvador (BA) e Teresina (PI), o uso das variantes palatalizadas, em contexto regressivo, varia bastante de uma capital para outra. Os resultados, apresentados na tabela 2, mostram isso.

Tabela 2: Distribuição das variantes palatalizadas em capitais do Nordeste

Cidades	Frequência	Percentual
Aracaju	107/504	21%
João Pessoa	93/702	13%
Maceió	43/564	8%
Recife	110/587	13%
Salvador	618/618	100%
Teresina	628/664	95%

Fonte: Mota (2008, p.5)

Abaurre e Pagotto (2013) acreditam que a frequência e a distribuição dessas variáveis possam ser explicadas não por um viés de regiões geográficas, mas sim por razões históricas que interferiram nesse processo. A forte tendência à palatalização pode ser associada às primeiras capitais, Rio de Janeiro e Salvador, e posteriormente nas demais capitais.

Na carta F06 C 1 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), nos anos de 2010, publicada em 2014, ilustrada na figura 2, mostra a distribuição da palatalização de /t/ e /d/ diante da vogal alta [I] nas capitais brasileiras.

¹² Os dados analisados nessa pesquisa fazem parte do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). A amostra analisada foi constituída por 48 informantes, 8 de cada capital, o *corpus* para análise foi por inquéritos, questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e os temas para discursos semidirigidos, inquéritos.

Figura 2: Distribuição de /t/ e /d/ palatal em ambiente regressivo nas capitais brasileiras.



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil, Cardoso et al. (2014, p.123)

Podemos observar que, nesta amostra de apenas 8 informantes por capital, o fator dialetal influencia o uso, de modo que em alguns lugares a palatalização de /t/ e /d/ é categórica ou quase categórica, e em outros lugares as variantes palatalizadas apresentam frequência de uso bastante variada. Além do fator geográfico, outros fatores de ordem social como faixa etária, sexo, local de residência, escolaridade, dentre outros, também exercem influência quanto ao uso das variantes palatalizadas nas comunidades de fala em que a variação entre oclusivas alveolares e oclusivas palatalizadas ocorre. No quadro 4, apresentaremos resultados em diferentes comunidades de fala em que as variantes de /t/ e /d/ estão em processo de mudança.

Quadro 4: Variáveis extralinguísticas e linguísticas que favorecem a palatalização

Autores	Comunidade/Amostra	Condicionadores
Abaurre e Pagotto (2013)	Recife (PE), Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS) 40 participantes, 8 de cada capital	Variáveis extralinguísticas: quanto à faixa etária , os mais jovens; Cidade , Rio de Janeiro e Salvador. Variáveis linguísticas: no contexto precedente , a fricativa alveolar /s/ em realização palatal [ʃ] com 89% de 206; Em tipo de vogal , a vogal como <i>glide</i> em ditongo crescente [y] com 68% de 514; quanto à sonoridade , a consoante surda /t/ com 64% de 1.813.
Mauri (2008)	Farroupilha (RS) 16 participantes	Variáveis extralinguísticas: quanto à faixa etária , os mais jovens; localidade , a Capela de São Roque.

		Variáveis linguísticas: quanto ao tipo de vogal alta , a vogal fonológica; na tonicidade da sílaba, a pretônica; quanto a sonoridade , é a consoante surda /t/; no contexto precedente , a vogal central.
Dutra (2007)	Chuí (RS) 24 participantes	Variáveis extralinguísticas: quanto ao sexo/gênero , os homens; faixa etária , os mais jovens; escolaridade , os menos escolarizados. Variáveis linguísticas: quanto o tipo de vogal alta , a vogal fonológica; tonicidade , a sílaba pretônica inicial; no contexto precedente , o Ditongo nasal [ẽj]; no contexto seguinte , o grupo de consoantes (g, ʃ, tʃ e dʒ); na sonoridade , a consoante vozeada /t/.
Battisti (2011)	Flores da cunha (RS) 48 participantes	Variáveis extralinguísticas: quanto à faixa etária , os mais jovens; localidade , zona urbana. Variáveis linguísticas: tipo de vogal alta , a não derivada e fator sonoridade , a consoante surda /t/.
De Paula (2006)	Taquara e Panambi (RS) 24 participantes, 12 de cada cidade	Variáveis extralinguísticas: quanto ao sexo/gênero , as mulheres; faixa etária , os mais jovens, comunidade , Taquara. Variáveis linguísticas: no contexto precedente , as nasais; na tonicidade da sílaba , as postônicas não finais 73% de 130 em Panambi e as pretônicas não iniciais em Taquara; na sonoridade, a consoante surda /t/ com 40% de; no tipo de vogal , a não derivada com 59% de 3.900; no contexto seguinte , vogais, vazio e as palatais.
Rocha e Almeida (2009)	Matinha e Feira de Santana (BA) 22 participantes	Variáveis extralinguísticas: quanto ao sexo/gênero , as mulheres; faixa etária , os mais jovens. Variáveis linguísticas : quanto à sonoridade , a consoante surda /t/ e no contexto seguinte , os ditongos decrescentes e os crescentes.
Pires (2007)	São Borja 28 participantes	Variáveis extralinguísticas: quanto ao sexo/gênero , as mulheres; faixa etária , os mais jovens; escolaridade , os mais escolarizados. Variáveis linguísticas: quanto ao tipo de vogal , vogal fonológica com 68% de 3.676; Pretônica com 68% 1.503; Contexto seguinte , consoantes menos anteriores com 58% de 1.365 e as vogais, com 43% de 1.691; Sonoridade , consoante surda /t/ 43% de 4.138.

Nas comunidades de fala em que as consoantes /t/ e /d/ estão em processo de variação entre oclusivas alveolares [t] e [d] e palatalizadas [tʃ] e [dʒ] diante da vogal alta /i/, [i] ou semivogal /y/, as variantes palatalizadas são mais recorrentes na fala dos mais

jovens, dos mais escolarizados, das mulheres. Quanto aos fatores linguísticos, todos os estudos mostraram que quanto à sonoridade, a consoante surda /t/ é a que mais favorece a ocorrência da variante palatalizada; já as variáveis contexto precedente, contexto seguinte, tipo de vogal e tonicidade da sílaba apresentam fatores condicionadores diferentes a depender da comunidade, mas todas apresentam a mesma regularidade.

No estado de Sergipe, a palatalização das consoantes /t/ e /d/ ocorre nos ambientes fônicos progressivo e regressivo e a maior ou menor frequência de uso da realização de [tʃ] e [dʒ] em um ambiente ou no outro é condicionada pelos fatores sociais (sexo, escolaridade, região geográfica, faixa etária, classe social), conforme mostram os estudos sociolinguísticos já realizados no estado sobre o tema (SOUZA NETO, 2008; FREITAG, 2015b; SOUZA, 2016; EVANGELISTA; SANTANA; ANDRADE, 2016; CORRÊA, 2018).

Considerando o estágio de mudança que identificamos nos estudos já realizados, no presente trabalho, o foco de análise é a variação entre as oclusivas alveolares [t] e [d] e as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] seguidas pela vogais /i/, /e/ em posição átona elevada a [ɪ] e da semivogal /y/, pelo fato de estudos anteriores apontarem que as consoantes /t/ e /d/ estão passando por um processo de mudança em Sergipe. E também por consideramos que essa mudança linguística está atrelada a uma mudança social por meio da qual o estado, assim como a UFS, vem recebendo pessoas de diferentes regiões do Brasil, em que o uso das variantes palatalizadas apresentam frequência altas de uso, e pessoas de diferentes regiões de Sergipe. Na próxima seção, trataremos dos estudos sobre a palatalização de /t/ e /d/ em ambiente regressivo que foram realizados no estado de Sergipe.

2.2 PALATALIZAÇÃO EM SERGIPE

Nesta seção, abordaremos estudos de percepção e produção linguística sobre palatalização das oclusivas /t/ e /d/, em ambiente fônico regressivo, no estado de Sergipe, (SOUZA NETO, 2014[2008]; SOUZA, 2016; FREITAG; SANTOS, 2016; CORRÊA; RIBEIRO, 2018) realizados sob a perspectiva sociolinguística variacionista. Nas duas primeiras subseções, descreveremos os objetivos e métodos dos estudos de

produção, e em seguida apresentaremos os resultados por eles obtidos. Posteriormente, apresentaremos os estudos de percepção.

2.2.1 Souza Neto (2014[2008])

O estudo de Souza Neto (2014[2008])¹³ objetivou investigar os fonemas /t/ e /d/ na cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, enfatizando as realizações oclusivas alveolares e as africadas nos ambientes fonológicos progressivo e regressivo, bem como verificar de que maneira os fatores sociais: faixa etária, sexo do informante e classe de renda familiar, associados aos fatores estruturais da língua contexto fonológico e tonicidade da sílaba, interferem nas diferentes realizações dos fonemas /t/ e /d/ na capital aracajuana.

Para tanto, a amostra foi constituída por 36 entrevistas, em situações de uso espontâneo. Todos os informantes da pesquisa eram aracajuanos (com pais também aracajuanos), estratificados quanto à idade (de 8-21 anos, de 22-49 e de 50 anos para cima), sexo (homem e mulher) e renda familiar (até 2 salários mínimos, de 3 a 10 salários mínimos e acima de 10 salários mínimos). Em relação aos fatores estruturais, foram controlados os contextos precedente e seguinte às consoantes /t/ e /d/ e a tonicidade da sílaba.

2.2.2 Souza (2016)

Souza (2016) pesquisou a palatalização das oclusivas alveolares em Sergipe com o objetivo de identificar o uso das variantes palatalizadas /t/ e /d/ diante da vogal alta [i] em três grupos geográficos, Aracaju, Itabaiana e Lagarto, de modo a contribuir para a descrição da variedade do falar sergipano das três comunidades de fala em questão. Para tanto, a amostra foi constituída por 60 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados Falares Sergipanos, 20 de cada comunidade de fala, cada entrevista com duração média

¹³ Embora o estudo de Souza Neto (2014[2008]) trate da palatalização das consoantes /t/ e /d/ na cidade de Aracaju, não há distinção entre os ambientes fônicos progressivo e regressivo, o que dificulta a comparação dos seus resultados com o de outros estudos já realizados sobre o fenômeno. Conforme apresentado na seção 3.1, a depender do ambiente fônico, a palatalização de /t/ e /d/ apresenta diferenças de condicionamento, tanto linguísticas quanto sociais.

de 40 a 60 minutos. No entanto, para fins de análise, o autor considerou, apenas, as primeiras 50 ocorrências do fenômeno em cada uma das 60 entrevistas, totalizando 3000 dados. Para a seleção dos informantes, os critérios foram: todos tinham que ser naturais das comunidades analisadas e não ter permanecido fora por mais de dois anos, possuir ensino superior completo ou em andamento e ter idade entre 18 e 29 anos. As variáveis sociais controladas foram sexo/gênero (homem e mulher) e grupo geográfico (Aracaju, Itabaiana e Lagarto), e os fatores linguísticos foram contexto precedente, contexto seguinte, sonoridade, tipo de vogal, tonicidade da sílaba e posição da sílaba na palavra.

2.2.3 Resultados dos estudos

De maneira sintética e comparativa, os resultados dos estudos sobre palatalização de /t,d/ são apresentados no quadro 5.

Quadro 5: Sistematização dos resultados de estudos sobre a palatalização de /t, d/ em Sergipe

Estudo e percentual de ocorrência	Variáveis e fatores favorecedores da palatalização
Souza Neto (2014[2008]) 7% de 3719 ocorrências.	Variáveis linguísticas: tipo de condicionador linguístico: a vogal alta [i] e, na sonoridade, a consoante /t/. Variáveis sociais: sexo/gênero: os homens favoreceram maior aplicação da regra de palatalização; faixa etária: os mais jovens (entre 8 e 25 anos) foram os que fizeram maior aplicação da regra de palatalização; renda familiar: os colaboradores com a renda acima de 10 salários mínimos.
Souza (2016) 12% de 3000 ocorrências	Variáveis Linguísticas: no contexto precedente , as fricativas sibilantes [ʃ,ʒ] com 24,% de 106,[s,z] com 30% de 30; quanto a tonicidade , a sílaba postônica não final com 25% de 76; quanto a sonoridade , a consoante surda /t/ com 13,9% de 1.793. Variáveis sociais: Sexo/gênero: as mulheres foram as que fizeram maior uso das variantes africadas (com percentual de 14,5% de 1500 dados), enquanto os homens apresentaram uma frequência menos elevada (com 9,5% de 1500 ocorrências); fator geográfico: Aracaju apresentou maior aplicação da regra (com percentual de 21,7% de 1000 dados), enquanto os grupos geográficos Itabaiana e Lagarto apresentaram frequência muito mais baixa de aplicação (7,7% e 6,6% de 1000 ocorrências para cada localidade), respectivamente.

No estado de Sergipe, os estudos de produção já realizados (SOUZA NETO 2014[2008]; SOUZA, 2016) mostram que, embora a frequência de o uso das variantes oclusivas alveolares [t] e [d] ainda represente melhor o falar sergipano, o uso das variantes palatalizadas [tʃ], [dʒ] também já está presente no repertório linguísticos dos falantes de Sergipe. Ao compararmos os resultados obtidos por Souza (2016) e os obtidos por Souza Neto (2008[2014])), observamos um aumento das variantes palatalizadas na capital do estado, visto que, no intervalo de aproximadamente 10 anos entre um estudo e outro, os percentuais da frequência de uso aumentaram de 7% (em 3719 contextos) para 21% de (em 1000 contextos), o que pode sugerir que as variantes palatalizadas, [tʃ] e [dʒ], estão ganhando força na comunidade de fala de Aracaju.

No estudo de Souza (2016), os resultados mostraram que a frequência de uso das variantes palatalizadas apresenta diferença entre Aracaju, capital do estado, e as cidades de Itabaiana e Lagarto, cidades do interior do estado. Isso pode sugerir que, no estado de Sergipe, a frequência de uso das variantes palatalizadas esteja mais adiantada na capital do estado em relação às cidades do interior. Segundo Freitag e Santos (2016), esses estudos apontam para um cenário de mudança ainda incipiente no estado, com um aumento das variantes palatalizadas, resultantes do processo da palatalização das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal alta [i].

Do ponto de vista da percepção e atitudes linguísticas, em relação à realização de /t/ e /d/ no estado de Sergipe, Freitag e Santos (2016) analisaram o julgamento de 36 universitários da Universidade Federal de Sergipe em relação às variantes oclusivas e africadas de /t/ e /d/. O tipo de teste utilizado foi o verbal guise, pelo qual os participantes avaliavam características pessoais e linguísticas a partir de estímulos de áudio. As autoras teceram perguntas em escala sobre características estéticas (agradável, desagradável, bonita, feia), características dialetais (fala cantada, não cantada, lenta, rápida), estilísticas (confusa, clara) e características geográficas (interior, capital) e se a pessoa que estava falando era (baiana, sergipana ou pernambucana). Os 36 participantes do teste eram oriundos tanto da capital, quanto do interior do estado, com idades entre 18 e 41 anos, sendo 18 do sexo feminino e 18 do sexo masculino.

Os resultados mostraram que em relação às características estéticas, as variantes palatalizadas foram julgadas como mais bonitas e mais agradáveis com percentuais de 59% e 51%, respectivamente, enquanto as oclusivas tiveram percentuais um pouco mais baixos de 52% e 48%, seguindo a ordem das características. Em relação às características estilísticas, as realizações palatalizadas foram julgadas como sendo mais claras com percentual de 69%, enquanto as oclusivas apresentaram percentual de clareza de 52%. Já em relação às características geográficas, interior e capital, as realizações oclusiva e palatalizada apresentaram percentuais muito próximos de 60% e 61%, respectivamente, e foram julgadas como sendo da capital. Em relação à região geográfica específica, foi verificado que dos três estados que foram comparados, Sergipe, Bahia e Alagoas, as variantes oclusivas foram julgadas como sendo de Sergipe com 45%, já em relação às palatalizadas, os juízes julgaram que elas representam a fala dos baianos com 39%. Ao final, as autoras concluem que a atitude dos universitários aracajuanos quanto às variantes palatalizadas indica seu prestígio, enquanto as oclusivas indicam neutralidade.

Corrêa e Ribeiro (2018) também realizaram estudo de reação subjetiva com falantes sergipanos em relação às variantes /t/ e /d/ tanto com realização oclusiva, quanto com realização palatalizada. O estudo teve por objetivo analisar as percepções e atitudes linguísticas de informantes do interior e da capital de Sergipe diante da palatalização regressiva e progressiva. Para tanto, as autoras adotaram a técnica de *matched guise* (estímulos pareados), uma abordagem indireta, e utilizaram 12 áudios para compor o teste, dos quais oito continham as variáveis sob análise e quatro áudio distratores. O instrumento de coleta do teste foi um questionário constituído por oito questões, com respostas de três formas: por escala gradual de cinco pontos, múltipla escolha e marcação de caixa. O teste foi realizado por 58 participantes, residentes do interior e da capital estado, com nível de escolarização entre médio e superior, tendo sido a maior parte aplicada em estudantes universitários.

Em relação ao julgamento das variantes, as autoras concluíram, por meio dos resultados, que as variantes palatalizadas diante da vogal alta [i] foram julgadas como mais prestigiosas por apresentarem valorações positivas sempre mais altas em relação à

realização oclusiva. E que há diferenças na percepção dos informantes do interior em relação aos da capital diante da palatalização de /t,d/, tanto antecedida quanto posposta ao /i/.

Nos estudos de produção realizados na comunidade de Sergipe, podemos observar que fatores sociais, geográficos e linguísticos estão exercendo influência quanto ao uso das variantes palatalizadas, assim como mostram outros estudos em comunidades em que as variantes oclusivas e variantes palatalizadas das consoantes /t/ e /d/ estão em processo de variação.

2.3 PALATALIZAÇÃO NA COMUNIDADE DE PRÁTICAS UFS

Em Sergipe, o estudo de Souza (2016) mostrou, em uma amostra constituída por jovens universitários de três comunidades de fala diferentes, que a frequência de uso varia de uma para outra, sendo os jovens da capital do estado a apresentarem maior uso das variantes palatalizadas, se comparados aos jovens das duas comunidades do interior, mostrando, assim, que existem diferenças de uma localidade para outra, dentro de um mesmo estado. Nesse contexto, nos propomos a descrever variação entre a variante oclusiva e a variante palatal de /t/ e /d/ em ambiente regressivo, em palavras como /tia~tʃia/, /dia~dʒia/, na fala de estudantes da comunidade de práticas UFS, espaço social constituído, em sua maioria, por jovens.

A escolha de um *campus* universitário como lócus de estudo deve-se ao fato de, conforme Campbell-Kibler et al. (2014, p.21), a universidade

ser uma experiência de realocação comum, embora não universal, para jovens adultos, muitas vezes envolvendo movimentos para novas regiões dialetais, ou interação com outros que vieram de outras regiões. Além disso, estudantes universitários passam por desenvolvimento significativo e mudança de identidade social (Arnett 2000, Larose e Boivin 1998), o que permite investigar os efeitos concorrentes ou cooperativos de exposição e identidade na mudança da língua¹⁴.

¹⁴ College is a common, though by no means universal, relocation experience for young adults, often involving moves to new dialect regions, or interaction with others who have come from other regions. In addition, college students undergo significant development and change of social identity (Arnett 2000, Larose and Boivin 1998), allowing us to probe the competing or cooperative effects of exposure and identity in language change (Campbell-Kibler et al., 2014, p.21)

É sob essa perspectiva de universidade como uma experiência de realocação que estudamos a variação entre as oclusivas [t] e [d] versus as palatalizadas [tʃ] e [dʒ] na fala de jovens universitários. Embora o estudo de Souza (2016) tenha trabalhado como jovens universitários em comunidades de fala distintas, nós procuramos entender como essa dinâmica que envolve jovens de diferentes comunidades de fala, de diferentes variedades dialetais e estratos sociais reflete em mudanças linguísticas. No âmbito desta comunidade de práticas que é a UFS, consideramos todas as transformações pelas quais ela passou, que não refletiram em mudanças somente na estrutura social, mas também no cenário linguístico da comunidade acadêmica, visto que tanto as ações afirmativas, quanto o SISU fizeram com que a mobilidade acadêmica fosse ampliada, gerando, assim, um aumento no fluxo migratório de estudantes de diversas localidades, tanto de fora, quanto de dentro do estado. Como explica Freitag (no prelo), quando ocorre um aumento de fluxo migratório para um mesmo local, neste caso a UFS, instaura-se um cenário de contatos linguísticos propício ao estudo sobre efeitos de interferências de variedades.

Essa diversidade de estudantes de origem geográfica diferente na universidade ocasiona um leque muito grande de variedades linguísticas, e o contato linguístico que as pessoas têm umas com as outras pode ocasionar variação e mudanças em seu repertório, pois, como afirma Meyerhoff (2006), toda variação e mudança na língua pode ser entendida como fruto de algum tipo de contato entre diferentes indivíduos ou membros de diferentes comunidades. Nesse viés, Bortoni-Ricardo (2011[1985]) afirma que quando falantes de uma variedade local entram em contato com outras variedades linguísticas, o seu dialeto tende a tornar-se mais difuso, a ocorrência de variantes locais tende a diminuir e algumas regras no seu repertório linguístico, outrora quase categóricas, tenderão a tornar-se variáveis. Nessa perspectiva, Trudgill (1986) diz que a difusão de formas linguísticas ocorre quando um falante emprega pela primeira vez uma nova forma linguística, que antes não fazia parte do seu repertório, na ausência de falantes cujo uso de tais formas linguísticas é praticamente categórico.

Trudgill (1986) explica que, em nível macro, as inovações linguísticas e as formas linguísticas já são um fato bastante estabelecido, geralmente, elas são difundidas

geograficamente de uma área para outra; e os modelos de difusão geográfica que já foram construídos são capazes de fazer previsões relativamente precisas sobre as rotas geográficas a serem seguidas pelas inovações linguísticas. Tais modelos envolvem dois fatores importantes que são o demográfico – o tamanho populacional das comunidades envolvidas na interação – e o geográfico – que a é distância entre os diferentes centros. No entanto, em nível micro, muito pouco se sabe sobre como as formas linguísticas são difundidas, afirma o autor, motivo pelo qual estamos propondo o estudo em questão.

Para que uma forma linguística seja espalhada de uma região para outra, geralmente, ela precisa ser difundida de um falante para outro e assim sucessivamente; essa difusão em nível micro, ou seja, por meio do falante individual, ocorre na maior parte dos casos, por meio da interação face a face. Nesse tipo de interação, os falantes podem se adaptar linguisticamente uns aos outros, o que pode levar a diminuir as diferenças entre os padrões de fala e, como consequência, podem adotar características linguísticas da fala do outro. Ainda, conforme Trudgill (1986 p.39)¹⁵, “se um falante se acomoda com frequência suficiente a um traço linguístico ou dialeto em particular, então a acomodação pode com o tempo se tornar permanente, particularmente se os fatores de atitude forem favoráveis.” Nesse sentido, Britain (2010, p. 207)¹⁶ afirma que “a acomodação linguística é a chave para a compreensão dos resultados do contato cotidiano e que a rotina e a regularidade do contato, ao longo do tempo, ajudam a transformar a acomodação em aquisição”.

A mobilidade geográfica proporciona ao falante maior variabilidade linguística do seu dialeto e sua inserção a um novo ambiente, neste caso, a Universidade, lhe permite melhores chances de mobilidade ascendente, além de possibilitar maiores chances de comunicação com diferentes pessoas de diferentes variedades.

¹⁵ If a speaker accommodates frequently enough to a particular accent or dialect [...]then the accommodation may in time become permanent, particularly if attitudinal factors are favourable.

¹⁶ linguistic accommodation is key to our understanding of the outcomes of everyday contact, and that routinization and regularity of contact, across time, help turn accommodation into acquisition.

2.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE PRÁTICAS UFS

O *campus* Prof. José Aloísio de Campos, com base no Anuário Estatístico UFS em números: edição especial 2017, recebe cerca de 4.595 estudantes por ano e tem 18.815 alunos matriculados. O *campus* oferta mais de 80 cursos de graduação presencial, em turnos diurno, noturno e integral. O *campus* é, territorialmente, grande (para o tamanho do estado de Sergipe), têm sete prédios de salas de aula (as didáticas), blocos departamentais, uma reitoria, uma prefeitura, centro de vivência, auditórios, restaurante universitário, uma biblioteca central, núcleos de estudos, praças, vários laboratórios, quadra poliesportiva, além de ceder espaço para funcionamento do Banco do Brasil, do Colégio de Aplicação (CODAP), do sindicato ADUFS, de um ponto SETRANSP e de lanchonetes, restaurantes e copiadoras de cunho particular.

Dentre muitos desses espaços que há no *campus*, há alguns que são considerados como espaços de convivência para os alunos, a exemplo do restaurante universitário (RESUN) e da Biblioteca Central (BICEN). O RESUN é um espaço de convivência que reúne muitos estudantes todos os dias, uma vez que atende à comunidade universitária, fornecendo almoço e jantar pelo custo subsidiado de R\$1,00. Já a BICEN é um espaço utilizado principalmente para estudo cuja dinâmica dá-se em grupo ou individualmente, dependendo muito do estudante e de seus objetivos. Esse local configura-se como um espaço de convivência para muitos estudantes, recebendo um alto fluxo de usuários todos os dias.

Outros espaços que servem como centro de convivência no *campus* são a Praça da Democracia, também conhecida entre os alunos como “*Central Park*”, que desde que foi reformada, em 2016, passou a atrair os estudantes, que, em seus horários livres, reúnem-se para conversar, descansar, tocar instrumentos musicais, ou para fazer qualquer outra atividade (algumas ilícitas); as pracinhas entre as didáticas, onde os estudantes ficam entre o intervalo das aulas ou em seu tempo livre e que são sempre muito movimentadas; a Lanchonete e o Restaurante Moura, estabelecimentos comerciais dentro do *campus*, que reúnem muitos estudantes que vão lanchar, almoçar ou até mesmo conversar e que também são espaços sempre bem movimentados.

Por a universidade disponibilizar auxílios para a permanência, a exemplo da residência estudantil, estudantes de diferentes cursos e localidades acabam criando vínculos por morarem no mesmo lugar, que posteriormente, podem ser ampliados nesses espaços de convivência. Nesses espaços, estudantes de diferentes cursos acabam se encontrando e, como consequência, interagindo uns com os outros e fazendo com que novos vínculos sejam estabelecidos, vínculos esses que podem ser mais duradouros ou não.

A UFS é uma comunidade de práticas dispersa e mais heterogênea em relação às oportunidades de formação de vínculos que se dão em um conjunto mais amplo de contextos sociais. Ela é constituída por estudantes de diferentes categorias sociais (gênero, região geográfica, classe social, idade, culturas, cursos de graduação, dentre outras), por ter uma estrutura tão complexa e heterogênea, nem todos esses estudantes se conhecem e se relacionam, mas todos eles estão conectados por meio da sua integração em diferentes práticas inerentes a esse agrupamento social. A todo o momento, os estudantes estão interagindo com diferentes indivíduos e, nessas interações, compartilham usos linguísticos, podendo tanto reforçar normas legitimadas institucionalmente, quanto propor traços linguísticos da sua variedade local.

Para que esses estudantes possam integrar-se a essa comunidade, eles se deslocam das suas comunidades de fala de origem (estado, cidade, povoado), que são, segundo Labov (2008[1972]), conjuntos de pessoas que compartilham valores sobre regras em relação à língua, e, chegando ao *campus*, estes estudantes passam a compartilhar modos de falar e repertórios linguísticos por estarem em contato com pessoas de diferentes regiões geográficas e dialetos. Além disso, eles também compartilham de contextos sociais, como assistir aulas nas didáticas e nos auditórios, apresentar seminários, fazer estágios, participar de eventos promovidos pela instituição, projetos de extensão, projetos de pesquisa, projetos culturais e esportivos, frequentar espaços de convivência (RESUN, BICEN, Restaurante e Lanchonete Moura, Praça da Democracia, dentre outros). Toda essa integração desses estudantes reunidos em uma mesma comunidade de práticas pode ocasionar ainda mais o processo de variação linguística que já ocorre entre os diferentes falantes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, abordaremos os procedimentos metodológicos da pesquisa, descreveremos a coleta dos dados, como foi realizado o tratamento dos dados, os tipos de análises que foram realizadas e a descrição das variáveis sociais e linguísticas que foram controladas nesse estudo.

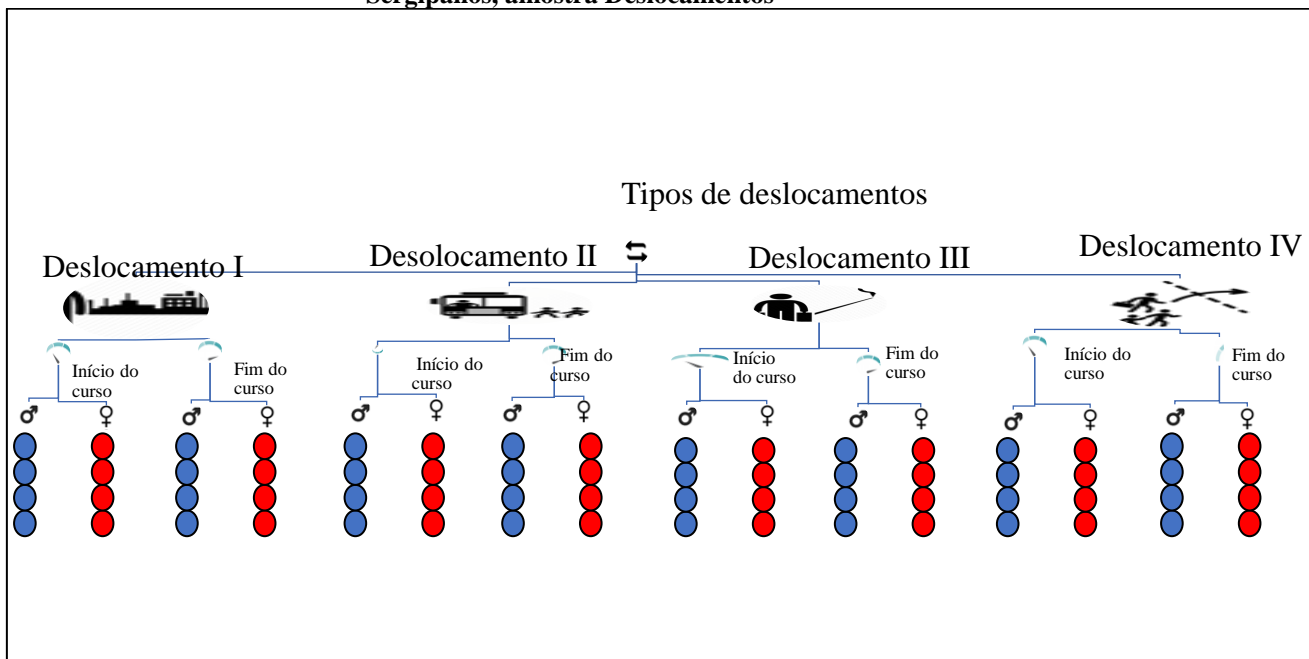
3.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

A constituição da amostra do presente estudo foi realizada no *Campus* Prof. José Aloísio de Campos. A amostra foi constituída a partir de entrevistas realizadas com 64 estudantes com idades entre 16 e 30 anos, oriundos de diferentes regiões geográficas, tanto de fora do estado, quanto de diferentes localidades do estado de Sergipe (região metropolitana de Aracaju e do interior do estado, tanto da zona urbana quanto da zona rural). Também foram levados em consideração o tempo de ingresso na universidade e o sexo/gênero do informante.

A coleta foi realizada por meio de entrevistas sociolinguísticas aos moldes labovianos e tiveram duração média de 40 – 60 minutos cada. Para o desenvolvimento da entrevista, elaboramos um roteiro (ANEXO A) que contém perguntas de checagem, perguntas sobre o local de moradia, assuntos referentes à universidade, ao curso, ao mercado de trabalho, ao cenário político. O roteiro, em si, não foi extenso, pois o utilizamos como norte para as perguntas, mas, ao longo da entrevista, diversas perguntas eram adicionadas, visto que uma resposta do informante sempre dava margem para outras perguntas, o que fez com que não tivéssemos problema em relação ao tempo.

Essa amostra foi constituída em parceria com mestranda Cristiane Ribeiro, e dá suporte ao seu estudo de mestrado (RIBEIRO, 2019). Iniciamos a coleta no dia 2 de abril de 2018 e finalizamos no dia 11 de maio de 2018. Pelo fato de termos estabelecido parâmetros para seleção do informante, tivemos algumas dificuldades, principalmente, já no final da coleta. Como a nossa coleta foi estratificada por tipo de deslocamento, por tempo de ingresso no curso e por sexo/gênero, como ilustra a figura 2.

Figura 3: Desenho da coleta de dados quanto aos tipos de deslocamentos, banco de dados Falares Sergipanos, amostra Deslocamentos



Cada deslocamento tinha que ser constituído por 16 estudantes, sendo oito do início do curso de graduação (que estivessem entre o 1º e o 3º período) e oito do final do curso de graduação (que estivessem entre o 7º e o 10º período), para cada tempo de curso, era necessário que tivesse quatro homens e mulheres. O deslocamento I, tinha que ser composto por estudantes nascidos e criados na região metropolitana de Aracaju; o deslocamento II, tinha que ser composto por estudantes oriundos do interior do estado (nascidos e criados), que realizavam o movimento pendular diário, ir e voltar todos os dias para o município onde moravam; o deslocamento III, tinha que ser constituído por estudantes oriundos do interior do estado (nascidos e criados), que realizaram o tipo de migração intermunicipal, ou seja, estudantes que saíram do seu município de origem e vieram morar na grande Aracaju para estudar na UFS; o deslocamento IV, tinha que ser constituído por estudantes oriundos de outros estados do Brasil, que realizaram o tipo de migração interestadual, ou seja, que vieram morar em Sergipe, na região metropolitana de Aracaju, para estudar na UFS.

Para que pudéssemos preencher as células dos quatro deslocamentos, saímos pelo *campus* abordando, principalmente, grupos de estudantes reunidos e perguntando se eles poderiam participar de uma entrevista sobre suas vivências na universidade. No

início, foi relativamente fácil, os estudantes iam aceitando e indicando alguns amigos que se enquadravam no perfil, no entanto, conforme as células iam sendo fechadas, ficava mais difícil a indicação, pois o perfil já estava saturado. Às vezes, quem o outro estudante indicou até fazia parte de determinado deslocamento que precisava ser preenchido, mas a célula de deslocamento ou de tempo de curso já estava saturada.

Quando não conseguíamos encontrar o estudante pela indicação de outro colaborador, saíamos novamente pelo *campus* e perguntávamos se outro estudante localizado poderia colaborar com nossa pesquisa; se ele demonstrasse interesse, perguntávamos de onde ele era, onde morava e em que período estava. Quando fazíamos essa checagem, nem sempre a pessoa encaixava-se no perfil. Mas também encontrávamos pessoas que se encaixavam no perfil que precisávamos, no entanto, no momento em que contactávamos, estas não tinham tempo de fazer a entrevista, pois iriam ter aula ou algum compromisso, mas disponibilizavam os seus contatos para que pudéssemos marcar para outro dia.

Com o contato dessas pessoas que se disponibilizavam, já na reta final da coleta, conseguíamos fazer cinco entrevistas por dia. As entrevistas foram realizadas no Condomínio de Laboratórios CLS/LAMID, a maior parte delas em uma cabine acústica, utilizamos microfone de lapela e gravador de mesa. Antes de darmos início à entrevista, pedíamos que o colaborador lesse o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B) e, caso concordasse com o termo, o assinasse, concordando com a pesquisa, nós pedíamos que o colaborador preenchesse a ficha social (ANEXO C), que fornecia suas informações pessoais, as quais nos ajudaram na constituição do índice de integração à comunidade de práticas UFS.

3.1.1 Perfil social dos participantes

A tabela 3, apresentada a seguir, mostra as características de cada um dos informantes entrevistados.

Tabela 3: Perfil social dos informantes dos quatro deslocamentos

Deslocamento I								
Informante	Sexo	Idade	Cidade de origem - Cidade atual	Bairro	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
EVIIFF	Mulher	21	Aracaju/SE	Ponto Novo	7º	Familiares	Na UFS	E. Mecânica

ADR1MI	Homem	16	Aracaju/SE	Santa Maria	1º	Familiares	Na UFS	Letras Francês
BRE1MF	Homem	19	Aracaju/SE	São Conrado	7º	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
CAS1MF	Homem	23	Aracaju/SE	Orlando Dantas	9º	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
CLA1FF	Mulher	21	Aracaju/SE	Jardins	7º	Familiares	Em casa	E. Mecânica
CR11FF	Mulher	30	São Cristóvão/SE	Alto Divinéia	8º	Familiares	Na UFS	Farmácia
DAN1FI	Mulher	18	Aracaju/SE	18 do Forte	1º	Familiares	Na UFS	M.Veterinária
GRE1MF	Homem	24	Aracaju/SE	Luzia	9º	Familiares	Na UFS	E. Elétrica
JEA1MI	Homem	17	Socorro/SE	Taiçoca	1º	Familiares	Em casa	Ed. Física
JUC1FF	Mulher	28	Aracaju/SE	Jabotiana	10º	Familiares	Na UFS	Zootecnia
KEV1MI	Homem	18	Aracaju/SE	Ponto Novo	1º	Familiares	Na UFS	C. Biológicas
LAR1FI	Mulher	16	Aracaju/SE	Inácio Barbosa	1º	Familiares	Na UFS	L. Português
LOR1FI	Mulher	18	Aracaju/SE	Bugio	1º	Familiares	Na UFS	Letras Francês
LUI1MF	Homem	24	Aracaju/SE	São Conrado	9º	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
MIL1FI	Mulher	16	Aracaju/SE	José Conrado	9º	Familiares	Em casa	Jornalismo
ROD1MI	Homem	18	Aracaju/SE	Luzia	9º	Familiares	Na UFS	Letras Inglês

Deslocamento II

Informante	Sexo	Idade	Cidade de origem/ Cidade atual	Zona de residência	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
AGN2MI	Homem	21	Itabaiana/SE	rural	3º	Familiares	Na UFS	E. Agrônômica
ALI2FI	Mulher	20	Malhador/SE	urbana	1º	Familiares	Em casa	Geologia
CLA2FI	Mulher	19	Lagarto/SE	rural	1º	Familiares	Na UFS	Letras Francês
DAN2MI	Homem	18	Lagarto/SE	rural	1º	Familiares	Na UFS	E. Materiais
DOU2MF	Homem	25	Lagarto/SE	urbana	9º	Familiares	Na UFS	E. Elétrica
ELV2MF	Homem	20	Lagarto/SE	rural	7º	Familiares	Na UFS	E. Agrônômica
ISA2FF	Mulher	20	Salgado/SE	urbana	7º	Familiares	Na UFS	E. Materiais
JHO2MI	Homem	19	Lagarto/SE	urbana	1º	Familiares	Na UFS	E. Mecânica
JUN2MF	Homem	22	Tobias Barreto/SE	urbana	8º	Familiares	Na UFS	Geografia
LAR2FF	Mulher	22	Lagarto/SE	rural	7º	Familiares	Na UFS	E. Agrônômica
MAS2MF	Homem	24	Lagarto/SE	urbana	8º	Familiares	Na UFS	Geografia
NAT2FI	Mulher	19	Itabaiana/SE	urbana	3º	Familiares	Na UFS	M.Veterinária
NAY2FI	Mulher	18	Areia Branca/SE	urbana	3º	Familiares	Na UFS	Nutrição
RIC2MI	Homem	19	Gen. Maynard/SE	urbana	1º	Familiares	Na UFS	Artes Visuais
SAB2FF	Mulher	22	Lagarto/SE	urbana	9º	Familiares	Na UFS	Psicologia
YAS2FF	Mulher	21	Salgado/SE	rural	9º	Familiares	Na UFS	Geografia

Deslocamento III

Informante	Sexo	Idade	Cidade de origem/ Cidade atual	Cidade Atual	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
APA3MF	Homem	23	Boquim/SE	S.Cristóvão/SE	9º	sozinho	Na UFS	Zootecnia
BRE3FI	Mulher	17	Tobias Barreto/SE	Aracaju/SE	3º	sozinho	Na UFS	Nutrição
DAN3FF	Mulher	24	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	10º	residentes	Na UFS	E.Civil
LUC3MI	Homem	17	Lagarto/SE	Aracaju/SE	1º	residentes	Na UFS	Geografia
ELA3FF	Mulher	23	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	10º	residentes	Na UFS	E.Civil
EME3MF	Homem	19	Itabaiana /SE	Aracaju/SE	7º	sozinho	Na UFS	E.Mecânica

GEN3FF	Mulher	22	N. Aparecida/SE	S.Cristóvão/SE	7º	residentes	Na UFS	E. Agronomia
GRA3FI	Mulher	18	Simão Dias/SE	S.Cristóvão/SE	2º	residentes	Na UFS	Ed. Física
JOS3MI	Homem	21	Itabaiana/SE	S.Cristóvão/SE	1º	com amigo(s)	Na UFS	Ed. Física
LEI3FI	Mulher	17	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	1º	residentes	Na UFS	Nutrição
LET3FI	Mulher	18	N.S.das Dores/SE	S.Cristóvão/SE	3º	com amigo(s)	Na UFS	Filosofia
LUR3FF	Mulher	24	Lagarto/SE	S.Cristóvão/SE	8º	residentes	Na UFS	E.Química
MAR3MF	Homem	24	Malhador/SE	S.Cristóvão/SE	9º	com amigo(s)	Na UFS	E. Alimento
RON3MF	Homem	23	Umbaúba/SE	S.Cristóvão/SE	8º	residentes	Na UFS	Geografia
SOA3MI	Homem	18	Tobias Barreto/SE	S.Cristóvão/SE	3º	com amigo(s)	Na UFS	Direito
VIC3MI	Homem	19	Umbaúba/SE	S.Cristóvão/SE	1º	com amigo(s)	Na UFS	C.e Audiovisual
Deslocamento IV								
Informante	Sexo	Idade	Cidade e estado de origem	Cidade Atual	Período	Com quem mora	Onde almoça	Curso
ADE4MI	Homem	30	Salvador/BA	S.Cristóvão/SE	3º	residentes	Na UFS	Letras espanhol
DOU4MI	Homem	21	Paulo Afonso/BA	Aracaju/SE	3º	sozinho	Na UFS	C. Audiovisual
JEC4FF	Mulher	21	Itabuna/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigos	Na UFS	E. Mecânica
MAR4FF	Mulher	22	F.de Santana/BA	Aracaju/SE	9º	sozinho	Em casa	E. Química
MAR4FI	Mulher	19	Euclides da Cunha	Aracaju/SE	1º	Familiares	Na UFS	Geografia
MAT4MF	Homem	24	Alagoinhas/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigos	Em casa	E. Computação
MUN4FI	Mulher	19	Jequié/BA	S.Cristóvão/SE	3º	residentes	Na UFS	E. Materiais
RIC4MF	Homem	21	Jequié/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigo(s)	Na UFS	M. Veterinária
ROB4MI	Homem	18	São Paulo/SP	Aracaju/SE	1º	sozinho	Na UFS	Enfermagem
VIC4MI	Homem	19	Campo Grande/MS	Aracaju/SE	1º	Familiares	Em casa	E. Petróleo
VIT4MF	Homem	32	Ilhéus/BA	S.Cristóvão/SE	10º	com amigo(s)	Na UFS	E. Alimento
WEL4MF	Homem	24	Alagoinhas/BA	S.Cristóvão/SE	7º	com amigo(s)	Na UFS	Matemática
ALI4FI	Mulher	19	Palmeiras/BA	S.Cristóvão/SE	3º	com amigo(s)	Na UFS	R. internacionais
JES4FF	Mulher	22	Ribeirão Preto/SP	Aracaju/SE	7º	com amigo(s)	Na UFS	M. Veterinária
JUL4FF	Mulher	21	Paulo Afonso/BA	S.Cristóvão/SE	7º	residentes com amigo(s)	Na UFS	E. Mecânica
KAU4FI	Mulher	19	Miguel Calmon/BA	S.Cristóvão/SE	1º		Na UFS	Fisioterapia

No deslocamento I, 14 dos 16 informantes moram na cidade de Aracaju e apenas dois moram nas cidades aos arredores da capital, São Cristóvão e Socorro, cidades que fazem parte da região metropolitana de Aracaju. Todos os 16 informantes moram com os familiares e residem em diferentes bairros da cidade.

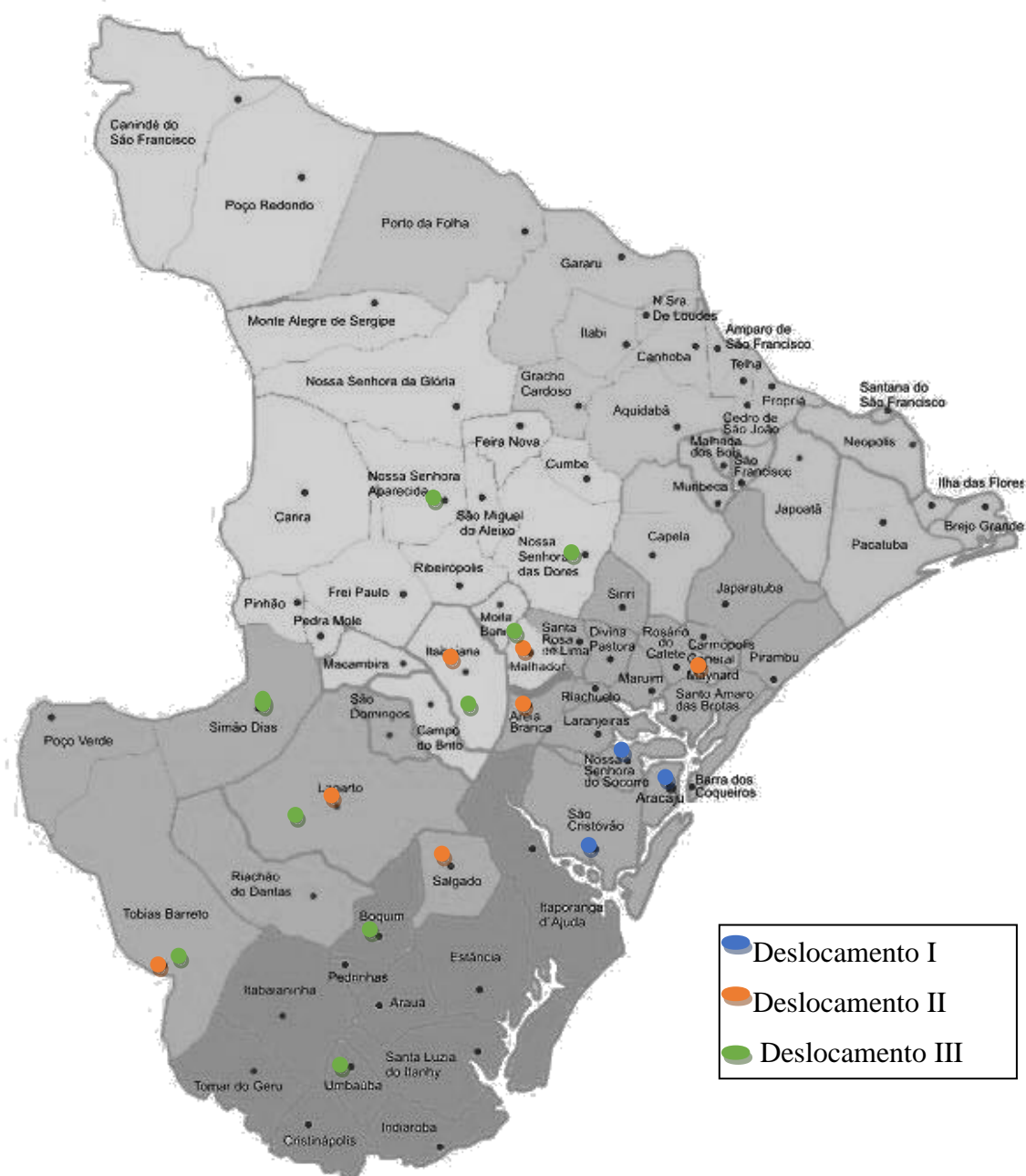
No deslocamento II, os informantes são oriundos de sete municípios diferentes (Itabaiana, Malhador, Lagarto, Salgado, Areia Branca, Tobias Barreto e General Maynard), sendo 8 dos 16 informantes da cidade de Lagarto. Os informantes são residentes tanto da zona urbana quanto da zona rural e todos moravam com seus familiares.

No deslocamento III, os informantes são oriundos dos municípios de Itabaiana, Lagarto, Boquim, Umbaúba, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Aparecida, Simão Dias e Tobias Barreto. Dos 16 informantes, três moram na cidade de Aracaju e os outros 13 moram no bairro Rosa Elze, próximo à UFS. Desses informantes, três moram sozinhos, cinco moram com amigos e oito moram com residentes da UFS.

No deslocamento IV, os informantes são oriundos de diferentes estados do Brasil: São Paulo, Mato Grosso do Sul e Bahia. Dos 16 informantes, 13 são do estado da Bahia, sendo dois de Alagoinhas, um de Feira de Santana, dois de Paulo Afonso, um de Ilhéus, dois de Jequié, um de Miguel Calmon, um de Euclides da Cunha, um de Salvador, um de Itabuna e um de Palmeiras. Um informante é da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e dois do estado de São Paulo, um da cidade de Ribeirão Preto e um da cidade de São Paulo, capital. Dos 16, quatro deles moram em Aracaju e os demais residem no bairro Rosa Elze. Nesse deslocamento, três dos informantes moram em residências da UFS, três moram sozinhos, dois moram com familiares (um mora com o irmão que mudou para o estado de Sergipe junto com ele e o outro mora com tios e primas sergipanas) e oito moram com amigos.

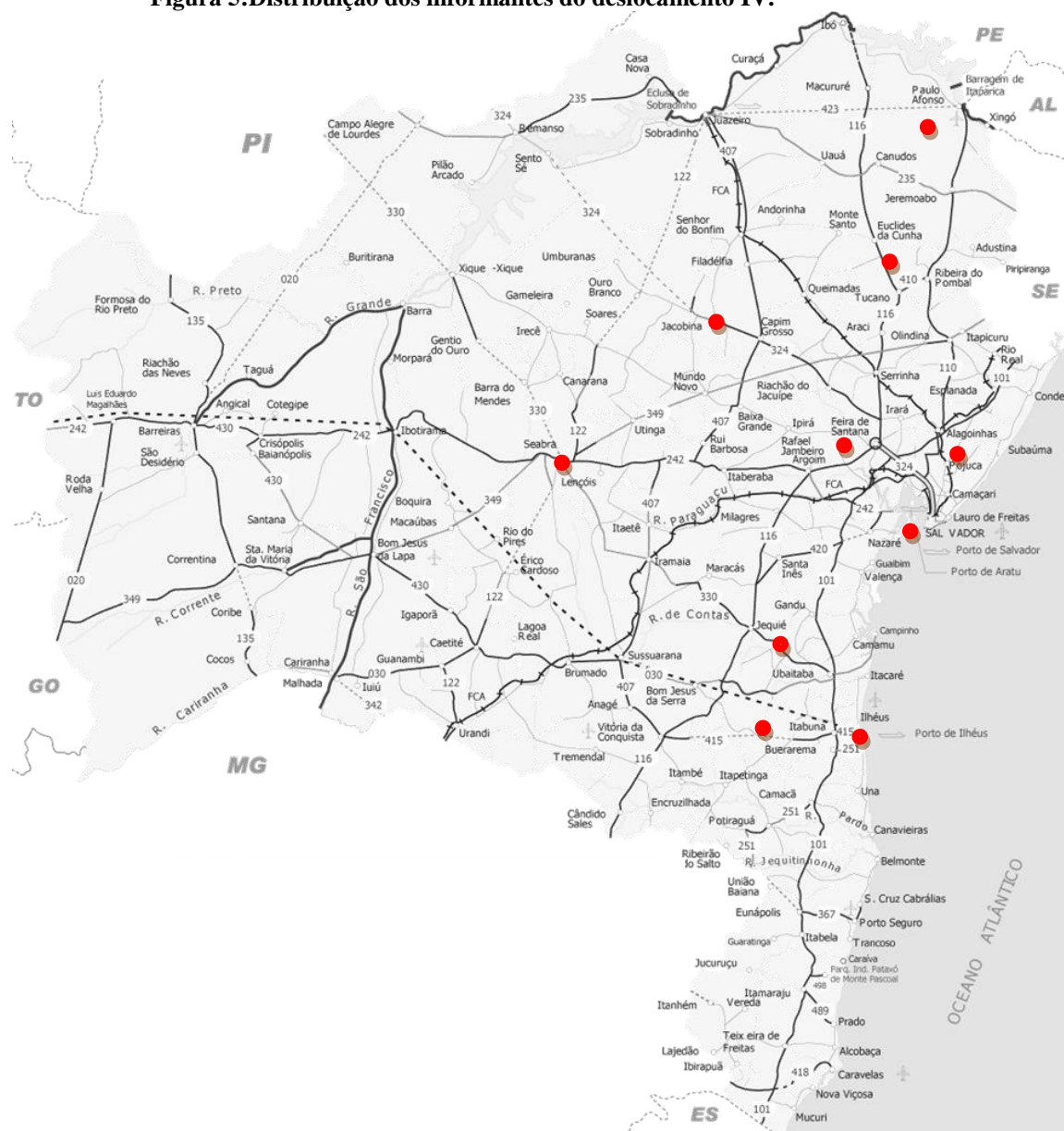
Nas figuras 4 e 5, os mapas mostram a distribuição dos informantes nos estados de Sergipe e Bahia. Os pontos nos mapas indicam os informantes da pesquisa, e cada cor representa um deslocamento.

Figura 4: Distribuição dos informantes dos deslocamentos I, II e III.



Fonte: Blog minha terra é Sergipe. Adaptado por Corrêa (2019).

Figura 5: Distribuição dos informantes do deslocamento IV.



Fonte: Guia geográfico Bahia. Adaptado por Corrêa (2019)

3.2 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Apresentaremos, a seguir, a variável dependente e as variáveis independentes que foram controladas nesta pesquisa para que pudéssemos identificar quais são os fatores sociais e linguísticos que favorecem a palatalização das consoantes /t/ e /d/ em ambiente

fônico regressivo na comunidade práticas da UFS, localizada na cidade de São Cristóvão, no estado de Sergipe.

3.2.1 Variável Dependente

Nesta pesquisa, consideramos como variável dependente a realização oclusiva versus a palatal das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal fonológica /i/, vogal fonética [I] derivada de /e/ em posição átona elevada e semivogal /y/.

Segundo Battisti e Rosa (2012, p.12),

palatalização é um processo assimilatório, envolve a adoção, por um segmento, de características de segmentos vizinhos. A característica em questão é o emprego da lâmina/corpo da língua na articulação do segmento. Na palatalização das oclusivas alveolares, /t/ e /d/ assimilam tal característica articulatória da vogal alta seguinte. Além da palatalização propriamente dita, as consoantes sofrem africacão, isto é, há um pequeno escape de ar ao final de sua articulação.

Em estudo realizado por Souza (2016) foi verificado, por meio de análise acústica, que no estado de Sergipe, nas três comunidades estudadas, Aracaju, Itabaiana e Lagarto, há uma gradiência entre a forma plena [t] e [d] e a africada palatoalveolar [tʃ], [dʒ], forma considerada como inovadora. Embora ocorra essa gradiência, no presente estudo, qualquer grau de palatalização foi considerado como palatalização, reduzindo o estudo da variação a uma análise binária:

- Oclusiva alveolar- [t], [d]
- Palatal- [tʃ], [dʒ]

3.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes podem ser internas ou externas à língua e possibilitam identificar contextos de maior ou menor frequência de algum fenômeno variável.

3.2.3 Variáveis Linguística

As variáveis linguísticas são fatores internos ao sistema linguístico que, em contextos linguísticos específicos, podem favorecer ou não a realização de uma ou mais variante linguística. Nesta pesquisa, controlamos as seguintes variáveis linguísticas: (contexto anterior, contexto posterior, tipo de vogal, sonoridade e tonicidade) que podem influenciar na realização das consoantes /t/ e /d/.

3.2.3.1 Contexto anterior

O contexto anterior é constituído por qualquer segmento ou pausa que anteceda as consoantes /t/ ou /d/. Nos estudos anteriores sobre a palatalização das consoantes /t/ e /d/, a saber, Paula, (2006), Mauri (2008), Souza (2016); Rocha e Almeida (2009), Dutra (2007), Abaurre e Pagotto (2013), essa variável se mostrou estatisticamente significativa no condicionamento da palatalização.

Na investigação no estado de Sergipe (SOUZA, 2016), a fricativa alveopalatal (tri[ɲ]te, de[ʒ]de) foi o contexto condicionador da realização palatal das consoantes /t/ e /d/. Assumimos a hipótese que a fricativa alveopalatal anterior condiciona a realização palatal das consoantes /t/ e /d/, em concordância aos resultados de Souza (2016).

Para esta variável foram contralados os seguintes contextos linguísticos:

- a) Fricativa alveolar - [s], [z]: (assistir, desde);
- b) Fricativa alveopalatal - [ɲ], [ʒ]: (triste, desde)
- c) Fricativa Glotal [h], [ɦ]: (particular, tarde);
- d) vogal nasal [ã, ê, ã, õ, ù]: (**ant**igamente, **gente**, **ind**ígena, **onde**, **um** tiro);
- e) Vogal Central [a]: (**at**irando, comunidade);
- f) vogal posterior [ɔ, o, u]: (**ót**imo, **mot**ivo, **ú**til);
- g) vogal anterior [i, e, ε]: (**rit**mo, **pare**de, **mé**dio);
- h) semivogal [w], [j]: (**re**utilização, **vou** dizer, **no**ite, **ache**i difícil);
- i) pausa # : (#tipo);

3.2.3.2 Contexto posterior

O contexto posterior é composto por qualquer segmento ou espaço de pausa posterior a vogal fonológica /i/, vogal fonética /e/ em posição elevada [i] ou semivogal [y].

Esta variável foi controlada por mostra-se estatisticamente significativa nos estudos de Pires (2007), Paula, (2006), Mauri (2008), Rocha e Almeida (2009), Dutra (2007). Porém, no estudo de Souza (2016), no estado de Sergipe, esta variável não foi estatisticamente significativa. No estudo de Paula (2006), na comunidade de Panambi/RS, a lateral (estilete, dilema) condiciona a realização palatal, resultado semelhante foi encontrado por Pires (2007) na comunidade de São Borja/ RS.

Assim, temos por hipótese que a realização palatal seja mais frequente com o contexto posterior lateral, seguindo a tendência apresentada por Paula (2006) e Pires (2007).

Para esta variável foram contralados os seguintes contextos linguísticos:

- a) Oclusiva labial [p,b]: (tipo, a gente **b**ota);
- b) Oclusiva alveolar [d,t]: (escond**i**do ,edit**a**l);
- c) Oclusiva Velar [g,k]: (antigo ,particular)
- d) Fricativa labiodental [v,f] (difícil, seletivo);
- e) Fricativa Glotal [h],[ɦ]: (pude **r**eviver, vinte **r**eais)
- f) Fricativa alveolar [s],[z]: (participação, aprendizagem);
- g) Fricativa alveopalatal [ʃ],[ʒ]: (digital)
- h) Nasal [m, n, ɲ]: (sét**i**mo, aerodinâmica, tin**h**a);
- i) Lateral [l]: (estilete);
- j) vogal nasal [ẽ, ĩ, ũ]: (cidade **e**ntendeu, senti**n**do, necessariamente **u**ma);
- k) Vogal Central [a]: (podia);
- l) vogal posterior [u, o, ɔ] (a gente **u**sou, tedioso ,id**i**ota);
- m) vogal anterior [i, e, ɛ]: (vinte **e** um, futuramente **e**u, geralmente **é** uma);
- n) semivogal posterior [ɯ] (estudant**i**l)
- o) Pausa # : (tarde#, senti#)
- p) Tepe [ɾ]: (direito)

3.2.3.3 Tipo de vogal

O controle desta variável visa identificar em que o tipo de vogal gatilho a variante palatal ocorre com maior frequência. Em estudos anteriores, esta variável foi selecionada como significativa (DUTRA, 2007; PIRES, 2007; MAURI, 2008; PAULA, 2006; ABAURRE; PAGOTTO, 2013; BATISTTI, 2011; GODINHO, 2012; BATTISTI; DORNELES FILHO, 2015).

Nas investigações de Abaurre e Pagotto (2013), em cinco capitais (Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Recife e Porto Alegre), o segmento vocálico condicionador da realização palatal das consoantes /t/ e /d/ foi a semivogal /y/.

A hipótese para o controle dessa variável é que a semivogal /y/ apresenta a maior percentual de ocorrência em relação ao fenômeno da palatalização, seguindo a tendência apresentada Abaurre e Pagotto (2013).

Foram controlados os seguintes segmentos vocálicos:

- a) Vogal Fonológica /i/ (coletivo, dedicar);
- b) Vogal Fonética /e/ -> elevada para [i] (nordeste, recorde);
- c) Semivogal [y] (sítio, prédio).

3.2.3.4 Tonicidade da sílaba-alvo

Esta variável linguística refere-se às sílabas fortes e fracas que são pronunciadas em uma palavra em que as consoantes /t/ e /d/ fazem parte. Nos estudos de Paula (2006), Pires (2007), Dutra (2007), Souza (2016), Mauri (2008) a variável tonicidade foi selecionada sendo estatisticamente significativa na variação das consoantes /t/ e /d/. Nesses estudos, a realização palatal ocorreu com mais frequência nas sílabas mais fracas.

Na comunidade de fala de Sergipe (SOUZA, 2016), a sílaba postônica não final (ótimo, médico) condicionou a realização palatal das consoantes /t/ e /d/. Diante disso, temos por hipótese que a maior frequência de uso da realização palatal das consoantes /t/ e /d/ será maior diante da sílaba postônica não final, confirmando tendência apresentada por Souza (2016).

Foram controladas as seguintes posições:

- a) Pretônica inicial (t**ir**ou, d**ir**eto);
- b) Pretônica não inicial (part**ic**ipar, ded**ic**ar);
- c) Tônica (t**ip**o, d**ia**);
- d) Postônica não final (ót**im**o, mé**dic**o);
- e) Postônica final (parent**e**, comunid**ad**e).

3.2.3.5 Sonoridade

A variável sonoridade foi estatisticamente significativa em estudos anteriores sobre a palatalização (DUTRA, 2007; PIRES, 2007; MAURI, 2008; PAULA, 2006;

ABAURRE; PAGOTTO, 2013; BATISTTI, 2011; GODINHO, 2012; BATTISTI; DORNELES FILHO, 2015; SOUZA, 2016; ROCHA; ALMEIDA, 2009). Nesses estudos, a consoante surda /t/ (gente, tia) foi a que mais exerceu produtividade na realização palatal.

De acordo com Battisti e Rosa (2012, p.21):

A energia articulatória necessária para palatalizar concentra-se na parte anterior da cavidade bucal, como também acontece na produção das consoantes desvozeadas. Há, portanto, uma semelhança na articulação da consoante desvozeada /t/ que a aproxima do processo de palatalização, explicando seu papel favorecedor.

Diante dos resultados obtidos pelos estudos anteriores e do exposto acima, a nossa hipótese para esta variável é de que a realização palatal seja mais frequente diante da consoante surda /t/, confirmando a tendência apresentada por Souza (2016), Souza Neto (2014[2008]), ambos no estado de Sergipe, e dos outros estudos realizados em comunidades em que a variação das consoantes /t/ e /d/ também ocorre.

Essa variável está constituída pelos seguintes fatores:

- a) Surda /t/ (tipo);
- b) Sonora /d/ (desde).

3.2.4 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas ou sociais são fatores externos ao sistema linguístico que podem influenciar quanto ao maior ou menor uso de uma variante.

3.2.4.1 Sexo/Gênero

A variável sexo/gênero é um fator social bastante analisado em estudos sociolinguísticos e está relacionado a variáveis sociolinguísticas cujas variantes linguísticas são diferenciadas pelo seu valor social (FREITAG, 2015a). A análise dessa variável tem como objetivo verificar se na comunidade UFS o uso da variante palatal apresenta diferença quanto ao sexo/gênero do falante.

Estudos de produção realizados no campo da sociolinguística mostram que, geralmente, são as mulheres que fazem maior uso das formas linguísticas inovadoras

quando estas apresentam prestígio social, nesse sentido, geralmente, são elas as líderes mudança linguística. Nessa perspectiva, estudos anteriores sobre a palatalização das consoantes /t/ e /d/ como os de Souza (2016), em três comunidades de fala do estado de Sergipe, Battisti e Rosa (2012), na comunidade de Flores da Cunha (RS); Pires (2007), na comunidade de São Borja (RS); Paula (2009), nas comunidades de Taquara e Panambi (RS); Rocha e Almeida (2009), nas comunidades de Matinha e Feira de Santana (BA); Mauri (2008), na comunidade de Farroupilha (RS) mostraram que o uso da variante palatal ocorreu com maior frequência na fala das mulheres, e nessas comunidades estão liderando o processo da mudança linguística.

A nossa hipótese para variável sexo/gênero é que na comunidade de práticas UFS as mulheres façam maior uso da variante palatal em detrimento aos homens, seguindo a tendência dos estudos anteriores.

Para esta variável controlamos os seguintes fatores:

- a) Mulher;
- b) Homem.

3.2.4.2 Deslocamento Geográfico

Esta variável foi controlada com base na dinâmica promovida pela expansão da Universidade que possibilitou que estudantes de diferentes localidades do Brasil pudessem estudar em uma mesma instituição de ensino, promovendo aos estudantes uma maior mobilidade geográfica. Essa maior mobilidade resultou na inserção de estudantes de diferentes localidades que realizaram ou realizam diferentes tipos de deslocamentos para estar na UFS diariamente.

Estudos anteriores mostraram que em muitos dialetos brasileiros, a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ ocorre de forma categórica ou quase categórica; em outros a variante palatal não ocorrem ou apresentam frequência de uso baixa ou moderada. No estado de Sergipe, os resultados dos estudos realizados (SOUZA NETO, 2014[2008]; SOUZA, 2016) mostraram que a variante palatal ocorre, no entanto, a frequência de uso ainda é baixa se comparado a outros estados.

Com base no que foi exposto, temos duas hipóteses para essa variável: i) que o uso da variante palatal seja maior na fala dos estudantes do deslocamento IV, ou seja, na

fala dos estudantes que vêm de fora do estado, por essa variante ser quase que categórica na maior parte do Brasil (CARDOSO et. al., 2014); ii) que, dentre os deslocamentos constituídos por estudantes sergipanos, o deslocamento I apresentará maior frequência de uso da variante palatal, seguindo a tendência apresentada por Souza (2016).

Os deslocamentos controlados foram:

- a) **Deslocamento I:** constituído por estudantes da região metropolitana de Aracaju;
- b) **Deslocamento II:** constituído por estudantes que residem no interior do estado de Sergipe que vão e voltam todos os dias para o município (zona urbana e zona rural) onde residem;
- c) **Deslocamento III:** constituído por estudantes oriundos do interior do estado de Sergipe (residentes tanto da zona rural, quanto da zona urbana) que passaram a morar na região metropolitana de Aracaju para estudar na UFS;
- d) **Deslocamento IV:** constituído por estudantes oriundos de outros estados do Brasil (de diferentes regiões) que vieram para o estado de Sergipe, mais especificamente para região metropolitana de Aracaju, para estudar na UFS.

3.2.4.3 Tempo de curso (tempo de inserção na comunidade)

O controle desse variável tem por finalidade verificar se o uso da variante palatal apresenta diferença em relação ao tempo de inserção na comunidade UFS.

Segundo Eckert (2006), um falante não desenvolve seus modos de falar diretamente das categorias mais amplas da sociedade, mas sim das suas experiências cotidianas que são articuladas por sua participação e engajamento em comunidades de práticas e quanto maior o tempo de engajamento do falante em uma comunidade de práticas, maiores são as chances de participação em situações e eventos, proporcionando-lhe, assim, oportunidades de desenvolver identidades e os repertórios linguísticos para vincular essas identidades. Na perspectiva de maior tempo de engajamento, propomos fazer uma análise em tempo aparente dos estudantes do início e final do curso, de modo que possamos verificar se o tempo de inserção do falante na comunidade de práticas UFS reflete no seu uso linguístico.

Leite (2004) ao realizar estudo sobre a pronúncia do /r/ retroflexo com oito estudantes da UNICAMP, universidade localizada na cidade de Campinas (SP), oriundos da cidade de São Jose do Rio Preto (SP), sendo quatro desses estudantes

recém-chegados na universidade e os outros quatro já em fase de conclusão do curso de graduação, constatou que o tempo de curso teve forte influência quanto ao uso das diferentes variáveis linguísticas analisadas.

Com base na dinâmica da comunidade de práticas, nos estudos de percepção desenvolvidos no estado de Sergipe sobre a variação das consoantes /t/ e /d/ (FREITAG; SANTOS, 2016; CORRÊA; RIBEIRO, 2018) e pelos resultados obtidos por Leite (2004) em relação ao tempo, temos por hipótese que o tempo de inserção na comunidade de práticas UFS influencia na realização das consoantes /t/ e /d/, de modo que quanto maior é o tempo que o falante tem na comunidade maior o uso da variante palatal, por conta a) do maior tempo de contato que os membros desta comunidade têm com diferentes variedades do português – inclusive aquelas em que o uso da variante palatal é quase categórico – decorrente da mobilidade do acesso à educação superior; e b) de a variante palatal ser prestigiada na comunidade, como apontam os estudos de percepção (FREITAG; SANTOS, 2016; CORRÊA; RIBEIRO, 2018).

Os fatores controlados nessa variável foram os seguintes:

- a) Início – do 1º ao 3º período
- b) Final - do 7º ao 10º período

3.3 ÍNDICE DE INTEGRAÇÃO À UFS

Elaboramos um índice de integração à comunidade de práticas UFS com base nos índices de integração de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2011[1985]). No nosso índice, consideramos 5 variáveis, sendo elas a vulnerabilidade do aluno, onde almoça, ocupação, se participa de projeto de pesquisa e/ou monitoria (Inserção acadêmica), e com quem mora. Para medir a integração, atribuímos um valor para cada variável que compõe o índice. A pontuação para o índice de integração vai de 1 a 4, sendo 1 para pouco integrado e 4 para muito integrado. Por termos uma variável do índice com quatro níveis (“com quem mora”), foi necessário que a pontuação fosse ajustada para todas as variáveis de acordo com a maior ou menor integração do estudante, pois por estarmos lidando com uma operação matemática, neste caso, a soma dos fatores, nenhuma variável pode ter um peso maior do que a outra, visto que, a importância é igual para todas.

3.3.1 Vulnerabilidade

Nesta variável, consideramos a dependência que o aluno tem da universidade em relação aos recursos de permanência. Com as mudanças que ocorreram na universidade, alunos de diferentes estratos sociais puderam ingressar e permanecer na instituição até o término do seu curso de graduação. A universidade disponibiliza vários tipos de auxílios que são concedidos com base no perfil socioeconômico do estudante. Na nossa amostra há estudantes que recebem auxílio, a exemplo dos residentes, que têm direito à moradia, isenção no RESUN, dentre outros auxílios que foram listados no quadro 2, na seção 2.1, e há aqueles alunos que não necessitam de auxílio. Com essa variável, podemos verificar duas questões:

- I) o perfil socioeconômico do estudante, associado a outras variáveis controladas no índice, de modo que possamos ver se o perfil socioeconômico tem relação com o uso das variantes palatalizadas.
- II) II) Para pontuar no índice o critério de vulnerabilidade considerou a dependência que o aluno tem de estar na UFS.

Se o estudante recebe auxílio como: auxílio alimentação, esporte, inclusão, cultura, dentre outros, a esse estudante, atribuímos 4 pontos, por considerarmos que a necessidade que ele tem de permanecer mais tempo dentro da UFS o torna mais integrado à comunidade UFS; ao aluno que não recebe auxílio, atribuímos 1 ponto, pois por ele não necessitar de auxílio, tem a opção de permanecer mais tempo na universidade durante o dia ou não.

3.3.2 Com quem mora

Se o estudante mora com os pais ou familiares, foi atribuído 1 ponto, por acreditarmos que, cotidianamente, ele compartilha modos e formas de falar e um repertório linguístico próprios do seu seio familiar. Se o estudante mora com amigos, foi atribuído 2 pontos, por acreditarmos que, geralmente, esses estudantes já se conhecem e, possivelmente, têm laços mais fortes, o que fortalece o compartilhamento de um repertório linguístico mais próximo do seu, mas um pouco mais distante do seu seio

familiar, até por questões de identidade etária. Se o estudante mora sozinho, foi atribuído 3 pontos, por acreditarmos que ele tende a manter maior contato com outros estudantes da UFS e isso o faz compartilhar de um repertório linguístico bastante diversificado, distanciando-o tanto do repertório linguístico familiar ou local. Se o estudante mora com residentes da universidade, atribuímos 4 pontos, por acreditarmos que ele compartilha de modos de falar e de um repertório linguístico mais heterogêneo, o que o distancia de um repertório local ou familiar.

3.3.3 Onde almoça

Se o estudante almoça na UFS (seja no RESUN ou nos restaurantes aos arredores da universidade) significa que ele passa mais tempo na universidade, além de poder interagir mais com outros estudantes nesses espaços, visto que, geralmente, quando os estudantes vão almoçar, costumam ir em grupos de amigos ou conhecidos. Por esse motivo, a esse estudante, atribuímos 4, por acreditarmos que ele esteja mais integrado. Ao estudante que almoça em casa, atribuímos 1 ponto, por acreditarmos que ele seja menos integrado, pois ao término das suas atividades ele vai embora e assim passa menos tempo na UFS e, conseqüentemente, acaba interagindo menos com outros estudantes e se integrando menos.

3.3.4 Faz parte projeto de pesquisa, extensão ou monitoria (Inserção acadêmica)

Se o estudante faz parte de algum tipo de atividade na UFS, como PIBIC, PIBID, monitoria, projeto de cultura, esportivo, de equipe de competição, tende a passar mais tempo na UFS e interagir com mais membros da comunidade. A esse estudante, atribuímos 4, por acreditarmos que ele esteja mais integrado. Ao estudante que não participa dessas atividades, atribuímos 1 ponto, por acreditarmos que ele seja menos integrado.

3.3.5 Ocupação

Se o estudante só estuda, tem maior possibilidade de se integrar à UFS e participar de atividades oferecidas pela instituição, por esse motivo atribuímos 4 pontos;

se o estudante trabalha e estuda, possivelmente, ele passa menos tempo na UFS, por esse motivo atribuímos 1 pontos, por acreditamos que esse estudante esteja menos integrado.

Para computar o índice, somamos a pontuação que cada estudante teve em relação a cada fator e verificamos se o maior uso de variantes palatalizadas tem alguma relação com a integração com a UFS. Por exemplo, se o estudante obtiver nota máxima em todos os fatores, ele será bastante integrado à UFS. O quadro 8 sumariza as variáveis e fatores controlados e a pontuação atribuída a cada um deles.

Quadro 6: Fatores controlados no índice, critério e a pontuação.

Variáveis	Fatores	Pontuação
Ocupação	Só estuda	4
	Estuda e trabalha	1
Com quem mora	Familiares	1
	Com amigos	2
	Residentes	4
	Sozinho	3
Onde almoça	Em casa	1
	Na UFS	4
Inserção acadêmica	Não participa	1
	Participa	4
Vulnerabilidade	Recebe auxílio	4
	Não recebe auxílio	1

Nossa hipótese para o controle do índice é que há correlação entre a taxa de palatalização e o índice de integração, de modo que quanto mais integrado o estudante for, maior uso da variante palatal ele fará.

3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

A comunidade de práticas em estudo é constituída por estudantes de diversas regiões geográficas, tanto do estado de Sergipe, quanto de fora do estado. Por isso, os fatores sociais controlados são Tempo de curso (Início de Curso, até o terceiro período

do curso e Final de Curso, a partir do sétimo período); Sexo/gênero (masculino e feminino); Deslocamento geográfico e o Índice de integração. Já os fatores linguísticos controlados, conforme os estudos apontados anteriormente são: Sonoridade; Tipo de vogal; Tonicidade da sílaba; Contexto anterior; Contexto posterior.

Todas as 64 entrevistas sociolinguísticas realizadas para constituir a amostra de fala dos estudantes do Campus Prof. José Aloísio de Campus foram transcritas. No processo de transcrição, utilizamos o software ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013), que possibilita que o áudio fique alinhado ao texto de transcrição (ANEXO D). Esse recurso facilita a identificação e verificação da ocorrência do fenômeno; permite a criação de trilhas para separar a fala do entrevistador e do participante, facilitando no processo de identificação dos dados; e possibilita a exportação dos dados para outros formatos, como por exemplo txt.

Após finalizarmos as transcrições, utilizamos a plataforma R (R CORE TEAM, 2018), tanto nos procedimentos de preparação e tratamentos dos dados, quanto na análise estatística dos dados. Conforme Oushiro (2014, p.74), “o R é uma linguagem de programação utilizada para realizar computações gráficas e estatísticas, compilar e anotar corpora, dentre diversas outras funções”. Para que pudéssemos realizar o procedimento de identificação e extração das ocorrências em que pode ocorrer a aplicação da regra de palatalização das consoantes /t/ e /d/, utilizamos o pacote *dmsocio*¹⁷, desenvolvido por Oushiro (2014), o qual contém três funções: identificação automática das ocorrências da variável que se pretende analisar; extração das ocorrências juntamente com os contextos textuais precedente e seguinte, para uma planilha pré-codificadas com as características sociais dos participantes; e a amostragem aleatória de um número de dados, esse número também é definido pelo pesquisador (OUSHIRO, 2014).

Do pacote *dmsocio*, utilizamos apenas duas das três funções disponíveis, as funções de identificação e a de extração de ocorrências. Na função de identificação, todas as ocorrências em que pode ocorrer o fenômeno em questão foram marcados com o símbolo < >, gerado pelo próprio programa. No segundo momento, utilizamos a

¹⁷ Disponível em: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/dmsocio>; <https://oushiro.shinyapps.io/dmsocio/>

função de extração e para exportar as ocorrências já identificadas juntamente com quatro palavras dos contextos textuais antecedente e seguinte, e as informações sociais (sexo/gênero, idade, deslocamento e tempo de curso) de cada informante para uma planilha do Excel gerada pelo próprio R.

Das 64 entrevistas que constituem o *corpus* dessa pesquisa, foram totalizadas mais de 35 mil ocorrências possíveis de ocorrer o fenômeno da palatalização /t/ e/d/ diante das vogais fonológica /i/, fonética [i] ou da semivogal[y]. Conforme afirma Oushiro (2014, p.75), variáveis linguísticas de natureza fonético-fonológica costumam ter bastante volume de dados e analisar todas as ocorrências seria uma tarefa bastante custosa e desnecessária, “uma vez que padrões tendem a se revelar já com um número menor de dados e a se manter constante a partir de certo ponto”. Freitag (2009, p.119) afirma que “no plano fonológico, o falante faz uso de um conjunto definido, limitado e previsível de elementos, que ocorrem com relativa frequência em uma amostra de fala extraída de uma entrevista sociolinguística”.

Analizamos 200 ocorrências de cada entrevista, sendo consideradas as 100 primeiras e as 100 últimas ocorrências, totalizando, assim, 12.800 dados. Posteriormente, todos esses dados foram submetidos ao procedimento de codificação, com o software ELAN, neste caso, para que pudéssemos discriminar se as consoantes /t/ e /d/ foram realizadas como oclusiva alveolar ou palatalizada. Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico para o cômputo das frequências das realizações.

Para realização da análise estatística dos dados, utilizamos a plataforma R, mais especificamente, a interface RStudio. Para estatística descritiva utilizamos o pacote de visualização dos dados *ggplot2* (WICKHAM, 2005). Para estatística inferencial, utilizamos os testes de qui-quadrado, o ANOVA e teste de correlação.

Para variáveis nominais, realizamos análises univariadas para avaliar se há diferenças significativas entre a variável dependente (realização oclusiva alveolar e realização palatal) e as variáveis independentes (contexto anterior, contexto posterior, tipo de vogal, vozeamento da consoante e tonicidade, sexo, deslocamento e tempo de curso), o teste utilizado foi o qui-quadrado e a função foi `chisq.test`. Esse teste

estatístico compara valores observados com valores esperados de acordo com a hipótese nula¹⁸. De acordo com Oushiro (2017, p.102):

o valor de qui-quadrado é uma medida da diferença entre valores observados e esperados em uma distribuição. Quanto mais próximo de zero, mais os valores observados se aproximam dos valores esperados – e, portanto, maior a chance de se ter observado tal distribuição em caso de a hipótese nula ser verdade (i.e. maiores valores de p !).

Cabe ressaltar que os valores de qui-quadrado e de significância são sensíveis ao tamanho da amostra, afirma Oushiro (2016). Por exemplo, se estivermos trabalhando com uma amostra grande, como é o caso da nossa, possivelmente, podemos obter diferenças significativas entre a variável dependente, neste caso, a realização e /t, d/ em relação ao contexto anterior (variável independente). No entanto, se estivermos trabalhando com uma amostra 15 vezes menor, provavelmente as proporções seriam as mesmas, porém o resultado poderia ter uma diferença não significativa estatisticamente entre a variável dependente e a variável independente controlada. Segundo Oushiro (2016, p.108) isso se dá pelo fato de que “com um menor número de dados, a chance de aleatoriedade é muito maior, de modo que é mais difícil rejeitar a hipótese nula”.

Para o cruzamento das variáveis sociais (sexo, tempo de curso e deslocamento) e análise das variáveis compósitas, quais compõe o índice de integração (vulnerabilidade, onde almoça, com quem mora, inserção acadêmica e ocupação), utilizamos os testes ANOVA e post-hoc e as funções `TukeyHSD` e `oneway.test`.

¹⁸ A hipótese nula é o oposto da hipótese alternativa: se a H1 (hipótese alternativa) afirma que “há correlação entre a realização das variáveis de (-t, -d) e o tipo de vogal”, a H0 (hipótese nula) afirma o contrário, ou seja, que “não há correlação entre a realização das variáveis de (-t, -d) e o tipo de vogal”. Em outras palavras, a H0 admite que a diferença observada entre variável dependente e variável independente não é significativa. Já a H1 é a hipótese que será aceita caso o teste indique que a H0 deva ser rejeitada, neste caso, conclui-se que a diferença citada é significativa.

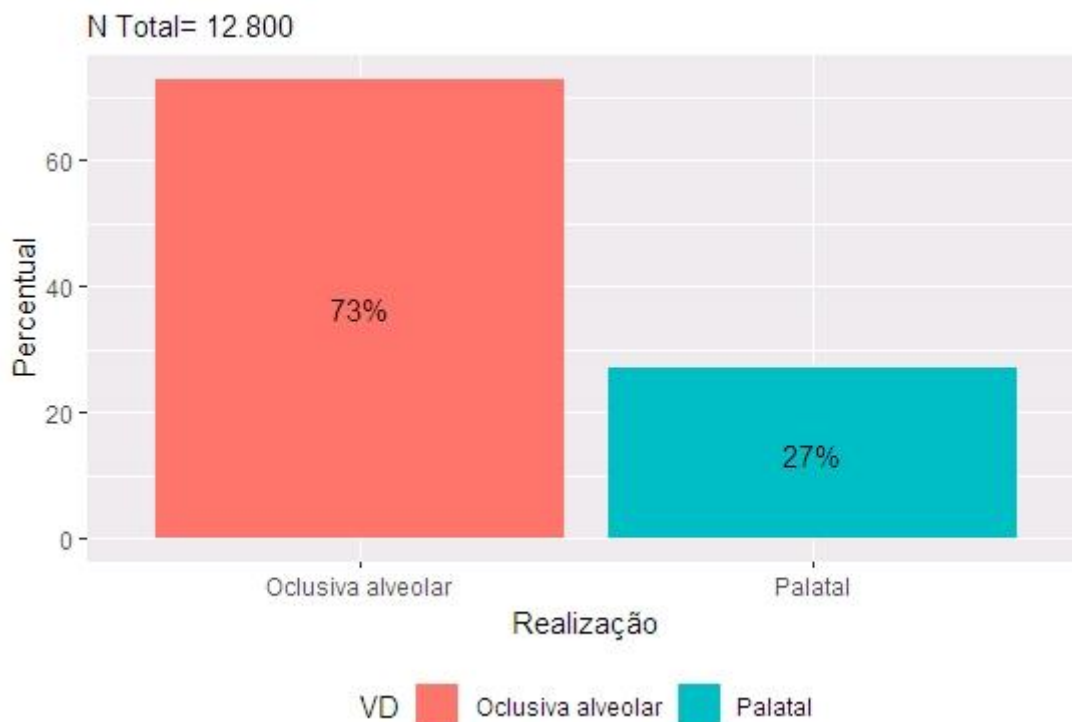
4 RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos a respeito da variação entre a realização oclusiva versus a palatalizada das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal fonológica /i/, vogal fonética [I] derivada de /e/ em posição átona elevada e semivogal /y/, expondo discussões relativas a fatores linguísticos (tipo de vogal, sonoridade, contexto precedente, contexto posterior e tonicidade) e ao fator tempo de curso (tempo de inserção na comunidade), atrelado ao fator social sexo gênero e ao fator geográfico deslocamento.

4.1 RESULTADOS GERAIS

Das 64 entrevistas que constituem a *Amostra Deslocamentos*, que agora integra o *Banco de Dados Falares Sergipanos*, analisamos 12.800 ocorrências de oclusivas alveolares /t/ e /d/ seguidas das vogais /i/, [I] ou da semivogal /y/, das quais 9.396 ocorreram em realização oclusiva com percentual de 73% e 3.404 ocorreram em realização palatal com percentual de 27%, conforme podemos observar no gráfico 1, que mostra a distribuição de frequência quanto ao tipo de realização.

Gráfico 1: Distribuição de frequência das consoantes /t/ e /d/ quanto à realização



Os resultados mostram que, na comunidade de práticas UFS, a realização oclusiva é a que predomina, seguindo a mesma tendência de estudos anteriores realizados no estado de Sergipe (SOUZA, 2016; SOUZA-NETO, 2014[2008]).

Nas próximas seções, apresentaremos as variáveis linguísticas e extralinguísticas analisadas nesta pesquisa, mostrando os fatores em que a variante palatal ocorreu com maior frequência. Os resultados serão apresentados com foco na realização palatal, variante inovadora na comunidade. Todas as variáveis controladas foram submetidas à análise estatística e o teste de qui-quadrado mostrou que, em todas as variáveis independentes em relação a variável dependente, a diferença na distribuição foi estatisticamente significativa nesta amostra.

4.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

De modo geral, no estado de Sergipe a variação entre oclusiva e palatal ocorre e estudos anteriores apontam para uma mudança linguística ainda incipiente. Souza (2016) mostrou que os fatores linguísticos (sonoridade, contexto precedente e posição da sílaba tônica) que estão condicionando o uso das variantes palatalizadas [tʃ] e [dʒ] no estado segue a mesma tendência de outras comunidades de fala em que a variação ocorre. Diante disso, temos por objetivo verificar se os fatores linguísticos que condicionam variantes palatalizadas [tʃ] e [dʒ], nesta comunidade, são os mesmo que ocorrem em outras comunidades de fala em que consoantes /t/ e /d/ estão em processo de variação e/ou mudança.

Ressaltamos que nem sempre é possível se obter os mesmos resultados que outros estudos em algumas variáveis como: contexto anterior, contexto posterior e tipo de vogal, pois muitas vezes a codificação é realizada de modo diferente. Nos contextos anterior e posterior, por exemplo, a codificação pode ocorrer pelo modo de articulação, pelo lugar de articulação, pelos traços distintivos, dentre outros, a codificação depende, na maior parte dos casos, do modelo fonológico adotado pelo autor para direcionar as explicações sobre os resultados em relação ao fenômeno estudado e do foco que dará ao processo.

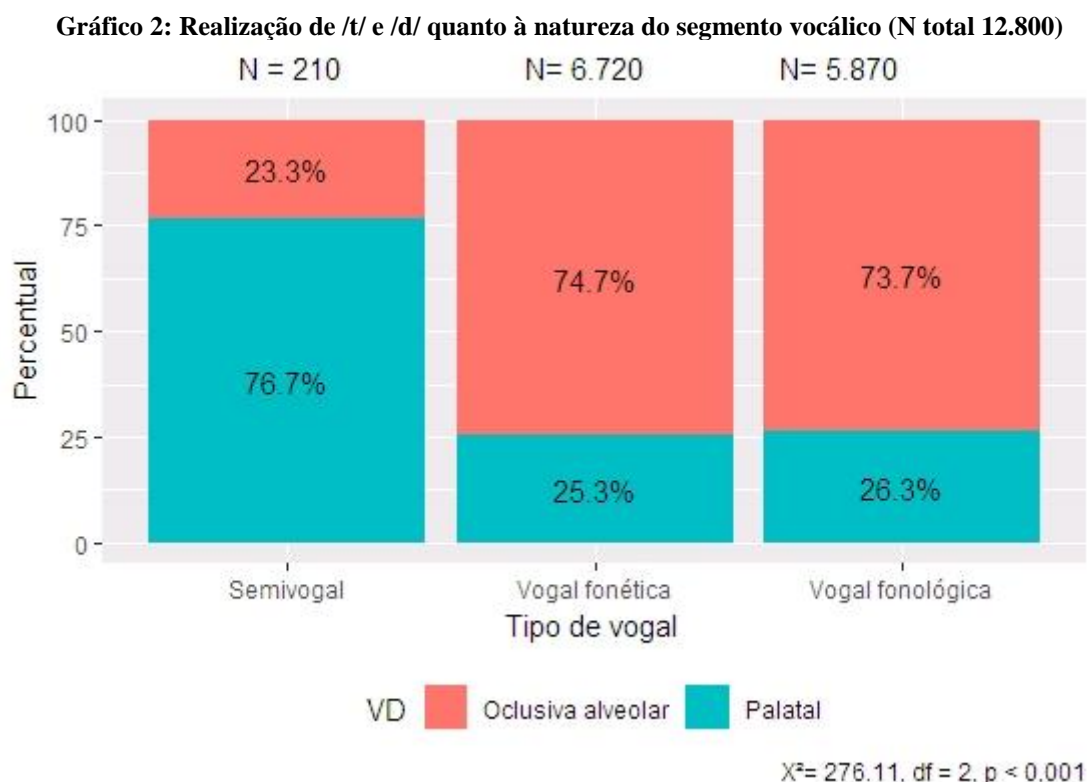
Nossa hipótese é que os condicionadores internos no processo da mudança linguística, na comunidade de práticas UFS, seguem a mesma tendência dos estudos anteriores sobre o fenômeno da palatalização tanto nas comunidades de fala sergipanas,

quanto em outras comunidades em que a variação das consoantes /t/ e /d/ está ocorrendo.

4.2.1 Tipo de Vogal

Esta variável linguística foi controlada com objetivo de identificar em que o tipo de segmento vocálico gatilho a variante palatal ocorre com maior frequência. Controlamos três segmentos vocálicos: a vogal fonológica /i/, que ocorre em contextos como *tipo*, *dia*; a vogal fonética, que é a vogal /e/ em posição átona elevada [I], que ocorre em contextos como *desempregada*, *nordeste*; e semivogal [y], que ocorre em palavras como *médio*, *sítio*.

Nossa hipótese para essa variável é que a semivogal /y/ apresenta maior percentual de ocorrência em relação à realização palatal das consoantes /t/ e /d/, seguindo a tendência apresentada Abaurre e Pagotto (2013) e Souza (2014[2008]). O gráfico 2 mostra a distribuição da realização de /t/ e /d/ quanto à natureza da vogal na amostra.



Os resultados apresentados mostram que o contexto linguístico condicionador da palatalização das consoantes /t/ e /d/ foi a semivogal /y/, com realização palatal em 161

de 210 ocorrências totais para esse contexto linguístico, equivalendo a 76,6%. No contexto vogal fonológica, 1.546 de 5.870 ocorrências foram realizadas como palatal, equivalendo a 26,3% do total. No contexto vogal fonética, a realização palatal ocorreu em 1.697 de 6.720 ocorrências, equivalendo a 25,2% do total de ocorrências para esse contexto linguístico. O teste estatístico mostrou que a diferença é significativa ($\chi^2=276.11$, $df= 2$, $p<0,001$).

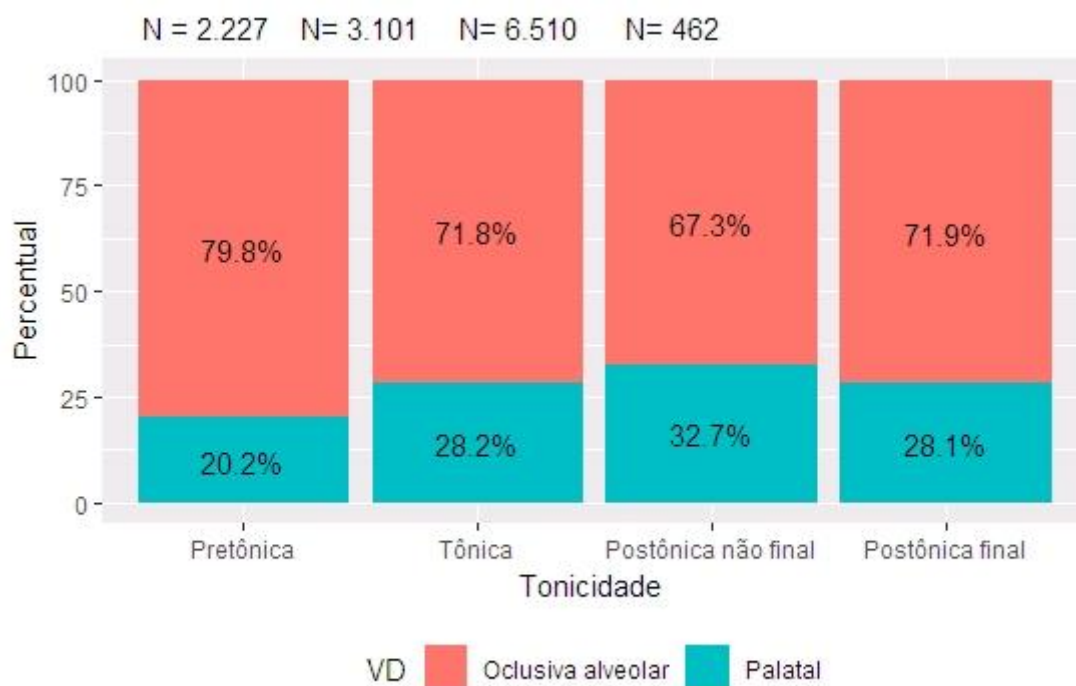
A hipótese foi confirmada, mostrando que a realização palatal ocorre com maior frequência quando o segmento vocálico que segue as consoantes /t/ e /d/ é uma semivogal /y/. Esse resultado corrobora com os estudos de Abaurre e Pagotto (2013), Souza Neto (2014[2008]), que mostraram que a semivogal /y/ diante das consoantes /t/ e /d/ apresentou maior número de ocorrência da variante palatal em relação às vogais /i/ e /e/ em posição átona.

4.2.2 Tonicidade da sílaba

Controlamos esta variável com o objetivo de identificar em qual posição da sílaba tônica a variante palatal ocorre com maior frequência. A hipótese para essa variável é que a variante palatal ocorre com maior frequência em sílaba postônica não final, seguindo tendência apresentada por Souza (2016).

Nessa variável, inicialmente, controlamos cinco fatores pretônica inicial, pretônica não inicial, tônica, postônica não final e postônica final. No entanto, durante a análise dos dados, foi verificado que os fatores pretônica inicial e a pretônica não inicial apresentaram percentuais de ocorrência muito próximos, por esse motivo, amalgamamos as ocorrências quanto a esses dois fatores, os demais fatores permaneceram inalterados.

Gráfico 3: Realização de /t/ e /d/ quanto à posição da sílaba tônica (N = 12.800)


 $\chi^2 = 76.369$, $df = 3$, $p < 0,001$

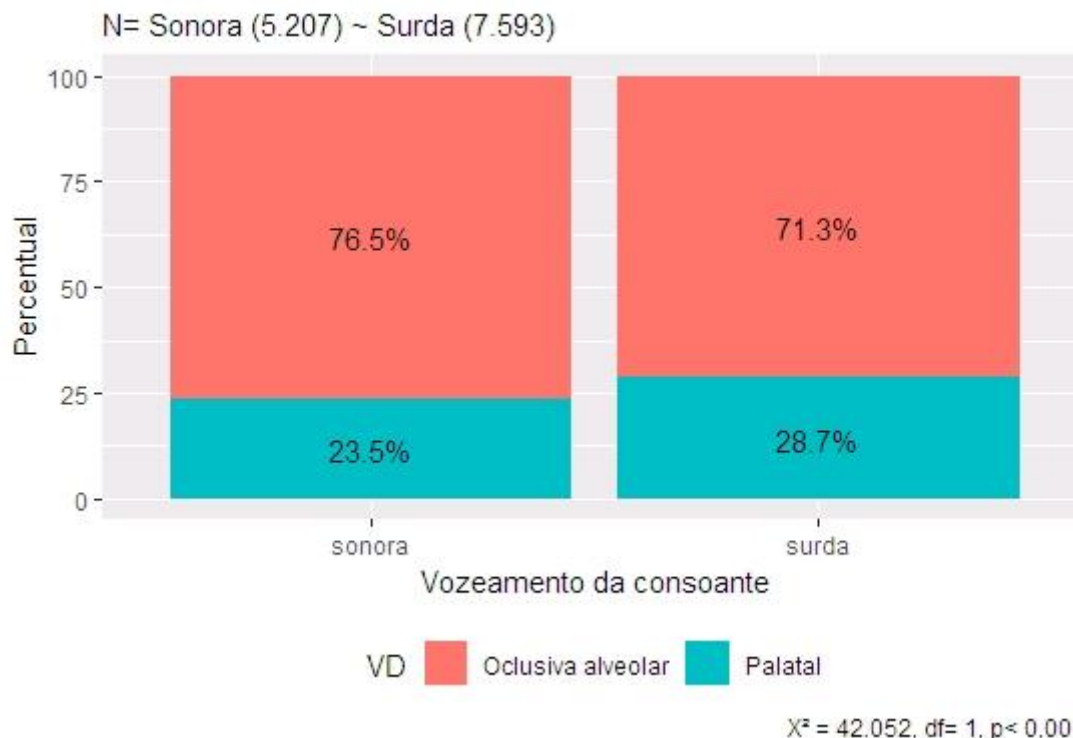
Os resultados mostram que a realização palatal ocorreu com maior frequência na sílaba postônica não final, em palavras como **jurídica**, **caótica**, de 462 ocorrências totais, em 151 a realização foi palatal, o que equivale a 32,7% do total. As sílabas tônica e postônicas final apresentaram percentuais aproximados, na sílaba tônica, em palavras como **tive**, **dia**, de 3.101 ocorrências, 874 tiveram realização palatal, equivalente a 28,2%; a sílaba postônica final, em palavras como **desde**, **sete**, de 6.510 ocorrências, 1.827 tiveram realização palatal, o que equivale a 28,6% do total. O fator pretônica, em palavras como **continuar**, **difícil**, foi o que apresentou menor frequência, de 2.227 ocorrências, 552 foram de realização palatal, o que equivale a 20,4% do total. O teste estatístico mostrou que a diferença é significativa ($\chi^2 = 76.369$, $df = 3$, $p < 0,001$).

A hipótese foi confirmada, mostrando que a variação na comunidade de práticas segue a mesma direção de outras comunidades de fala em processo de variação. Os resultados apresentados por Souza (2016), em três comunidades de fala sergipana, mostraram que a realização palatal também ocorreu com maior frequência na sílaba postônica não final com percentual de 25% de 70 contextos. De igual modo, os resultados apresentados por Paula (2006), na comunidade de Panambi (RS) mostraram que a realização palatal foi mais frequente na sílaba postônica não final com 73% de 130 contextos.

4.2.2.1 Sonoridade das consoantes /t/ e d/

Controlamos esta variável com o objetivo identificar em que segmento a variante palatal ocorre com maior frequência, se junto à oclusiva surda /t/ ou à oclusiva sonora /d/. A hipótese para esta variável é que a realização palatal é mais frequente na consoante surda /t/, seguindo a tendência apresentada em estudos anteriores.

Gráfico 4: Realização de /t/ e /d/ quanto à sonoridade da consoante (N total = 12.800)



Os dados, apresentados no gráfico 4, mostram que em relação à sonoridade das consoantes /t/ e /d/, surda e sonora, respectivamente, a consoante surda (e.g. **t**ia, **g**ente) condiciona a realização palatal, de 7.593 ocorrências da consoante surda /t/, 2.179 foram palatalizadas, o que equivale a 28,7% do total. Já a consoante sonora /d/, (e.g. **d**ia, **d**escartou), apresentou menor percentual de realização palatal, com 23,5% de um total 5.207 ocorrências. O teste de qui-quadrado mostrou que a diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2=42.052$, $df= 1$, $p<0,001$).

Os resultados apresentados confirmam a hipótese de que a realização palatal é mais frequente na consoante surda, seguindo a mesma tendência apresentada no estudo de Souza (2016), em três comunidades de fala sergipanas (Lagarto, Itabaiana e Aracaju); Souza Neto (2014[2008]), na comunidade de Aracaju; Abaurre e Pagotto (2013), nas capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre; Dutra (2007), na comunidade de Chuí/RS; Pires (2007), em São Borja/RS; Battisti (2011);

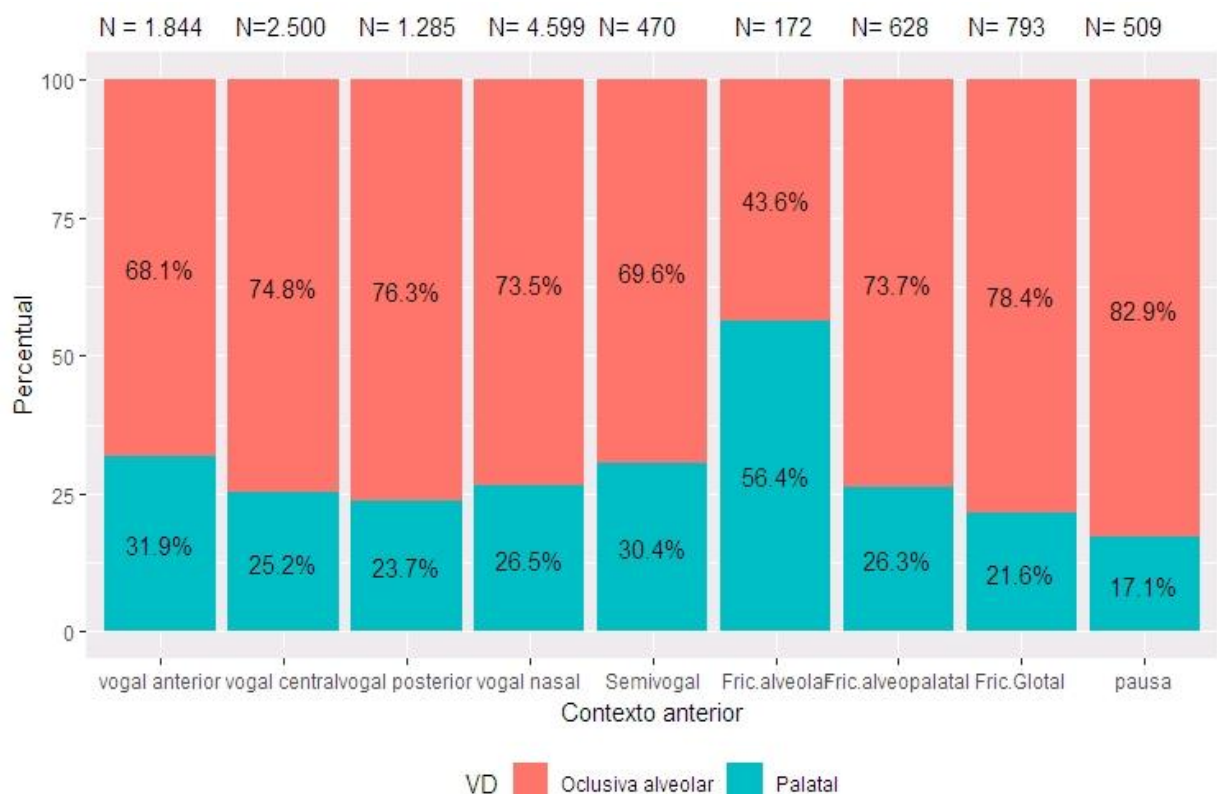
Battisti; Rosa (2012); Battisti; Dorneles Filho (2015), na comunidade de Flores da Cunha/RS; Paula (2006), em Taquara e Panambi/ RS; Rocha e Almeida (2009), em Matinha e Feira de Santana /BA.

Segundo afirmam Battisti e Dorneles Filho (2012), a motivação para o condicionamento da consoante surda /t/ parece ser articulatória, visto que na produção do segmento palatal, a energia é concentrada na parte frontal da cavidade oral, do mesmo modo que ocorre na realização das consoantes surdas, que são produzidas sem que as cordas vocais vibrem, o que faz com que a energia fique concentrada na cavidade acima da glote. Nesse viés, Dutra (2007) também afirma que as diferença na distribuição ou concentração de energia possam justificar a motivação do traço [-sonoro] no processo da palatalização das consoantes /t/ e /d/. Segundo Abaurre e Pagotto (2013) é possível que a entrada da variante palatal no sistema ocorra primeiro através da consoante surda /t/ e posteriormente estenda-se para consoante sonora /d/.

4.2.3 Contexto anterior

O controle dessa variável visou identificar em qual dos segmentos que antecedem as consoantes /t/ e /d/, a palatalização ocorre com maior frequência. A hipótese é que em contextos em que as fricativas alveopalatais antecedem as consoantes /t/ e /d/, a variante palatal ocorre com maior frequência, seguindo a tendência apresentada por Souza (2016) e Abaurre e Pagotto (2013). Vejamos, no gráfico 5, os resultados em função do contexto anterior.

Gráfico 5: Realização de /t/ e /d/ por contexto anterior (N total = 12.800)


 $\chi^2 = 150.69$, $df = 8$, $p < 0,001$

O teste estatístico mostrou que a diferença é significativa ($\chi^2 = 150.69$, $df = 8$, $p < 0,001$). Os dados, apresentados no gráfico 5, mostram que o contexto linguístico das fricativas alveolares (de[s]tino, de[z]de), de 172 ocorrências totais, 95 foram realizadas como palatal, o que equivale a 56,4%. O fator pausa é o que mais desfavorece a realização palatal, de 509 ocorrências nesse contexto, 87 foram realizadas como palatal, o que equivale a 17,1%.

Os fatores linguísticos vogal anterior, como [e]dital, m[ɛ]dio, s[I]tio, e semivogal com no[y]te, farmacê[u]tico, apresentaram frequências de realização palatal muito próximas: no fator vogal, de 1.844 ocorrências, 589 foram realizadas como palatal, o que equivale a 31,9%; no fator semivogal de 470 ocorrências, 173 foram palatais, equivalente a 30,4% do total.

Os fatores vogal central, como comunid[a]de, [a]tirando, vogal nasal, como s[ẽ]ti, dur[ã]te, seguinte, e fricativa alveopalatal, como norde[j]te, de[ʒ]de, apresentaram percentuais de frequência bem próximos. No fator vogal central, de 2.500 ocorrências, 629 foram palatais, equivalente a 25,2%; no fator vogal nasal, de 4.599 ocorrências, 1.218 tiveram realização palatal, com percentual de 26,5%; no fator

fricativa alveopalatal, de 628 ocorrências, 165 foram palatalizadas, o que equivale a 26,3% do total.

Os fatores vogal posterior, como p[ɔ]de, t[o]dinho, [u]tilizava, e fricativa glotal, como ta[h]de, transpo[h]te, apresentaram percentuais de frequência menores. No fator vogal posterior de 1.285 ocorrências, 305 foram palatalizadas, o que equivale a 23,7%; no fator fricativa glotal, de 793 ocorrências nesse contexto, 171 foram palatalizadas, o que equivale a 21,6%.

Os resultados apresentados refutaram a hipótese de que seria o fator fricativa alveopalatal o condicionador da variante palatal, sendo a fricativa alveolar [s, z] a apresentar maior frequência diante da realização palatal.

No estudo de Souza (2016, p.59), em Sergipe, os resultados para esta variável mostraram que os fatores que apresentaram maiores percentuais de frequência foram as fricativas alveolares com 30% de 30 contextos, a vogal posterior com 27,3% de 99 e as fricativas alveopalatais com 24,4% de 106 ocorrências. No entanto, estatisticamente, o fator que mais favoreceu a palatalização das consoantes /t/ e /d/ foi o da fricativa alveopalatal.

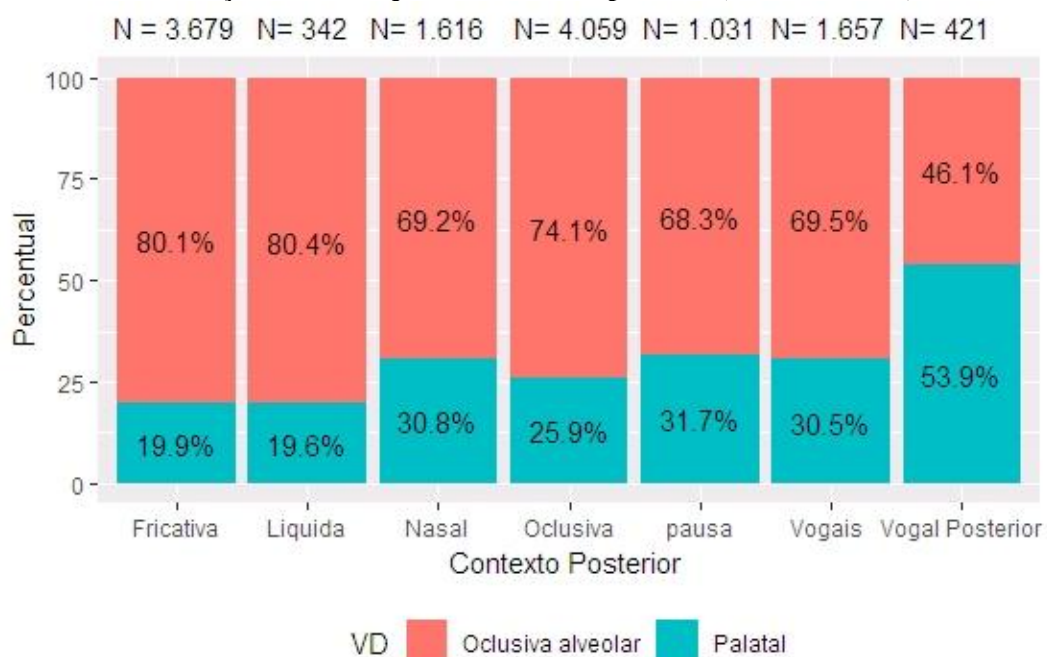
4.2.4 Contexto posterior

A variável contexto posterior é composta por qualquer segmento ou espaço de pausa posterior a vogal fonológica /i/, vogal fonética /e/ em posição elevada [I] ou semivogal /y/. A hipótese para esta variável é que a realização palatal é mais frequente no contexto posterior lateral, seguindo a tendência apresentada por Paula (2006) e Pires (2007). No estudo de Souza (2016), esta variável não foi estaticamente significativa.

Para melhor analisar os resultados, foi necessária a amalgamação de fatores em grupos maiores. O critério para junção dos fatores foi pelo modo de articulação: a) o primeiro grupo foi constituído pelas fricativas ([s,z,f,v, h,ɦ, ʃ,ʒ]); b) o segundo grupo constituído pelas nasais ([n,m,ɲ]); c) o terceiro grupo foi formado pelas oclusivas ([p,b,d,t,k,g]); d) o quarto grupo foi formado pelas “Vogais não posteriores” ([a,ã,e,i,ẽ,]); e) os fatores vogais posteriores e semivogal posterior que foram analisados separado das vogais por terem apresentado percentuais mais altos, esses dois fatores constituem o grupo “Vogal posterior” ([ɔ,o u,u]); f), o sexto grupo foi formado pelas líquidas (lateral e tepe), embora esses fatores tenham modo de articulação distintos, eles foram amalgamados no mesmo grupo por terem apresentado um número de ocorrência

muito baixo e percentuais de frequência muito próximos. O gráfico 6 mostra os resultados obtidos com a amalgamação dos fatores em grupos.

Gráfico 6: Realização de /t/ e /d/ quanto ao contexto posterior (N total = 12.800)



$\chi^2 = 297.3, df = 6, p < 0,001$

O teste estatístico mostrou que a diferença é significativa ($\chi^2 = 297.3, df = 6, p < 0,001$). Os dados, apresentados no gráfico 6, mostram que o fator condicionador da realização palatal das consoantes /t/ e /d/ é o fator vogal posterior, como **tio**, **útil**, a gente **usou**, **tedioso**, **idiota**, que apresentou 421 ocorrências, das quais 227 foram palatalizadas, equivalendo a 53,9% do total.

Os fatores que menos condicionam a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ são o grupo das fricativas [s,z,f,v, h,ɦ, ʃ,ʒ], como **desfruto**, **antes**, **seletivo**, **dezesseis**, **dificuldade**, em que das 3.679 ocorrências, 731 foram palatalizadas, equivalente a 19,9%. e o grupo das líquidas [r, l], como **direito**, **utilidade**, em que de 342 ocorrências, 67 tiveram realização palatal, referente a 19,6% do total.

Os fatores linguístico vogal, nasal e a pausa apresentaram percentuais de frequência muito próximos. No grupo vogal [a,ã,e,i,ê,] de 1.657 ocorrências, 506 foram palatalizadas, o que equivale a 30,5%; no grupo nasal [n,m,ɲ], de 1.616 ocorrências para esse contexto linguístico, 497 foram palatalizadas, o que equivale a 30,7%; e na pausa foram identificadas 1.031 ocorrências, das quais 327 foram palatalizadas, o que representa 31,7% de realizações palatalizadas. No grupo das oclusivas [p,b,d,t,k,g]

foram identificadas 4.059 ocorrências, sendo 1.049 em realização palatal, equivalente a 25,9% do total de ocorrências palatalizadas.

Sumarizando os resultados obtidos por meio das variáveis linguísticas, podemos afirmar que:

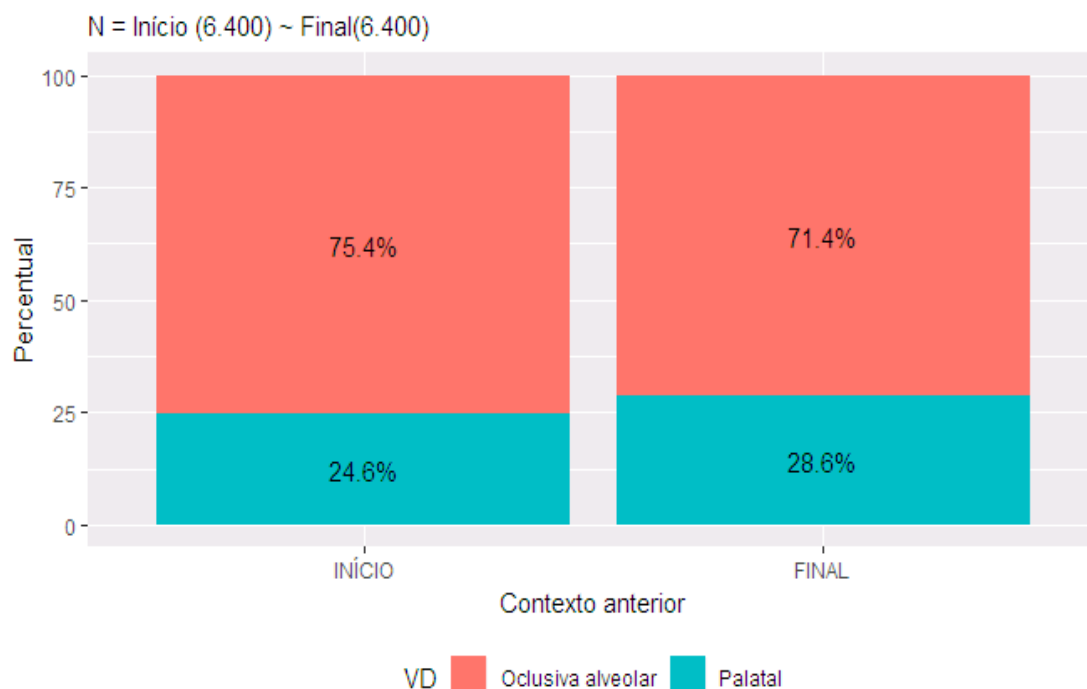
- a) Os fatores linguísticos que condicionam realização palatal das consoantes /t/ e /d/ na comunidade de práticas UFS seguem a tendência de estudos anteriores realizados tanto em Sergipe (SOUZA, 2016; SOUZA NETO, 2014[2008]), quanto em outras comunidades de fala espalhadas pelas diferentes regiões do Brasil (DUTRA, 2007; PIRES, 2007; MAURI, 2008; PAULA, 2006; ABAURRE; PAGOTTO, 2013; BATISTTI, 2011; GODINHO, 2012; BATTISTI; ROSA, 2012; BATTISTI; DORNELES FILHO, 2015; SOUZA, 2016; ROCHA; ALMEIDA, 2009) em que o fenômeno da palatalização está em processo de mudança.
- b) A palatalização de /t/ e /d/ é mais frequente em ambientes [-voz];
- c) A sílaba postônica não final é a que apresentou maior percentual de ocorrência da variante palatalizada;
- d) Quanto a natureza da vogal que segue as consoantes /t/ e /d/, a semivogal [y] é a que apresentou maior percentual de ocorrência;
- e) Quanto ao contexto precedente as consoantes /t/ e /d/, as fricativas alveolares [s,z] foram as que apresentaram maior percentual de ocorrência;
- f) Quanto ao contexto posterior a vogal que segue as consoantes /t/ e /d/, o grupo de vogais posteriores ([ɔ,o u,ʉ]) foi o que apresentou maior percentual de ocorrência da realização palatal.

4.3 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

4.3.1 Tempo de Curso

Temos por hipótese que o tempo de inserção na comunidade na de práticas UFS influencia na realização das consoantes /t/ e /d/, de modo que quanto maior é o tempo que o falante tem na comunidade, maior é o uso da variante palatal, pelo maior tempo de contato que os membros desta comunidade têm com diferentes variedades do português – inclusive aquelas em que o uso da variante palatal é quase categórico – decorrente da mobilidade do acesso à educação superior e por a variante palatal ser prestigiada na comunidade (FREITAG; SANTOS, 2016; CORRÊA; RIBEIRO, 2018)

Gráfico 7: Realização das consoantes /t/ e/d/ quanto ao tempo de curso (N total = 12.800)



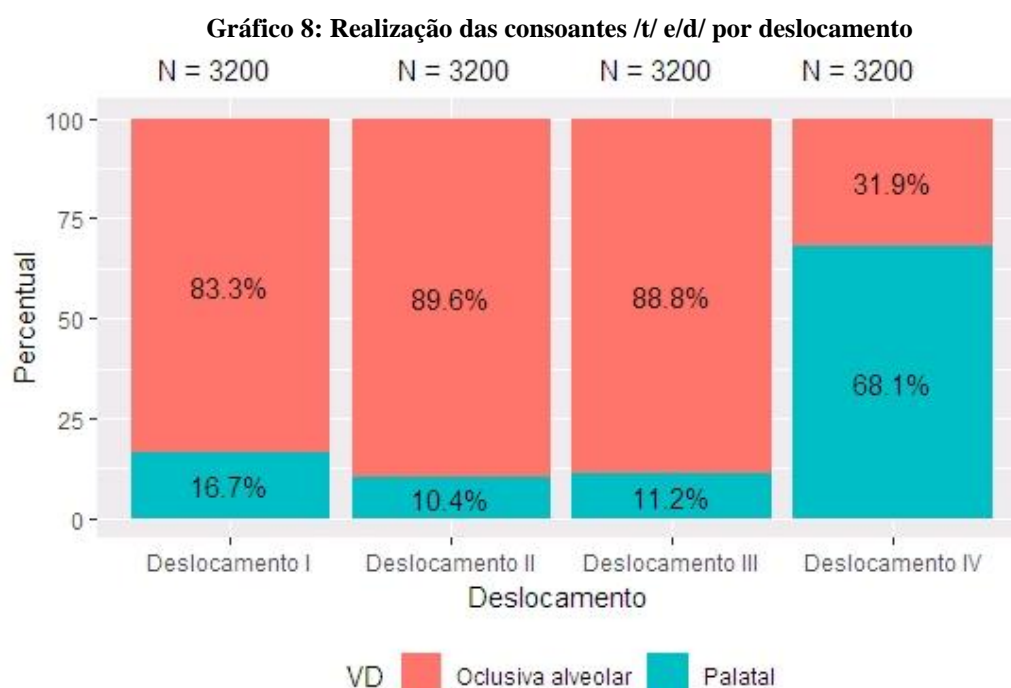
$\chi^2 = 25.616$, $df = 1$, $p < 0,001$

Os resultados apresentados no gráfico 7 sugerem que o tempo de inserção na comunidade influencia no processo de variação e mudança linguística. O teste estatístico de qui-quadrado mostra que a diferença apresentada é significativa ($\chi^2 = 25.616$, $df = 1$, $p < 0,001$). Podemos observar que há o aumento do uso da variante palatal no final do curso: das 6.400 ocorrências analisadas, 1.829 foram palatalizadas, o que corresponde ao percentual de 28,6% do total de ocorrências. Já no início de curso, das 6.400 ocorrências, 1.575 foram realizadas como palatal, correspondendo ao percentual de 24,6%. Esses resultados confirmam a hipótese de que quanto o maior tempo de inserção na comunidade, maior frequência de uso da variante palatal.

Esses resultados reafirmam o que Eckert (2006) diz sobre o tempo de engajamento dos membros na comunidade de práticas. O maior tempo de engajamento que o estudante tem na comunidade lhe possibilita maiores chances de participação em situações e eventos, proporcionando-lhe, assim, oportunidades de construção conjunta e uma construção complexa de estilos linguísticos. Segundo Eckert (2006, p.3), “a importância do estudo em comunidade de prática consiste no reconhecimento de que a identidade do falante não é fixa, que a convenção não pré-existe o uso e que o uso da linguagem é um processo contínuo de aprendizagem”.

4.3.2 Variável geográfica deslocamento

Para esta variável foram levantadas duas hipóteses: i) que o uso da variante palatal é maior no deslocamento IV, ou seja, na fala dos estudantes que vêm de fora do estado, por essa variante ser quase que categórica na maior parte do Brasil (CARDOSO et. al., 2014); e ii) dentre os deslocamentos constituídos por estudantes sergipanos, o deslocamento I apresenta maior frequência de uso da variante palatal, seguindo a tendência apresentada por Souza (2016). O gráfico 8 mostra a distribuição de frequência da variante palatal em cada um deles.



Os resultados apresentados mostram no deslocamento IV, das 3.200 ocorrências analisadas, 2.180 ocorrências foram palatalizadas, o que corresponde ao percentual de uso de 68,1% da realização palatal. Podemos verificar que, nos deslocamentos I, II e III, constituídos por sergipanos, a variante palatal também ocorre, no entanto, com frequência muito menor se comparada ao deslocamento IV. No deslocamento I, constituído por estudantes da região metropolitana de Aracaju, das 3.200 ocorrências analisadas para esse deslocamento, 533 foram palatalizadas, equivalendo ao percentual de 16,6%. No deslocamento II, constituído por estudantes residentes do interior do estado, das 3.200 ocorrências, 332 foram palatalizadas, equivalente a 10,4%. No deslocamento III, composto por estudantes nascidos e criados no interior do estado de

Sergipe, mas que moram na grande Aracaju por causa de UFS, das 3.200 ocorrências analisadas, 359 tiveram realização palatal, equivalente a 11,2%.

Realizamos o teste ANOVA com os percentuais de palatalização de cada deslocamento por informante e o resultado do teste indicou que a diferença da variante palatal nos quatro deslocamentos é estatisticamente significativa ($F_{(3,12796)} = 5015.3$, $p < 0,0001$). Para identificar onde estavam as diferenças nessa variável realizamos um teste post-hoc, que indicou que as diferenças nos deslocamentos se encontram nos deslocamentos I e IV, os quais são diferentes na porcentagem de palatalização (também com valores de $p < 0,001$).

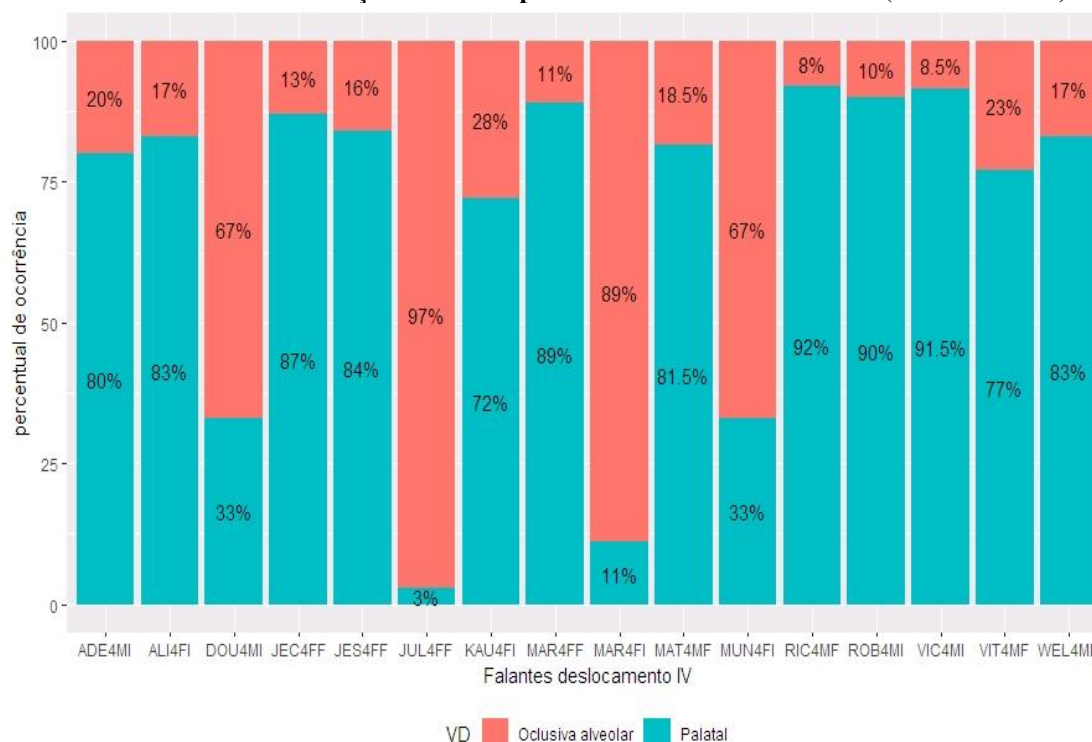
Os resultados mostram que deslocamento que mais favorece a palatalização das consoantes /t/ e /d/ é o deslocamento IV, constituído pelos estudantes oriundos de outros estados do Brasil, confirmando a nossa primeira hipótese. Podemos observar que entre os deslocamentos I, II e III, constituídos pelos estudantes sergipanos, a realização da variante palatal se mostrou mais frequente no deslocamento I, confirmando a segunda hipótese aventada para a variável deslocamento geográfico. Os deslocamentos II e III não apresentaram diferenças significativas em relação a variante palatal, a proporção entre esses dois grupos foi muito próxima.

Os resultados apontaram para uma polarização das variantes oclusiva e palatal entre os deslocamentos. O uso da variante palatal apresentou-se como sendo a variante predominante do deslocamento IV, enquanto a variante oclusiva alveolar apresentou-se como sendo a variante predominante nos deslocamentos I, II e III formado por estudantes de diferentes comunidades de fala do estado de Sergipe.

Pelos resultados apresentados, podemos observar que nenhum dos deslocamentos apresentou uso categórico da variante palatal, nem mesmo o deslocamento IV, formado por falantes oriundos de outros estados. Como apresentado no capítulo 3, o deslocamento IV é formado por estudantes de diferentes comunidades de fala a exemplo de Ribeirão Preto (SP), São Paulo (SP), Campo Grande (MS), Alagoinhas (BA), Jequié (BA), Itabuna (BA), Ilhéus (BA), Euclides da Cunha (BA), Paulo Afonso (BA), Miguel Calmon (BA), Feira de Santana (BA), em tese, não sabemos qual a taxa de palatalização de cada uma dessas comunidades, mas, possivelmente, algumas delas apresentem de taxas de palatalização mais altas do que outras, justificando assim, o percentual de 68,1% da realização palatal e não de 100%. No entanto, podemos visualizar o

percentual de uso da palatalização de cada indivíduo para que possamos entender melhor o resultado apresentado.

Gráfico 9: Realização de /t/ e /d/ por falante no deslocamento IV (N total = 3.200)



Os resultados apresentados no gráfico 9 mostram que 4 dos 16 falantes desse deslocamento apresentam percentuais abaixo de 33%, nos demais, o percentual de palatalização varia de 72% a 92%. Os informantes que apresentaram taxas de palatalização abaixo de 33% são oriundos dos municípios de Paulo Afonso, Euclides da Cunha e Jequié.

A informante MUN4FI que apresentou percentual de palatalização de 33% nasceu na cidade de Jequié/BA, no entanto ela já morou em várias cidades e estados diferentes. No excerto (1), a informante fala os lugares onde já morou.

(1) DOCT eh cidade onde nasceu?

MUN4FI Jequié Bahia

DOCT por quanto tempo você morou lá?

MUN4FI eu me mudei trinta vezes já

DOCT quais os lugares que você já morou então?

MUN4FI aí são vários lugares eu não lembro de todos não mas eu já morei várias diversas vezes na Bahia em lugares diferentes e eu passei dois anos em Jequié dois três anos lá e eu já morei em Sergipe várias vezes também já morei em Lagarto acho que umas três vezes aqui eu já mudei três vezes só esse um ano eu já mudei três vezes de casa já morei em Belém já morei no Pará já morei em Recife já morei eh em Minas já morei Pará Belém e Minas Sergipe já morei em Salvador né? Bahia eu já falei Jequié eh não lembro mais.

É possível que a mobilidade geográfica da informante MUN4FI esteja interferindo no seu repertório linguístico, inclusive no uso das variantes palatais [ʃ] e [dʒ]. Podemos observar que ela já morou em regiões como Recife e Sergipe, em que a taxa de palatalização é baixa (CARDOSO et. al., 2014), talvez isso possa justificar a alta frequência de uso da informante.

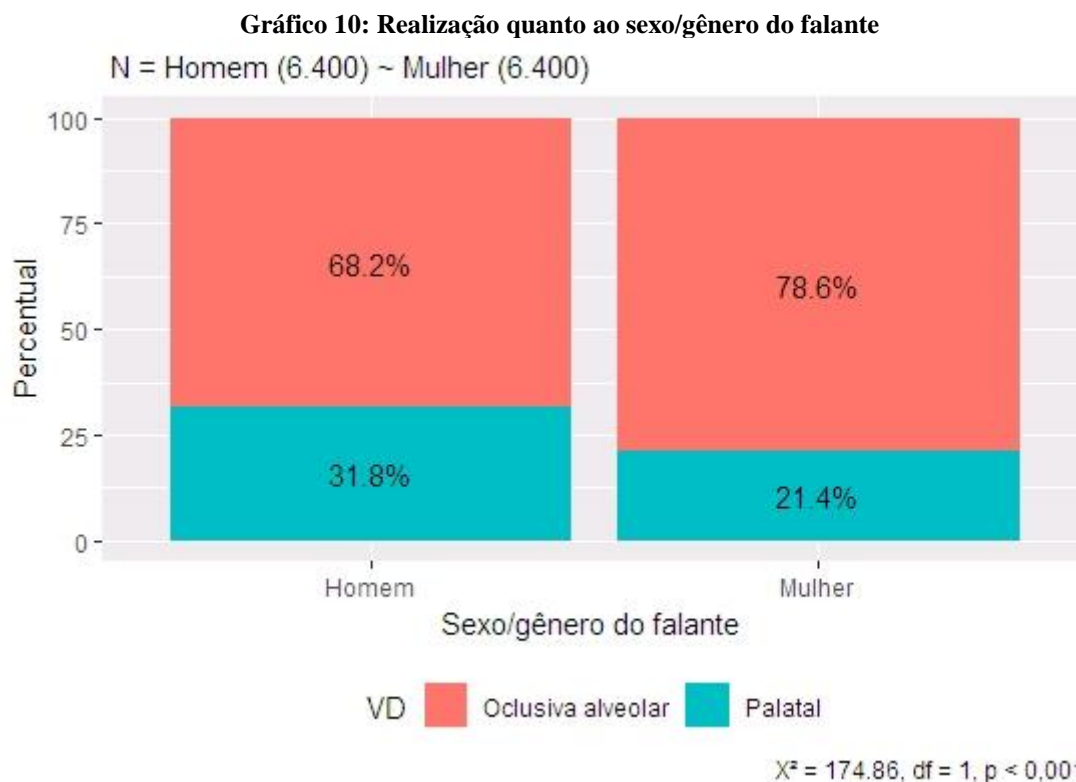
Os informantes JUL4FF e DOU4MI, que apresentaram percentual de uso de 3% e 33%, respectivamente, são oriundos de Paulo Afonso, cidade baiana que faz divisa com o estado de Alagoas, que também apresenta baixa taxa de palatalização. A informante MAR4FI, que apresentou percentual de uso de 11% da variante palatal, é da cidade de Euclides da Cunha/ BA. Ambas as cidades ficam no nordeste da Bahia e, possivelmente, a taxa da variante palatal nessas localidades deva ser baixa, no entanto, não podemos confirmar tal suposição, pois para isso seria necessário um estudo de campo nessas localidades.

Os 12 informantes desse deslocamento, oriundos de outras cidades do estado da Bahia e das cidades de São Paulo, Ribeirão Preto e Campo Grande, apresentaram altos percentuais da realização palatal. Os resultados, nessa amostra, mostram que os informantes oriundos de cidades mais ao sul da Bahia apresentam percentuais mais altos, tal como os informantes que vieram da regiões sudeste e centro oeste do Brasil.

Podemos verificar que os deslocamentos geográficos apresentaram valores de frequências bastante diversificados entre um e outro, o que indica que o fator geográfico/dialetal exerce influência no processo de variação e mudança quanto ao uso da variante palatal. Foi possível observar que mesmo dentro de uma comunidade de fala mais ampla, no caso do estado de Sergipe, a distribuição das variantes não ocorre na mesma proporção. Nesse sentido, podemos comparar os resultados dos deslocamentos I, II e III, constituídos pelos estudantes sergipanos, ao estudo de Souza (2016) que verificou que a variante palatal ocorre com maior frequência na capital em relação ao interior do estado de Sergipe.

4.3.3 A variável social sexo/gênero

A hipótese para variável sexo/gênero é que, assim como em outros espaços de maior prestígio, na comunidade de práticas UFS as mulheres fazem maior uso da variante palatal em detrimento aos homens, seguindo a tendência dos estudos anteriores realizados sobre a palatalização de /t/ e /d/.



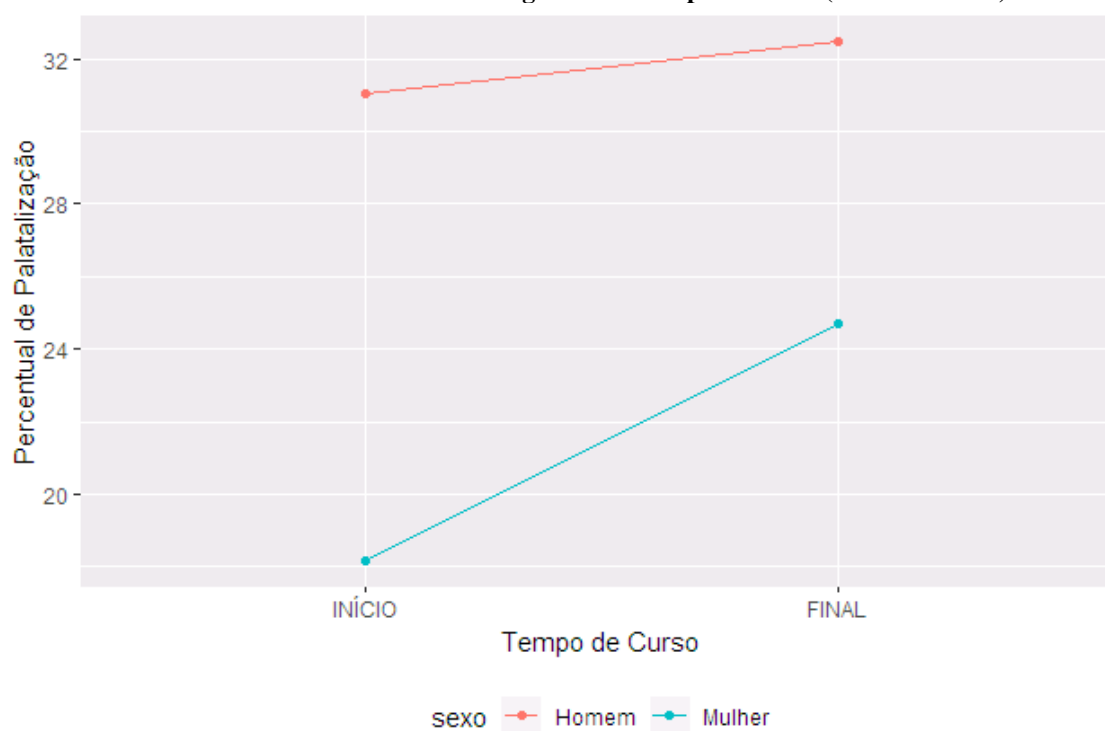
O teste estatístico mostra que a diferença é significativa ($\chi^2 = 174.86, df = 1, p < 0,001$). Os resultados mostram a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ ocorreu com maior frequência na fala dos homens com percentual 31,7% de 6.400 ocorrências analisadas, enquanto na fala das mulheres a frequência de uso apresentou-se um pouco menor com percentual de 21,4% de um total de 6.400 ocorrências, refutando a nossa hipótese de que seriam as mulheres que apresentariam maior uso da variante palatal na comunidade.

Resultados apresentados assemelham-se aos apresentados por Souza Neto (2014[2008]), na comunidade de fala de Aracaju, no estado de Sergipe e por Dutra (2007), na comunidade de Chuí, no estado do Rio Grande do Sul, que mostraram que a variante palatal foi mais frequente na fala dos homens.

4.3.4 A variável tempo de curso em relação a variável sexo/gênero

Com vista a responder ao questionamento acerca da influência do tempo de inserção na comunidade na realização das oclusivas /t/ e /d/, realizamos a análise da relação entre a variável sexo/gênero e o tempo do curso dos estudantes.

Gráfico 11: Cruzamento entre sexo/gênero e o tempo de curso (N total = 3.304)



No gráfico 11, no início do curso, as mulheres apresentaram percentuais de 18,2% da variante palatal e os homens apresentaram frequência de uso de 31,5% da variante palatal. Já no final do curso, as mulheres apresentaram percentuais de uso 24,7% da variante palatal, e os homens apresentaram percentuais de 32,5% da variante palatal. Esses resultados mostram o efeito do tempo de curso diante da variável sexo/gênero, podemos observar que tanto os homens quanto às mulheres apresentaram um aumento da variante palatal no final do curso.

Para verificar se o aumento entre homens e mulheres em relação ao tempo de curso teve diferença significativa, realizamos teste post-hoc que indicou que o fator mulher foi o que apresentou diferença significativa em relação a variável tempo de curso (com valor de $P < 0,001$). O fator homem apresentou aumento, mas a diferença não foi estatisticamente significativa.

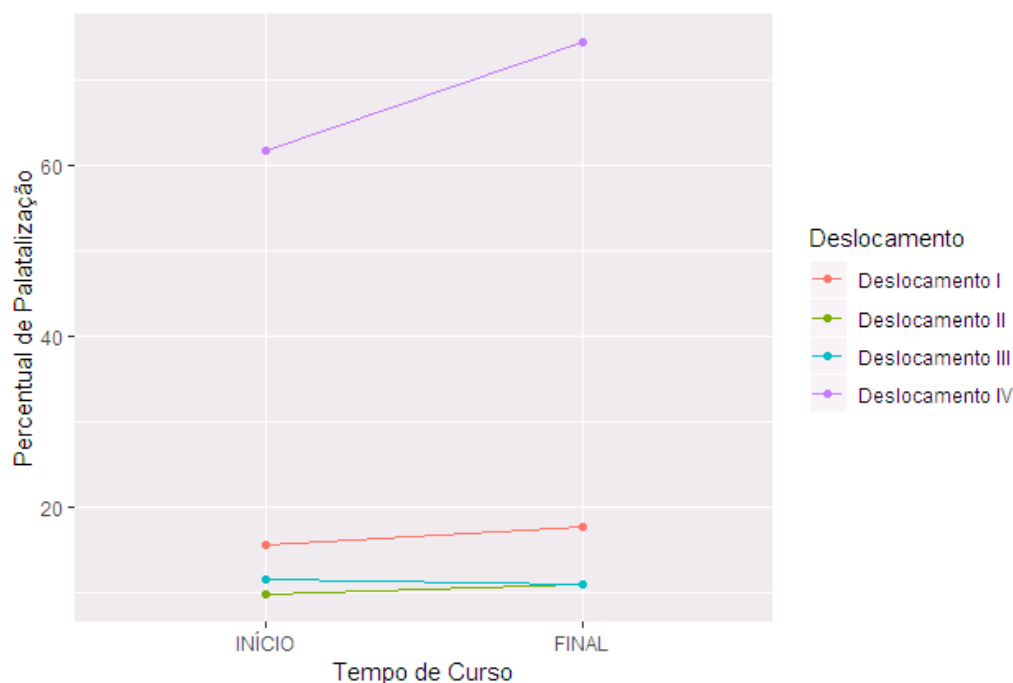
Dessa forma, podemos concluir que embora homens e mulheres tenham aumentado a frequência de uso da variante palatal no final do curso, o aumento foi maior na fala das mulheres. Pelo que foi possível analisar, os homens tanto no início quanto no final do curso apresentaram percentuais da variante palatal muito próximo, de modo que o fator tempo de curso parece exercer pouco efeito em relação ao uso da variante palatal das consoantes /t/ e /d/ diante dos homens. Já na fala das mulheres o

fator tempo de curso apresentou maior efeito, houve diferença significativa do início do curso para o final em relação aos percentuais de uso da variante palatal.

4.3.5 A variável tempo de curso em relação a variável deslocamento

Com vista a responder ao questionamento acerca da influência do tempo de inserção na comunidade na realização das oclusivas /t/ e /d/, realizamos também a análise da relação ente a variável deslocamento e o tempo do curso dos estudantes. Temos por hipótese que todos os grupos geográficos aumentam a proporção de palatalização no final do curso.

Gráfico 12: Cruzamento entre os fatores tempo de curso e deslocamento (N palatal 3.404)



No gráfico 11, podemos observar que há interação entre os fatores deslocamento e tempo de curso, notamos que os deslocamentos apresentaram aumento da variante palatal em relação ao final do curso. Para verificar se a interação entre os fatores tempo de curso e deslocamento foi significativa, realizamos o teste ANOVA de duas vias, o qual mostrou que a interação entre esses dois fatores é significativa com ($F_{(3,12792)}=6029$, $p < 0,0001$). Também foram encontradas diferenças significativas quanto ao percentual de palatalização devido ao tempo de curso ($F_{(1,12795)}=102,83$, $P\text{-valor}=2,2 \times 10^{-16}$) e ao deslocamento ($F_{(3,12795)}=5055.25$, $p < 0,0001$). O gráfico 12 ilustra a interação entre os fatores.

No início do curso, o deslocamento I apresentou percentual 15,6% da variante palatal e no final do curso o percentual aumentou para 17,8%. No deslocamento II, no início do curso o percentual foi 9,8% e, no final, tal deslocamento apresentou percentual de 11% da variante palatal. No deslocamento III, no início do curso, o percentual apresentado foi de 11,4% e, no final, a variante palatal apresentou uma leve diminuição, com percentual de 11%. O deslocamento IV, no início do curso, apresentou percentual 61,7% da variante palatal e, no final, o percentual aumentou para 74,6%. Os resultados apresentados mostram que dos quatro deslocamentos analisados nessa amostra, apenas o deslocamento III não apresentou aumento da variante palatal em relação ao fator final de curso.

Para verificar se o aumento em cada deslocamento em relação ao tempo de curso teve diferença significativa, realizamos teste post-hoc que indicou que o deslocamento IV foi o único que apresentou diferença significativa em relação a variável tempo de curso (com valor de $p < 0,001$). Os deslocamentos I e II apresentaram aumento, mas a diferença estatisticamente não foi significativa.

Os resultados apresentados confirmam a hipótese de que os estudantes dos deslocamentos I e IV aumentam o uso da variante palatal no final do curso, assim como os do deslocamento II, que também apresentaram maior percentual da variante palatal no final se comparado ao início do curso. O único deslocamento que não apresentou aumento da variante palatal foi deslocamento III, que manteve seu uso muito próximo em relação ao início do curso.

Com base nesses resultados, podemos concluir que os diferentes tipos de deslocamentos dentro da comunidade de práticas UFS interferem no processo de variação entre oclusiva e palatal, e que o tempo de inserção em uma comunidade pode mostrar efeitos de mudanças linguísticas, uma vez que, inseridos no mesmo espaço social e compartilhando práticas inerentes à comunidade, os estudantes interagem uns com os outros, de forma direta ou indireta, e acabam compartilhando, fortalecendo e/ou aderindo novas formas linguísticas por meio das práticas compartilhadas e o maior engajamento nas atividades da comunidade.

Na próxima seção, analisamos cada um dos fatores de integração à UFS para identificar quais são os fatores dinamizadores que estão impulsionando a mudança linguística na comunidade de práticas UFS.

4.4 FATORES DINAMIZADORES: A INTEGRAÇÃO À COMUNIDADE UFS

Para que os estudantes possam integrar-se a comunidade UFS, eles se deslocam das suas comunidades de fala de origem (estado, cidade, povoado), que são, conforme Labov (2008[1972]), conjuntos de pessoas que compartilham valores sobre regras em relação à língua. Na comunidade de práticas UFS estes estudantes passam a compartilhar modo de falar e repertórios linguísticos por estarem em contato com pessoas de diferentes regiões geográficas e diferentes dialetos. Além disso, os estudantes também compartilham de contextos sociais, como assistir aulas nas didáticas e nos auditórios, apresentar seminários, fazer estágios, participar de eventos promovidos pela instituição, projetos de extensão, projetos de pesquisa, projetos culturais e esportivos, frequentar espaços de convivência. Tudo isso faz com que os estudantes possam se integrar tanto com a comunidade quanto a outros estudantes que dela fazem parte, o que pode impulsionar ainda mais um processo de variação e mudança linguística que já ocorre.

Devido a essa dinâmica que acontece na comunidade de práticas UFS, analisamos fatores de integração que foram controlados na ficha social dos informantes. Todos os fatores foram analisados individualmente, com o objetivo de verificar quais atuam como dinamizadores da mudança. Por a variante palatal ter apresentado percentual de frequência muito alto no deslocamento IV, constituído por estudantes oriundos de outros estados do Brasil (deslocamento de fora), e um percentual baixo nos deslocamentos I, II e III, constituídos por estudantes sergipanos (deslocamentos de Sergipe), analisamos como os fatores de integração agem em cada um desses grupos.

Os fatores controlados foram:

- ✓ Com quem mora
- ✓ Ocupação
- ✓ Onde almoça
- ✓ Inserção acadêmica
- ✓ Vulnerabilidade

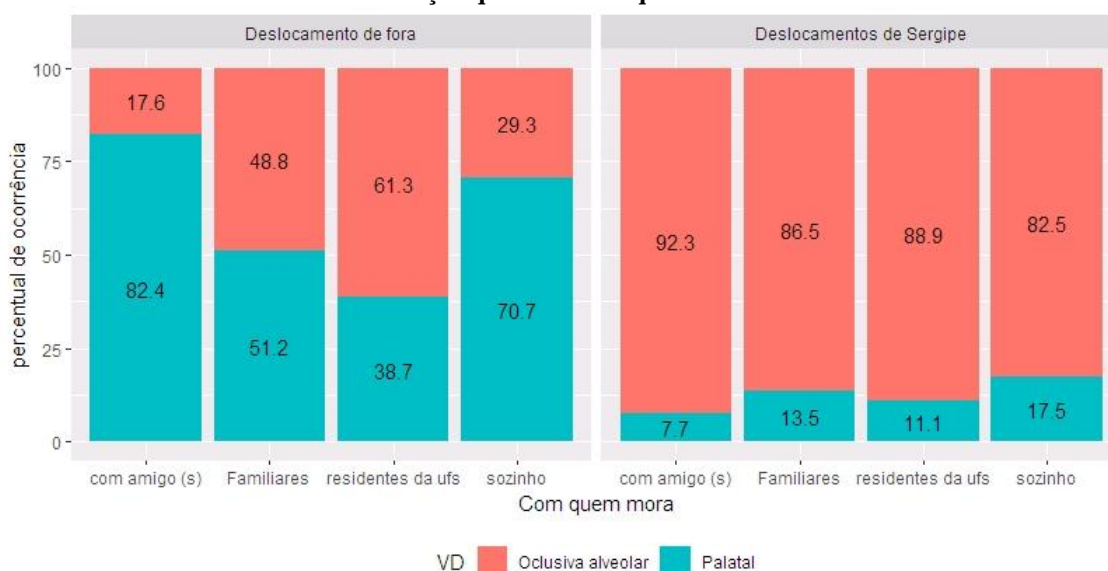
4.4.1 Com quem mora

Controlamos esta variável para verificar se há interferência na frequência de uso da variante palatal. O deslocamento de fora foi composto por 16 estudantes, distribuídos em diferentes categorias, dos 16, oito moravam com amigos, dois moravam com familiares, três moram com residentes da UFS e três moram sozinhos. Os

deslocamentos de Sergipe, o qual agrega os deslocamentos I, II e III, foi composto por 48 estudantes, dos cinco moravam com amigos, 36 moravam com familiares, oito moravam com residentes da UFS e três moravam sozinhos. Cabe ressaltar que foram analisadas 200 ocorrências para cada participante da amostra

Vejamos, no gráfico 13, como a variável dependente se comporta em relação à variável “com quem mora” tanto diante do grupo de estudantes que vêm de fora (deslocamento de fora), o qual apresentou alto percentual de palatalização, quanto diante do grupo de estudantes sergipanos (deslocamentos de Sergipe), que apresentou menor frequência de uso da variante palatal.

Gráfico 13: Realização quanto à com quem mora



Os resultados mostraram, nesta amostra, que no deslocamento de fora, os estudantes que apresentaram maior uso da variante palatal foram os que moram com os amigos. De um total de 1.600 ocorrências identificadas para o fator “morar com amigos”, 1.319 foram realizadas como palatal, equivalente a 82,4%, e 281 como oclusiva alveolar, equivalente a 17,6% do total. No fator “morar sozinho”, das 600 ocorrências analisadas, 424 foram palatalizadas, com percentual de 70,7%, e 176 tiveram realização oclusiva, com percentual de 29,3%. No fator “morar com familiares”, das 400 ocorrências analisadas, 205 foram palatalizadas, equivalente ao percentual de 51,2% e 195 com realização oclusiva, com percentual de 48,8%. No fator “morar com residentes da UFS”, das 600 ocorrências analisadas, 232 foram

palatalizadas, com percentual de 38,7%, e 368 tiveram realização oclusiva, com percentual de 61,3%.

Diante dos resultados apresentados para o deslocamento de fora, constatamos que os participantes dessa amostra que moram com os amigos reforçam ainda mais o uso da variante palatal, variante predominante neste deslocamento. Esse resultado, possivelmente, se deve ao fato desses estudantes que moram com amigos já terem um relacionamento de amizade anterior a Universidade e, quando passam a morar na mesma casa por conta da graduação, acabam compartilhando ainda mais normas linguísticas locais da sua variedade. Em contra partida, os estudantes que moram com residentes da UFS apresentaram o menor uso da variante palatal, e, conseqüentemente, maior uso da oclusiva alveolar. O fato desses estudantes estarem em contato cotidiano e por morarem com pessoas com uma variedade diferente da sua pode impulsionar ainda mais a variação nas consoantes /t/ e /d/.

Nos deslocamentos dentro de Sergipe, os estudantes que apresentaram maior uso da variante palatal foram os que moram sozinhos e os que apresentaram menor uso foram os que moram com os amigos. De um total de 1.000 ocorrências identificadas para o fator “morar com amigos”, 78 foram realizadas como palatal, equivalente a 7,7%, e 922 como oclusiva alveolar, equivalente a 92,3% do total. No fator “morar sozinho”, das 600 ocorrências analisadas, 105 foram palatalizadas, com percentual de 17,5%, e 495 tiveram realização oclusiva, com percentual de 82,5%. No fator “morar com familiares”, das 6.400 ocorrências analisadas, 865 foram palatalizadas, equivalente ao percentual de 13,5% e 5.535 com realização oclusiva, com percentual de 86,5%. No fator “morar com residentes da UFS”, das 1.600 ocorrências analisadas, 177 foram palatalizadas, com percentual de 11,1%, e 1.424 tiveram realização oclusiva, com percentual de 88,9%.

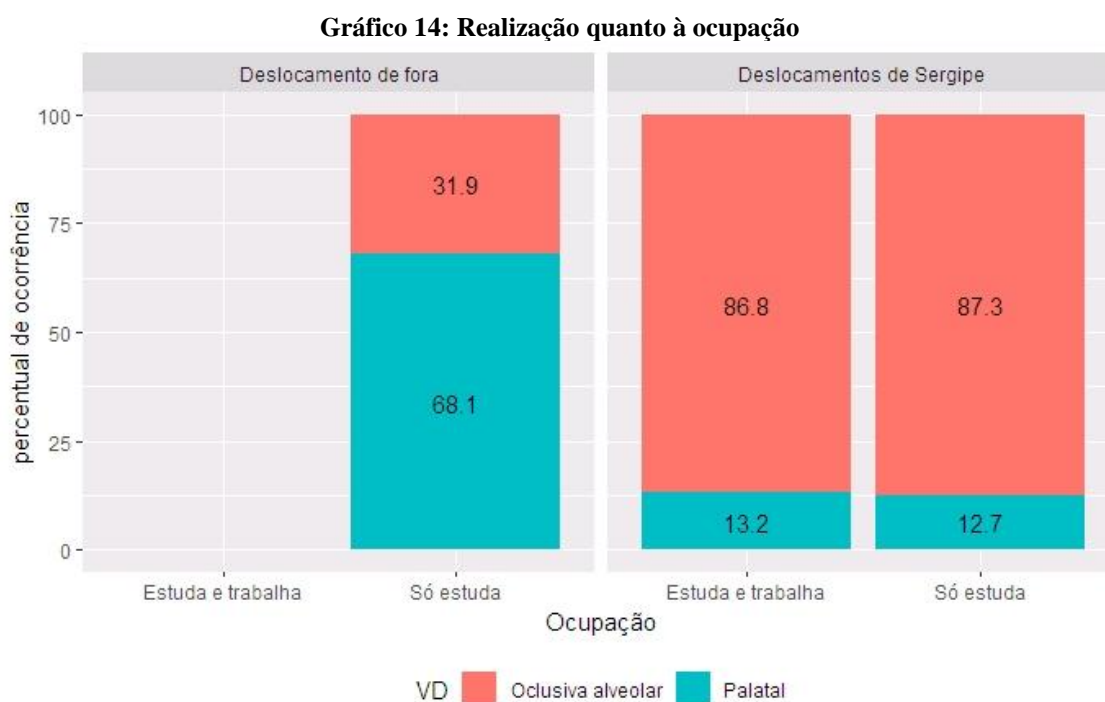
Os resultados para os deslocamentos de Sergipe em relação à variável com quem mora mostraram que o fator “morar sozinho” foi o que apresentou maior percentual de uso da variante palatal, seguido dos fatores “morar com familiares” e “morar com residentes da UFS”, o quais apresentaram percentuais muito próximos da realização palatal das consoantes /t/ e /d/. O fator “morar com amigos” foi o que se mostrou menos frequente quanto ao uso da variante palatal.

Nossa expectativa para esta variável era que os estudantes que morassem com outros estudantes em residências da UFS apresentassem maior uso da variante palatal, no entanto não foi isso que os resultados mostraram.

4.4.2 Ocupação

Esta variável foi analisada com a finalidade de verificar se há diferença entre os estudantes que só estudam e os que trabalham e estudam. Nossa expectativa era que os participantes que só estudam apresentassem maior frequência de uso da variante palatal.

No deslocamento de fora, os 16 participantes só estudam. Nos deslocamento de Sergipe, dos 48 participantes, seis trabalham e estudam e 42 apenas estudam. Vejamos a seguir os resultados apresentados no gráfico 14.



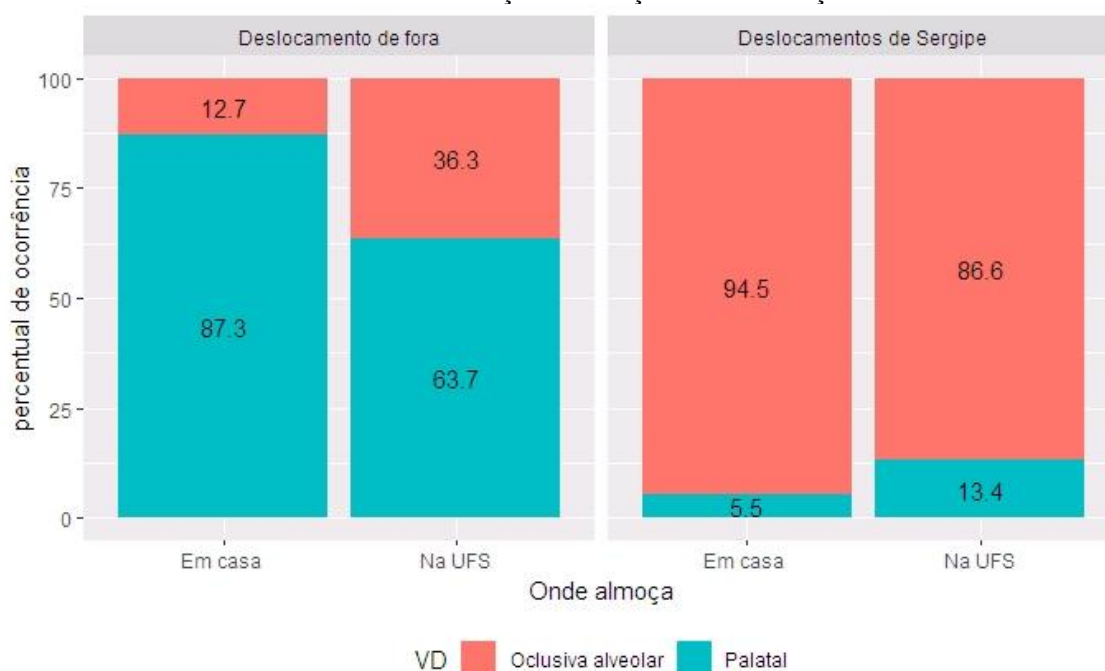
Os resultados mostraram que nos deslocamentos de Sergipe não há diferença entre o uso da variante palatal, tanto os estudantes que só estudam quanto os que estudam e trabalham apresentam percentuais muito próximos. No fator “só estuda”, das 8.400 ocorrências analisadas, 1.066 tiveram realização palatal, o que equivale a 12,7% do total; já no fator “trabalha e estuda”, das 1.200 ocorrências identificadas, 158 foram palatalizadas, equivalente a 13,2%. No deslocamento de fora do estado não foi possível fazer comparação, pois todos os estudantes que compõem este deslocamento, nesta

amostra, só estudam. Os resultados apresentados sugerem que a variável ocupação não interfere no uso da variante palatal.

4.4.3 Onde almoça

Esta variável foi controlada para verificar se há relação entre onde almoça e o uso da variante palatal. A nossa expectativa para essa variável era que os estudantes que almoçavam na UFS fossem mais integrados à comunidade UFS e, conseqüentemente, apresentassem maior frequência de uso da variante palatal.

Gráfico 15: Realização em relação a onde almoça



Os resultados apresentados no gráfico 15 mostraram que no deslocamento de fora, os estudantes que almoçam em casa apresentaram percentuais de uso da palatal mais alto se comparados aos estudantes que almoçam com UFS. Para o fator “almoça em casa”, das 600 ocorrências identificadas, 524 foram palatalizadas, o que equivale a 87,3% do total e 76 realizações oclusivas, com percentual de uso de 12,7%; para o fator “almoçar na UFS”, das 2.600 ocorrências analisadas, 1.656 foram palatalizadas, equivalendo ao percentual de 63,7% e 944 tiveram realização oclusiva, com percentual de 36,3%.

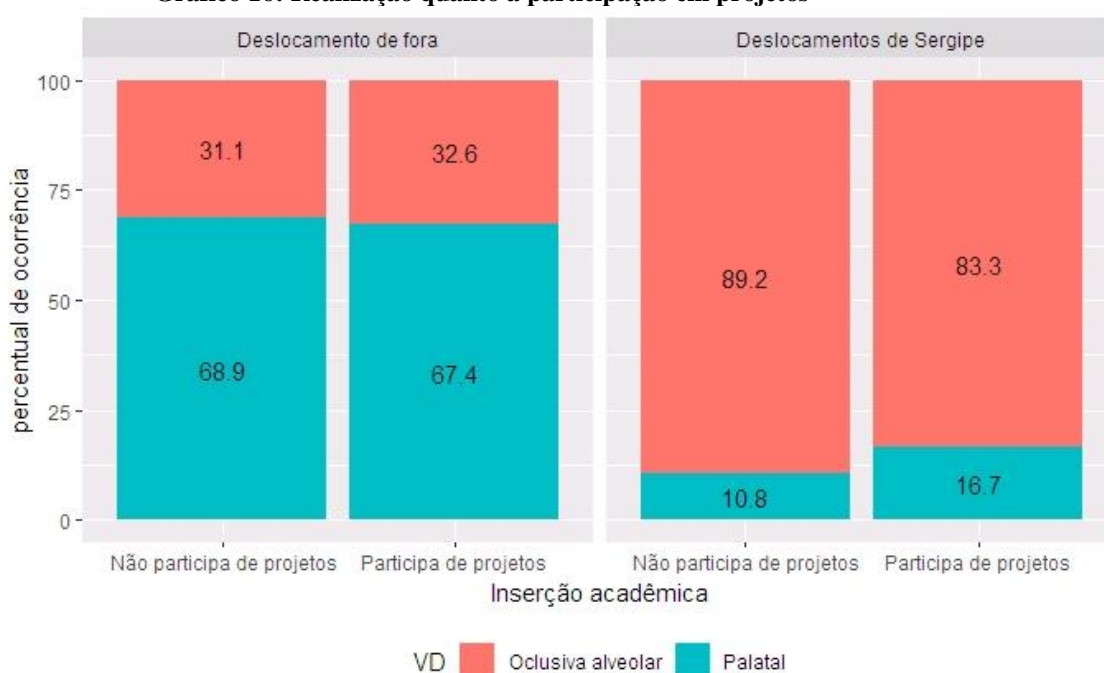
Nos deslocamentos de Sergipe, os estudantes que almoçam na UFS apresentaram maior uso da variante palatal em relação aos estudantes que almoçam em casa. Das 8.800 identificadas no fator “almoçar na UFS”, 1.180 foram palatalizadas,

com percentual equivalente a 13,4%, já o fator “almoçar em casa”, das 800 ocorrências analisadas, apenas 44 foram realizadas, equivalendo ao percentual de 5,5% do total para este fator. O fato de almoçar em espaço coletivo, como na UFS, sugere maior integração à comunidade, o que pode impulsionar a mudança, como vimos nos resultados.

4.4.4 Inserção acadêmica

O controle desta variável teve como objetivo verificar se há relação entre a participação em projetos e o uso da variante palatal.

Gráfico 16: Realização quanto à participação em projetos



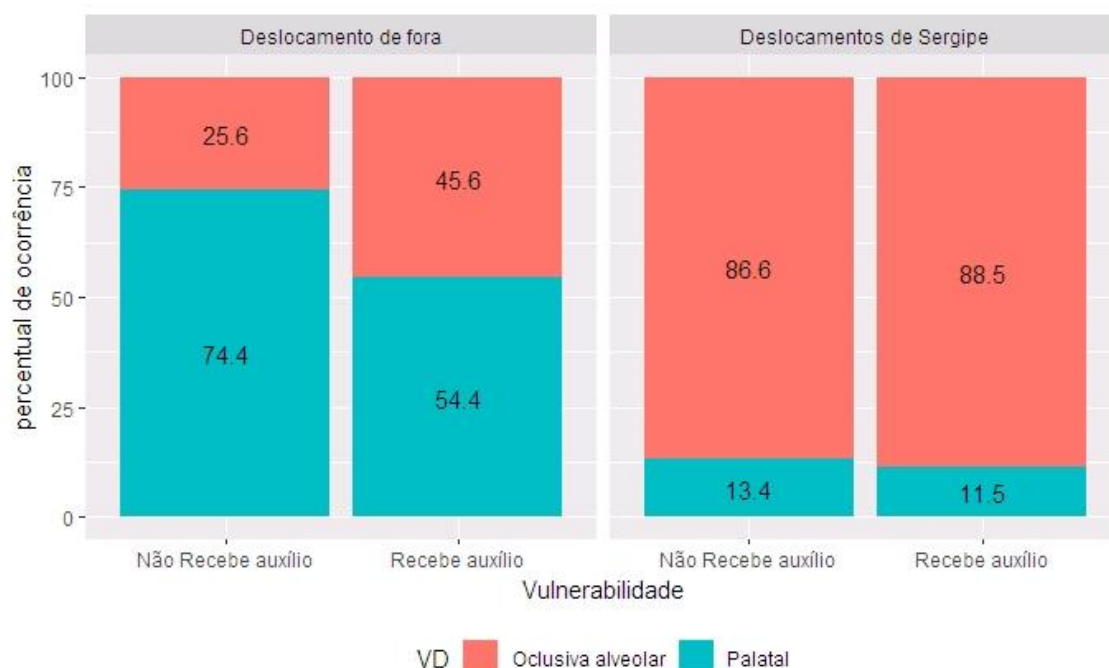
Os resultados apresentados no gráfico 16 mostram que no deslocamento de fora praticamente não há diferenças entre os estudantes que participam de projetos e os que não participam. Os que não participam apresentaram percentual de 68,9% da variante palatal, enquanto os que participam apresentaram percentual de 67,4%.

Já em relação aos deslocamentos de Sergipe, os estudantes que participam de projetos apresentaram maior percentual de ocorrência da realização palatal, com 16,7%, enquanto os estudantes que não participam, apresentaram percentual de 10,8%, de modo que os estudantes que fazem parte de projetos da UFS estão mais integrados à comunidade e, conseqüente, fazem maior uso da variante palatal.

4.4.5 Vulnerabilidade

Controlamos esta variável para verificar se a vulnerabilidade do estudante tem relação com o uso da variante palatal. A nossa expectativa era de que o aluno que recebia auxílio estivesse mais integrado a UFS e apresenta maior uso da variante palatal.

Gráfico 17: Realização das consoantes /t/ e /d/ quanto vulnerabilidade do estudante



No gráfico 17, os resultados mostraram que, no deslocamento de fora do estado, os estudantes que não recebem auxílio apresentaram percentual de uso da variante palatal de 74,4% de 2.200 ocorrências analisadas, enquanto os estudantes que recebem auxílio apresentaram percentual de 54,4% de um total de 1.000 ocorrências. Nos deslocamentos dentro de Sergipe, as diferenças percentuais foram muito próximas: enquanto os estudantes que não recebem auxílio apresentaram percentual de uso da variante palatal de 13,4% de um total de 6.400, os estudantes que recebem auxílio apresentaram 11,5% de um total de 3.200.

Quanto aos resultados apresentados em relação aos fatores de integração, os fatores agem de forma diferente entre os grupos de deslocamentos:

- I) no deslocamento de fora, ou seja, deslocamento IV, fatores de maior integração apresentam percentuais um pouco menores da variante palatal, enquanto os fatores de menor integração apresentam percentuais mais altos.
- II) Nos deslocamentos dentro de Sergipe, os fatores que sugerem maior integração apresentaram percentuais um pouco maiores em relação aos com menor integração.

Tais resultados indicam que, a depender da integração do estudante e do seu engajamento na comunidade e com outros membros que, dela, fazem parte, os falantes podem estar aderindo uma nova variedade linguística diferente da sua.

4.4.6 Análise do índice de integração à UFS

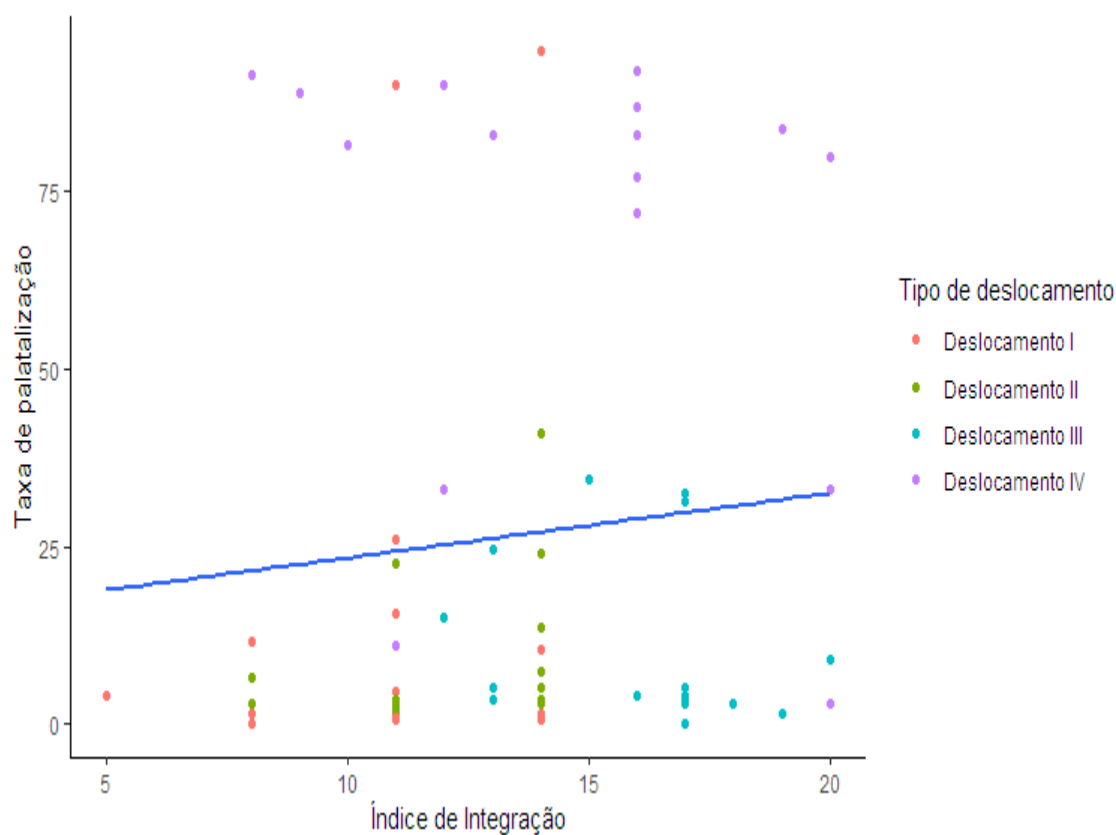
O índice de integração à comunidade de práticas UFS foi criado com o objetivo de medir o quanto a integração reflete no uso da variante palatal. Para tanto, consideramos os cinco fatores apresentados anteriormente (vulnerabilidade, onde almoça, inserção acadêmica, com quem mora e ocupação) mais o tipo do deslocamento. Como apresentamos na metodologia, para cada fator do índice atribuímos uma peso de 1 a 4, a fim de medir a integração. Depois de somados os pontos de cada estudante, comparamos a taxa de realização da variante palatal com a nota de integração à UFS.

Nossa hipótese para o controle de índice é de que há correlação entre a taxa de palatalização e o índice de integração, de modo que, quanto mais integrado o estudante é à comunidade de práticas UFS, maior uso da variante palatal.

Realizamos um teste de correlação entre a taxa de palatalização e o índice de integração, por meio da função `cor.test()`. O teste de correlação mostrou um valor de r de Pearson igual a 0.09, o que indica falta de correlação entre as duas variáveis. O intervalo de confiança de 95% estima que o r de Pearson poderia ter sido entre -0.15 e 0.33, um intervalo que inclui zero, daí o valor de significância ser maior que 0.05, neste caso, o valor de significância foi de 0,4527.

A análise estatística sugere não há correlação entre a taxa de palatalização e o índice de integração, o maior percentual de uso da variante palatal não ocorre na mesma proporção que os estudantes se integram a comunidade. Como podemos observar no gráfico 18, alguns estudantes obtiveram a mesma pontuação no índice de integração, no entanto, a frequência de uso da variante palatal foi bastante diferenciada.

Gráfico 18: Índice de integração, deslocamento



Embora não haja correlação entre as variáveis, podemos observar que há um efeito de integração em relação ao uso da palatal. Nos deslocamentos de Sergipe (I, II e III), à medida que aumenta a pontuação no índice, alguns estudantes apresentaram um aumento no uso da variante palatal. Foi possível observar, que entre os estudantes sergipanos, a taxa de realização palatal não foi maior que 41%, com exceção de dois estudantes (LUI1MF e ROD1MI) do deslocamento I, que apresentaram percentuais de ocorrência acima de 90%, participantes com uso da variante palatal quase que categórico. Já em relação aos estudantes do deslocamento IV, em que o uso da palatal é a variante predominante, alguns estudantes que apresentaram maior integração a comunidade, apresentaram percentuais de uso um pouco menores em relação aos menos integrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi observar a variação entre a realização oclusiva *versus* a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal fonológica /i/ (alternativa ~ alternatĩva, dizer ~ d̥izer), vogal fonética [I] derivada de /e/ em posição átona elevada (nordeste ~ nordestĩ, desfazer ~ d̥isfazer) ou semivogal /y/ (comédia ~ coméd̥ia, sítio ~ sít̥io) na fala de estudantes da comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Tendo em vista que a variante palatal das consoantes /t/ e /d/ apresentam frequência de uso variada a depender da variedade dialetal e considerando a dinâmica promovida pela expansão da UFS e o processo de mudança linguística pelo qual o estado de Sergipe está passando em relação ao uso da variante palatal, tivemos o seguinte questionamento: há influência nas diferentes realizações de /t/ e /d/ em função do tempo de inserção dos estudantes na comunidade de práticas UFS?

Tivemos por hipótese que o tempo de inserção na comunidade de práticas UFS influencia a realização das consoantes /t/ e /d/, de modo que quanto maior é o tempo que o falante tem na comunidade maior o uso da variante palatal, pelo maior tempo de contato que os membros desta comunidade têm com diferentes variedades do português – inclusive aquelas em que o uso das variantes palatalizadas é quase categórico – decorrente da mobilidade do acesso à educação superior e por ser uma variante prestigiada na comunidade (FREITAG; SANTOS, 2016; CORRÊA; RIBEIRO, 2018)

Nessa seção de considerações finais apresentamos o percurso realizado para o cumprimento desse objetivo, bem como, para o atendimento à pergunta que norteou essa pesquisa.

Na seção 1, tratamos das mudanças que ocorreram nas universidades públicas brasileiras nos últimos anos e de como essas mudanças refletiram no cenário social da Universidade de Federal de Sergipe. Apresentamos a teoria de variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]; LABOV, 2001), que preconiza que as mudanças na estrutura social refletem em mudanças linguísticas e que foi utilizada como base para o presente trabalho; tratamos os conceitos de comunidade de fala e de comunidade de práticas de Labov (2008[1972]) e Eckert (2006), bem como as noções de norma culta propostas por Lucchesi (2015) e Faraco (2008), relacionando a questão da variação.

Já na seção 2, tratamos da variação na realização das oclusivas /t/ e /d/ no português brasileiro. Tratamos do processo de palatalização, mostrando quais são as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o fenômeno da palatalização das oclusivas com base em estudos já realizados no Brasil. Abordamos a variação na realização das oclusivas /t/ e /d/ no estado de Sergipe com base nos estudos realizados, mostrando os fatores sociais e linguísticos que estão conduzindo o processo de variação e mudança linguística no estado.

Já na seção 3, abordamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, descrevemos a coleta dos dados, como foi realizado o tratamento dos dados, os tipos de análises que foram realizadas e a descrição das variáveis sociais e linguísticas que foram controladas nesse estudo.

E na seção 4, apresentamos os resultados obtidos por meio de análise estatística inferencial e análise descritiva a respeito da variação entre a realização oclusiva versus a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal fonológica /i/, vogal fonética [I] derivada de /e/ em posição átona elevada e semivogal /y/, expondo discussões relativas a fatores linguísticos (tipo de vogal, sonoridade, contexto anterior, contexto posterior e tonicidade) e ao fator tempo de curso (tempo de inserção na comunidade), atrelado ao fator social sexo gênero e ao fator geográfico deslocamento e integração a comunidade.

Sobre os resultados obtidos por meio das variáveis linguísticas, podemos afirmar que a variante palatal de /t/ e /d/ foi mais frequente diante do fator [-voz]; quanto à posição da sílaba, a sílaba postônica não final foi a que apresentou maior percentual de ocorrência da variante palatal; quanto à natureza da vogal que segue as consoantes /t/ e /d/, a semivogal /y/ foi a que apresentou maior percentual de ocorrência; quanto ao contexto anterior as consoantes /t/ e /d/, as fricativas alveolares [s,z] foram as que apresentaram maior percentual de ocorrência; e quanto ao contexto posterior que segue as consoantes /t/ e /d/, as vogais posteriores foram as que apresentaram maior percentual de ocorrência.

A análise desses fatores fez-se importante, pois conforme Labov (2008[1972]), os fatores linguísticos são importantes para explicar a propagação e regularidade da mudança, e os resultados obtidos confirmam essa regularidade, os fatores linguísticos seguem o mesmo padrão de condicionamento encontrado no estudo Souza (2016), no

estado de Sergipe, e em outros estudos sobre o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ em ambiente fônico regressivo, em outras regiões do Brasil.

Sobre o resultado do fator tempo de curso, constatamos que os estudantes apresentaram maior uso da variante palatal no final do curso, assim quanto maior o tempo de inserção dos estudantes na comunidade, maior a frequência de uso da variante palatal.

Já quanto ao fator social sexo/gênero, verificamos que, diferentemente da hipótese aventada, os homens da comunidade UFS foram os que mais favoreceram o uso da variante palatal. Ao relacionar esse fator ao tempo de curso, foi possível observar que homens e mulheres aumentam o uso da variante palatal no final do curso, no entanto, só as mulheres apresentaram diferença significativa em relação ao início e final do curso.

Quanto ao fator geográfico deslocamento, os resultados apresentados mostraram que a variante palatal ocorreu com maior frequência de uso no deslocamento IV, mostrando-nos que os estudantes que vêm de fora do estado já fazem maior uso da variante palatal. Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que o deslocamento IV apresentaria maior frequência de uso da realização palatal. Também foi possível verificar que nos deslocamentos constituídos por sergipanos, a variante palatal também ocorreu, no entanto, com frequência de uso mais baixas se comparados ao deslocamento IV(estudantes que vieram de outros estados); que no deslocamento I, constituído por estudantes da região metropolitana de Aracaju, onde fica localizada a capital do estado, a frequência de uso foi maior; e que nos deslocamento II e III, ambos constituídos por estudantes oriundos do interior do estado, a frequência de uso das variantes foi praticamente à mesma. Esses resultados confirmam a nossa segunda hipótese de que o deslocamento I apresentaria maior frequência de uso da variante palatal. Ao relacionar esse fator com o tempo de curso, constatamos que o tempo de curso exerceu influencia em relação aos deslocamentos I, II e IV, todos esses deslocamentos apresentaram aumento de percentual da variante palatal no final do curso se comparado ao início do curso. O único deslocamento que não apresentou aumento da variante palatal foi deslocamento III que manteve seu percentual muito próximo em relação ao início do curso.

Em relação aos fatores de integração, os resultados mostraram que eles agem de forma diferenciada entre o deslocamento de fora e os deslocamentos de Sergipe. Sobre o

índice de integração, os resultados mostram que não correlação entre a taxa de palatalização e o índice de integração à comunidade de práticas.

A partir desses resultados, é possível responder ao questionamento que norteou essa pesquisa: há influência nas diferentes realizações de /t/ e /d/ em função do tempo de inserção dos estudantes na comunidade de práticas UFS? O resultado do fator tempo de curso, assim como sua relação com os fatores sexo/gênero, o fator deslocamento geográfico, o cruzamento entre as variáveis tempo de curso e deslocamento, tempo de curso e sexo/gênero e os fatores de integração permitiu verificar que quanto maior é o tempo que o falante tem na comunidade maior o uso da variante palatal.

A contribuição deste trabalho está em, além de apresentar uma análise de fatores linguísticos em uma amostra composta por 64 membros de uma comunidade de práticas em um total de 12.800 dados, o que permite verificar a regularidade desses fatores, também em utilizar a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008[1972]) para verificar a influência do fator tempo de curso (tempo de inserção na comunidade) que em uma comunidade de práticas universitária é uma forma de observar o que Eckert (2006) apresenta como participação e engajamento, pois quanto maior o tempo de engajamento dos estudantes na comunidade de práticas UFS, maiores são as chances de participação em eventos comunicativos que lhes proporcione oportunidades de desenvolver identidades e repertórios linguísticos para vincular essas identidades.

Para possíveis direcionamentos futuros, pode-se refletir acerca de como funciona o padrão de outras variáveis linguísticas levando em consideração os efeitos dos deslocamentos realizados pelos estudantes universitários. O estudo aqui desenvolvido com fatores de integração em comunidades de práticas é um ponto de partida para se pensar em pesquisas futuras, pois analisando os fatores de integração de forma estratificada, podemos analisar de forma mais precisa os efeitos desses fatores em relação a outras variáveis linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/ In: ABAURRE, M. B. M. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 195-236.
- ANDRADE, T. R. C.; EVANGELISTA, F. R. S.; SANTANA, R. R.. A palatalização das Oclusivas Dentais [tʃ] e [dʒ] Antecedidas por Glide em São Cristóvão/SE. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 6, p. 622-637, 2016.
- ANDRADE, S.R.J.. **Proficiência em leitura e escrita: acesso, permanência e sucesso na educação superior**. 2018. Tese (Texto de Qualificação de Tese) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014**. Brasília, 2015.
- BATTISTI, E. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, n.8, 2011. p. 103-124.
- BATTISTI, E.; ROSA, R.S. Variação e mudança linguística: Análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do Rio Grande do Sul. **Sociodialeto** (Online), v. 2, p. 1-23, 2012.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. .Análise em tempo real da palatalização de [tʃ] e [dʒ] no Português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. **Revista da ABRALIN**, v.14, n.1, p. 221-246, jan./jun. 2015.
- BORTONI-RICARDO, S.M.. **Do campo para Cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. Ed. Parábola. São Paulo, 2011.
- BRITAIN, D. Contact and dialectology. In R Hickey (ed.). **Handbook of Language Contact**. Oxford: Blackwell. P. 208-229. 2010.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.. **Iniciação à fonética e a fonologia**. 11ªed. Zahar, Rio de Janeiro, 2009
- CAMPBELL-KIBLER K.; WALKER, A.; ELWARD, S.; CARMICHAEL, K.. Apparent time and network effects on long-term cross-dialect accommodation among college students. U. Penn **Working Papers in Linguistics**, Volume 20.2, 2014
- CARDOSO, S.A.M. S. et. al. **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, p.123, 2014.
- CEPÊDA, V.A.; MARQUES, A.C.H. **Um Perfil sobre a Expansão do Ensino Superior recente no Brasil: aspectos democráticos e inclusivos**. Perspectiva, S Paulo, v.42; p.161-192, jul/dez. 2012.

CORRÊA, T.R.A.; RIBEIRO, C. C. S. . Avaliação social da palatalização de /t, d/ em Sergipe. **A Cor das Letras** (UEFS), v. 19, p. 109-123, 2018.

CORRÊA, T.R.A. Estereótipo, estigma e preservação de faces: a realização africada de oclusivas alveolares seguidas de glide palatal em uma comunidade escolar de Aracaju/SE. **Caderno Seminal Digital (Rio de Janeiro)**, v. 30, p. 316-344, 2018.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 5989, jul./dez. 2012.

DUTRA, E. O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

ECKERT, P. Communities of Practice. In: Brown, K., Ed., **Encyclopedia of Language and Linguistics**, 2nd Edition, Elsevier, Amsterdam, 2006, 683-685.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, 2012, p.87-100.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010[1992].

HELLWIG, B.; GEERTS, J. “ELAN - Linguistic Annotator. Versão 5.0.0-alpha”, 2017. Disponível em <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>

FARACO, C. A.. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, n. 11, p. 105-121, 2005.

FREITAG, R. M. K. A palatalização de oclusivas dentais antecidas de glide palatal como marca de identidade na cidade de Itabaiana/SE. In: **VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1. p. 2339-2343.

FREITAG, R. M. K. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 16, p. 115-132, 2009.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis: PPGLg, v. 14, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C.G. (Org.). **Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015a. p. 17-74.

FREITAG, R. M. K. Socio-stylistic aspects of linguistic variation: schooling and monitoring effects. **Acta Scientiarum. Language and Culture** (Online), v. 37, p. 127-136, 2015b.

FREITAG, R. M. K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, p. 667-686, 2018.

FREITAG, R. M. K. Português nordestino: para além das capitais. (no prelo)

FREITAG, R. M. K. NURC, um banco de dados sociolinguístico. In: OLIVEIRA JR. M. (org.). **NURC 50 anos**. São Paulo: Parábola, 2019, p. 125-134.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

FREITAG, R. M. K.; SANTANA, C. C.; ANDRADE, T. R. C. Relações de gênero e formas de tratamento e uma comunidade religiosa. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (ed.). **Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 253–266.

FREITAG, R. M. K. et alii. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G., GORSKI, E. M. (org). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2016, p. 141-160.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, O. A. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: Norma da Silva Lopes, Silvana Silva de Farias Araújo, Raquel Meister Ko. Freitag. (Org.). **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. 1ed. São Paulo: Editora Blucher, 2016, v. , p. 109-122.

FREITAG, R. M. K.; SOUZA, G.G.A. . O caráter gradiente vs. discreto na palatalização de oclusivas em Sergipe. **Tabuleiro de Letras**, v. 10, p. 78-89, 2016.

GODINHO, C. S.. **Variação das oclusivas alveolares no falar paraense**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) - Universidade Federal do Pará.

HENRIQUE, P.; HORA, D.. Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. In: **XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, 2012, Natal-RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012

JARDIM A.P. Reflexões sobre a modalidade pendular. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

JESUS, J. M. **Formação para a docência vs. Permanência na Universidade: Efeitos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID**. 2018. 130 fs. Doutorado em andamento em Educação – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

LABOV, W..**Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.

LABOV, W.. **Principles of Linguistic Change: external factors**. Oxford & Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W.. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.

LEITE, C. M. B. **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2004. 138f.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MAURI, C.. **Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de Forquetas, Caxias do sul (RS)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul: Caxias do Sul, 2008

MENDES, R. B., OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **Alfa**, vol. 56(3), 973-1001, 2012.

MENDES, R. B., OUSHIRO, L. Documentação do Projeto SP2010 – **Construção de uma amostra da fala paulistana**, 2013. Disponível em <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliograficaAndgt>.

MENEZES, C. R. C. Dinâmica Urbana do Bairro Rosa Elze: o papel das políticas públicas na transformação do espaço. **Revista Scientia Plena**, vol. 7, n. 11, nov. 2011.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. Routledge: Taylor & Francis eLibrary. New York, 2006.

MILROY, L.. "Social Networks." **The Handbook of Language Variation and Change**. Chambers, J. K., Peter Trudgill and Natalie Schilling-Estes (eds). Blackwell Publishing, 2003. Blackwell Reference Online. 31 December 2007.

MOTA, J. A.. Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo;

Guaraciaba Micheletti; Vilma Lia de Rossi Martin. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008, v. 1.

OLIVEIRA, A. T. R. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório, In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

OUSHIRO, L. “Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas.” In: FREITAG, R. M. K. (Ed.), **Metologia de coleta e manipulação dedados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**. 2017. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Tutorial).

PAGOTTO, Emílio G. **Variação é identidade**. 2001. 454. f. Tese (Doutorado em Letras- Linguística) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAULA, A. T. de. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngues de Taquara e de Panambi RS análise quantitativa**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de pós graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIRES, L. B. A palatalização das oclusivas dentais em São Borja. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. **R Foundation for Statistical Computing**, Vienna, Austria, 2018. URL: <http://www.R-project.org/>

RIBEIRO, C. C. S. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições locativas em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe.

ROCHA, F.; ALMEIDA, N. L. F.. O fenômeno palatização em zonas rurais e urbanas do Paraguaçu. In: **VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009**, João Pessoa - PB - BR. ABRALIN 40 anos. João Pessoa - PB - BR: ideia, 2009. v. 1. p. 1531-1537.

SANTANA, A. L. **As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo. 2018. 157f. Dissertação de mestrado. Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo.

SOUZA NETO, Antônio Felix de. **Realizações dos fonemas /t/ e [d] em Aracaju - SE**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

SOUZA, G. G. A. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2016.

TRUDGILL, P. **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **UFS em números** 2013/2014. http://indicadores.ufs.br/uploads/page_attach/path/3468/ufsnumerosdigitalok.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **UFS em números** 2015/2016. http://indicadores.ufs.br/uploads/page_attach/path/1696/ufs_em_numeros_2015_web.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **UFS em números** 2017. Edição especial http://indicadores.ufs.br/uploads/page_attach/path/1367/ufs_em_numeros_2014.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **RESOLUÇÃO Nº 11/2014/CONSU**. http://proest.ufs.br/uploads/page_attach/path/868/assistencia-estudantil.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2016/2020**. http://oficiais.ufs.br/uploads/page_attach/path/1005/PDI-UFS_2016-2020__1_-min.pdf.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista

- 1- Qual o seu primeiro nome?
- 2- Onde você mora?
- 3- Há quanto tempo mora nesse lugar?
- 4- Sempre morou nesse lugar?
- 5- Gosta de morar em (cidade onde a pessoa mora)?
- 6- Você tem uma vida social ativa em onde você mora? Quais os lugares que você costuma frequentar?
- 7- Se tivesse oportunidade, moraria em outro lugar?
- 8- Seus pais sempre moraram em (cidade onde a pessoa mora)?
- 9- O que é atrativo na sua cidade?
- 10- Onde você mora é seguro?
- 11- Já aconteceu alguma coisa que te deixou assustado (a)? Do tipo estupro, assassinato, assalto, violência contra mulher e outras situações do tipo. (se aconteceu pergunte: o que? Como foi?)
- 12- Qual era a sua impressão acerca da UFS? Qual era a sua expectativa? Elas se confirmaram, ou não?
- 13- Qual o motivo de ter escolhido esse curso? Está satisfeito (a)?
- 14- Sempre foi sua vontade fazer este curso? (porque está cursando?)
- 15- Você trabalha? Em quê? Desde quando? Gosta do que faz?
- 16- O curso de graduação que você está estudando será útil à sua profissão? Fale um pouco sobre a área em que você pretende atuar.
- 17- O que eu deveria fazer para seguir a sua profissão/seu curso?
- 18- O que eu deveria fazer para conseguir uma vaga no mercado de trabalho e me destacar na sua área? Quais dicas TU me darias?
- 19- Você sente orgulho em ser aluno (a) da UFS? Você tentou mais de uma vez para ser aprovado (a)?
- 20- O que você acha do ENEM? Por quanto tempo você se preparou para esse exame?
- 21- Você está tendo ou teve a oportunidade de participar de projetos de pesquisa? (caso a pessoa esteja participando ou já participou, pergunte como foi a experiência, se contribuiu para sua formação acadêmica).
- 22- A sua área promove muitos eventos acadêmicos: congressos, seminários, encontros? Quando tem, você participa? Como você acha que eles contribuem na sua formação?
- 23- O que você acha que precisa melhorar aqui na universidade?
- 24- Como faço para chegar à reitoria/prefeitura/centro de vivência da UFS? Diga o passo a passo que tenho que fazer.
- 25- O que você está achando do cenário político do Brasil nesse momento?

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro informante,

Estamos convidando-o a participar como voluntário de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de situações de interação.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos um trabalho acadêmico vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras.

A entrevista coletada ficará disponível no bando de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS; para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, seja por motivo de constrangimento e/ou outros motivos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Consentimento para participação

Eu, _____, idade: _____, estado civil _____, RG: _____, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização de minha entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 196/96. Autorizo também que a minha interação fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras.

_____, ____ de ____ de ____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Assinatura do (a) coordenador(a)/orientador(a): _____

ANEXO C – FICHA SOCIAL DO PARTICIPANTE

Ficha Social do participante

Nome: _____

Qual o curso? _____ **Campus/UFS:** _____

Qual a sua ocupação? _____ **Gênero:** _____ **Idade:** _____

Profissão dos seus pais: _____ / _____

Cidade/UF onde nasceu: _____

Cidade/UF onde mora atualmente: _____ **Bairro** _____

Mora ...

☐ ☐ ☐ ☐

Na casa dos pais Republica Residência estudantil Casa própria

Onde almoça quando está aqui na UFS?

☐ ☐ ☐ ☐

No RESUN Nos restaurantes Vai almoçar Traz de casa
da redondeza em casa

Como você vem para UFS?

É bolsista?

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Sim Não A Transporte Transporte Carro Carona Taxi/Lotação/ Moto Bicicleta
pé coletivo escolar próprio Uber/moto
SETRANSP ou familiar taxi

Recebe algum Auxílio estudantil?

☐ ☐

Sim Não

Nº do Celular: _____

ANEXO D – ALINHAMENTO ELAN

